

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ
ESCOLA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO E DOUTORADO EM TEOLOGIA – PPGT/PUCPR**

KEDMA APARECIDA ALVES SOARES

**O MINISTÉRIO DE CATEQUISTA: UM ESTUDO DE CASO SOBRE A
DIOCESE DE CORNÉLIO PROCÓPIO - PR**

CURITIBA

2024

KEDMA APARECIDA ALVES SOARES

**O MINISTÉRIO DE CATEQUISTA: UM ESTUDO DE CASO SOBRE A
DIOCESE DE CORNÉLIO PROCÓPIO - PR**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Teologia (PPGT), Área de Concentração, Teologia Ético-Social, Linha de Pesquisa Teologia e Sociedade, da Escola de Educação e Humanidades, da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, como requisito à obtenção do título de Doutora em Teologia.

Orientador: Prof. Dr. Mário Antônio Sanches

Coorientadora: Prof.^a Dra. Clélia Peretti

CURITIBA

2024

Dados da Catalogação na Publicação
Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/PUCPR
Biblioteca Central
Luci Eduarda Wielganczuk – CRB 9/1118

S676m Soares, Kedma Aparecida Alves
2024 O ministério de catequista : um estudo de caso sobre a Diocese de Cornélio
Procópio – PR / Kedma Aparecida Alves Soares ; orientador: Mário Antônio
Sanches ; coorientadora: Clélia Peretti. – 2024.
176 f. : il. ; 30 cm

Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2024
Bibliografia: f. 155-161

1. Teologia. 2. Catequistas. 3. Catequese. 4. Igreja Católica. Diocese de
Cornélio Procópio (PR). I. Sanches, Mário Antônio. II. Peretti, Clélia. III. Pontifícia
Universidade Católica do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Teologia.
IV. Título.

CDD. 20. ed. – 230



Programa de
**PÓS-GRADUAÇÃO
EM TEOLOGIA
PUCPR**

**ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE EXAME DE TESE Nº.010.2024
DEFESA PÚBLICA DE TESE DE DOUTORADO DE TEOLOGIA**

Kedma Aparecida Alves Soares

Aos vinte e seis dias de novembro de dois mil e vinte e quatro, às quatorze horas reuniu-se por videoconferência a banca examinadora constituída pelos professores doutores Mário Antônio Sanches, Márcio Luiz Fernandes, Abimar Moraes, Rafael Martins Fernandes, e a professora doutora Clélia Peretti, para examinar a Tese de doutorado de Kedma Aparecida Alves Soares ingressante no Programa de Pós-Graduação em Teologia - Doutorado, no ano de 2021, na Área de concentração: Teologia Ético-Social, Linha de Pesquisa: Teologia e Sociedade. A doutoranda apresentou a tese intitulada: O MINISTÉRIO DE CATEQUISTA: UM ESTUDO NA DIOCESE DE CORNÉLIO PROCÓPIO. A candidata fez uma exposição sumária da tese, em seguida procedeu-se à arguição pelos membros da banca e, após a defesa, a candidata foi APROVADA pela Banca Examinadora. A sessão encerrou-se às 16h20m. Para constar, lavrou-se a presente Ata, que segue assinada pelo presidente da Banca Examinadora e pela coordenação do Programa. Os avaliadores (as) participaram da banca de Defesa de Tese de forma híbrida e estão de acordo com termos acima.

Prof. Dr. Mário Antônio Sanches
Presidente/Orientador



Documento assinado digitalmente
MARIO ANTONIO SANCHES
Data: 26/11/2024 17:33:22-0300
Verifique em <https://validar.itd.gov.br>

Profa. Dra. Clélia Peretti
Coorientadora

Prof. Dr. Márcio Luiz Fernandes
Convidado Interno

Prof. Dr. Abimar Moraes
Convidado Interno

Prof. Dr. Rafael Martins Fernandes
Convidado Externo

Prof. Dr. Waldir Souza

Coordenador interino do Programa de Pós-Graduação em Teologia
Stricto Sensu



AGRADECIMENTOS

Cheguei aqui, bem acompanhada, foram várias pessoas agraciadas por Deus em minha caminhada no conhecimento catequético! Obrigada pela Palavra que se fez sacramento em minha vida, fez-me pensar diferente, abriu-me portas e janelas para ver que, além do sofrimento e da dor, tudo passa. E, na travessia dos quatros anos de doutorado, fui sendo transformada pela experiência e convivência. Obrigada Senhor!

Obrigada aos meus pais, Terezinha e Wilson, juntamente com os meus irmãos (ãs): Wilza, Wilson (*In memoriam*), Wilber, Eliete e Wislene. Aos encantados sobrinhos: Víctor, Sara, Esther, Leonardo, Luan, Maria Eduarda e Ana Lara.

À querida coorientadora, Profa. Dra. Clélia Peretti, que não mediu esforços para indicar autores para a pesquisa. Muito obrigada pelo carinho, hospedagem e simpatia! Agradeço ao Dr. Mário Sanches, pela acolhida, dando continuidade ao trabalho por concluir em colaboração a Dra. Clélia Peretti. Muito obrigada, pela oportunidade! Obrigada ao Frei Ildo Perondi, pelo incentivo e carinho com a Palavra de Deus com a qual me encantei e por isso cheguei até aqui.

Muito obrigada à Diocese de Cornélio Procopio pela acolhida na Animação Bíblico-Catequética, em 2020, na pessoa do Padre Rafael Direito Teixeira e de Dom Manoel João Francisco, em especial, e por todos os padres. Em 2022, Dom Marcos José dos Santos chegou e continuamos o trabalho. Obrigada mais uma vez pela confiança e acolhida.

Obrigada aos coordenadores e coordenadoras paroquiais de catequese pelo apoio, confiança em acreditar e assumir as solicitações catequéticas.

Obrigada às Irmãs do Sagrado Coração de Maria de Berlaar, que me acompanharam na longa trajetória da vida religiosa. Obrigada, que Deus as recompense! Quero lembrar os meus amigos, tesouros, joias raras, no apoio e partilha da vida, que a fizeram ficar mais leve, com as risadas, as buscas, o aprendizado, as palavras, as mensagens. Como crescemos juntos!

“A alma formada pela palavra de Deus
continua formando espontaneamente no
mesmo sentido”.
(Stein, 2020, p. 14)

RESUMO

A presente pesquisa, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, na linha de Pesquisa Teologia e Sociedade, intitula-se “O ministério de catequista: um estudo de caso sobre a Diocese de Cornélio Procopio-PR”. Trata-se de um estudo sobre a formação de catequista, e o seu objetivo geral foi analisar como a Diocese de Cornélio Procopio aborda a formação permanente de catequistas, promovendo o desenvolvimento de sua identidade e vocação, além de identificar metodologias e fundamentos pedagógicos adequados para a iniciação à vida cristã. A questão norteadora da pesquisa foi o itinerário catecumenal que o(a) catequista ensina, educa na fé os(as) catequizandos(as). A análise utiliza o método fenomenológico de Edith Stein, correlacionando a formação de catequistas e catequizandos(as) com os requisitos necessários para a instituição do ministério catequético, visando a uma atuação eficaz, conforme a missão eclesial. O estudo abrange a história da catequese na Igreja até a contemporaneidade da diocese e utiliza entrevistas estruturadas qualitativas para captar as experiências dos sujeitos. Os(as) catequistas desenvolvem habilidades essenciais, como comunicação, trabalho em equipe, liderança e empatia, sensibilizando o Povo de Deus. A formação contínua é enriquecida por conteúdos que iluminam e explicitam a fé. A pesquisa destaca a necessidade de recursos adequados e apoio para a formação dos catequistas, que se mostram dispostos a buscar constante atualização. O estudo conclui que a formação de catequistas é vital para a evangelização e o crescimento espiritual da comunidade, promovendo laços comunitários e um sentido de pertença que acompanha os cristãos ao longo da vida.

Palavras-chave: catequista; formação permanente; evangelização; comunidade; identidade.

ABSTRACT

This research, linked to the Graduate Program in Theology at the Pontifical Catholic University of Paraná, in the line of research Theology and Society, is entitled “The ministry of catechist: a case study on the Diocese of Cornélio Procopio-PR”. It deals with a study on the formation of catechists, and its general objective was to analyze how the Diocese of Cornélio Procopio approaches the ongoing formation of catechists, promoting the development of their identity and vocation, as well as identifying appropriate methodologies and pedagogical foundations for initiation into Christian life. The guiding question of the research was the catechumenal itinerary that the catechist teaches, educating the catechized in the faith. The analysis uses Edith Stein's phenomenological method, correlating the formation of catechists and catechists with the necessary requirements for the institution of the catechetical ministry, with a view to acting effectively in accordance with the ecclesial mission. The study covers the history of catechesis in the Church up to the present day in the diocese and uses qualitative structured interviews to capture the subjects' experiences. Catechists develop essential skills such as communication, teamwork, leadership and empathy, raising awareness among the People of God. Ongoing formation is enriched by content that illuminates and makes explicit the faith. The research highlights the need for adequate resources and support for the formation of catechists, who are willing to seek constant updating. The study concludes that the formation of catechists is vital for evangelization and the spiritual growth of the community, promoting community ties and a sense of belonging that accompanies Christians throughout their lives.

Keywords: catechist; ongoing formation; evangelisation; community; identity.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Figura 1 - Bula de criação em 1973
- Figura 2 - 1º Bispo – Dom José Joaquim Gonçalves
- Figura 3 - Ata de posse de Dom José Joaquim Gonçalves
- Figura 4 - Jornal da época
- Figura 5 - Dom Domingos Wisniewski 2º Bispo
- Figura 6 - Plano de Pastoral
- Figura 7 - Dom Getúlio Teixeira Guimarães 3º Bispo
- Figura 8 - III Plano de Ação Pastoral
- Figura 9 - Plano de Ação Pastoral
- Figura 10 - Revista comemorativa
- Figura 11 - 4º Bispo - Dom Manoel João Francisco
- Figura 12 - 10º Plano de Pastoral
- Figura 13 - 5º Bispo - Dom Marcos José – Figura
- Figura 14 - 11º Plano de Pastoral –
- Figura 15 - Revista do Jubileu dos 50 anos
- Figura 16 - Missa do Jubileu de Ouro
- Figura 17 - Formação de catequistas online
- Figura 18 - Formação de catequistas presencial
- Figura 19 – Formação para o Ministério de Catequista

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AM	<i>Antiquum Ministerium</i>
AT	Antigo Testamento
CD	<i>Christus Dominus</i>
CIC	Catecismo da Igreja Católica
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
CR	Catequese Renovada
CT	<i>Catechesi Tradendade</i>
DAp	Documento de Aparecida
DC	Diretório para a Catequese
DCE	<i>Deus Caritas Est</i>
DCG	Diretório Catequético Geral
DGC	Diretório Geral para a Catequese
DNC	Diretório Nacional de Catequese
ES	<i>Ecclesiam Suam</i>
Ef	Carta aos Efésios
EG	<i>Evangelii Gaudium</i>
EN	<i>Evangelii Nuntiandi</i>
Gl	Gálatas
GS	Gaudium et Spes
HIP	História da Igreja do Paraná
Jo	João
Lc	Lucas
LG	<i>Lumen Gentium</i>
Mt	Mateus
n.	Número
PUEBLA	Documento de Puebla
RICA	Ritual de Iniciação Cristã de Adultos
Rm	Romanos
SC	<i>Sacrossanctum Concilium</i>
VD	<i>Verbum Domini</i>
Trad.	Tradutor

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
1.1 JUSTIFICATIVA	12
1.2 PROBLEMATIZAÇÃO	14
1.3 HIPÓTESE	16
1.4 OBJETIVOS	17
1.5 METODOLOGIA.....	18
1.5.1 Abordagem fenomenológica e pesquisa qualitativa	18
1.5.2 Pesquisa bibliográfica.....	19
1.5.3 Tipo de pesquisa.....	22
1.5.4 A pesquisa de campo	22
1.5.5 Metodologia de análise	23
1.6 ESTRUTURA DA TESE	25
2 FORMAÇÃO DE CATEQUISTAS DA DIOCESE DE CORNÉLIO	
PROCÓPIO	28
2.1 ORIGEM DA PARÓQUIA CRISTO REI DE CORNÉLIO PROCÓPIO	28
2.1.1 Concílio Vaticano II e a Diocese de Jacarezinho	30
2.1.2 A criação da Diocese de Cornélio Procópio.....	31
2.2 LUZES E SOMBRAS: A CATEQUESE DA DIOCESE DE CORNÉLIO PROCÓPIO33	
2.3 A INICIAÇÃO À VIDA CRISTÃ NA DIOCESE DE CORNÉLIO PROCÓPIO	36
2.4 OS CONGRESSOS DA ANIMAÇÃO BÍBLICO-CATEQUÉTICA NA DIOCESE.....	44
2.4 A FORMAÇÃO DE CATEQUISTA.....	46
2.4.1 A Ação Ministerial na Igreja	48
2.4.2 Igreja: lugar da prática ministerial.....	50
2.4.3 Gestão paroquial da catequese	53
2.5 O ITINERÁRIO CATECUMENAL DA CATEQUESE	55
2.5.1 O Rito de Iniciação Cristã de Adultos (RICA)	55
2.5.2 O itinerário da Iniciação à Vida Cristã.....	57
2.6 AS FASES DA INICIAÇÃO À VIDA CRISTÃ.....	58
2.7 A VIDA CRISTÃ E VOCAÇÃO PARA OS MINISTÉRIOS	64
2.8 REFLEXÕES CONCLUSIVAS	65

3 FORMAÇÃO E O MINISTÉRIO DE CATEQUISTA	69
3.1 A BIOGRAFIA DE EDITH STEIN	69
3.2 EDITH STEIN E O MÉTODO FENOMENOLÓGICO	72
3.3 A FORMAÇÃO PARA O MINISTÉRIO DE CATEQUISTA.....	77
3.4 A MISSÃO E O COMPROMISSO DO(A) CATEQUISTA.....	81
3.4.1 Métodos pedagógicos utilizados por Edith Stein	85
3.4.2 Por uma aprendizagem mais significativa.....	89
3.5 O MINISTÉRIO DE CATEQUISTA UM SERVIÇO ECLESIAL	101
3.5.1 Catequista: sujeito da catequese	102
3.5.2 Critérios e itinerários: instituição do ministério de catequista....	106
3.5.3 Catequista atuante e sua formação.....	107
3.5.4 O desafio para o catequista na prática	108
3.5.5 Catequista iniciantes e sua formação.....	110
3.6 O(A) CATEQUISTA DISCÍPULO DE JESUS	114
3.6.1 Educação da fé e formação permanente	116
3.7 REFLEXÕES CONCLUSIVAS	117
4 A PEDAGOGIA DA FÉ NO DIÁLOGO DA PRÁTICA	119
4.1 METODOLOGIA E COLETA DE RESULTADOS	121
4.2 A PRIORIDADE DA FORMAÇÃO DE CATEQUISTA NA DIOCESE	122
4.3 O SUPORTE DA FORMAÇÃO PERMANENTE PARA CATEQUISTA .	126
4.4 A PROPOSTA PEDAGÓGICA DA DIOCESE ATENDE OS(AS) CATEQUIZANDOS(AS).....	130
4.5 O(A) CATEQUIZANDO(A) COMPREENDE O CONTEÚDO TRANSMITIDO	132
4.6 O MINISTÉRIO DE CATEQUISTA INSTITUÍDO PELO PAPA FRANCISCO.....	134
4.7 A FORMAÇÃO DE CATEQUISTAS E A EDUCAÇÃO DA FÉ.....	135
4.8 O PAPEL DO CATEQUISTA NO ACOMPANHAMENTO DA FÉ	137
4.9 A CATEQUESE ESTÁ ORIENTADA PARA AS DIMENSÕES DA FORMAÇÃO CRISTÃ.....	140
4.10 FORMAÇÃO PERMANENTE DE CATEQUISTAS	142
4.11 COMUNIDADE: SUJEITO E LUGAR DE FORMAÇÃO DE CATEQUISTAS	143

4.12	ESPIRITUALIDADE E MÍSTICA DO CATEQUISTA	146
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	151
	REFERÊNCIAS	155
	ANEXO A - QUESTIONÁRIO DE PESQUISA	162
	ANEXO B - PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP	164

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa está vinculada à Área de Concentração Ético-Social e à Linha de Pesquisa Teologia e Sociedade. Esta Linha visa realizar pesquisa teológica, que perscrute a ação humana em contexto sociopolítico-cultural e desenvolve estudos sobre os seguintes temas: atividade educativa-formativa; subjetividade e expressões religiosas; transformações sociais e culturais; questões de gênero; intervenção sobre a vida humana propiciada pela ciência e tecnologia; cuidado em contextos de saúde.

Portanto, ela vincula-se à educação da fé na Igreja Católica que, desde seus primórdios, sempre reconheceu a importância do(a) catequista. Ele(ela), como pessoa, dá testemunho do seguimento de Jesus Cristo e coloca-se à disposição para acompanhar a caminhada de educação da fé, dos membros da comunidade, motivando-os para a adesão convicta à proposta do Evangelho.

Assim, a formação catequética contínua renova-se em seus métodos e exige também renovação no perfil do(a) catequista como pedagogo e mistagogo, a exemplo de Jesus. No caminho de maturação, ele(a) tem dupla missão: transmitir o ensinamento e conduzir o(a) catequizando(a) no mistério da fé. Nesse sentido, o despertar para o discipulado processa-se numa interação permanente, tanto para os evangelizadores(as) quanto para os(as) catequistas e catequizandos(as).

1.1 JUSTIFICATIVA

Esta pesquisa tem sua base na experiência de coordenação na área de catequese que venho realizando na Diocese de Cornélio Procopio, com a formação de catequistas da Iniciação à Vida Cristã (IVC). Há mais de seis anos realizo um trabalho diretamente ligado a essa formação e foi possível constatar que há muitos que se dedicam a este ministério, todavia, falta-lhes uma formação catequética mais “sólida” e “favorável “para uma integração de todas as dimensões da pessoa” (DC, 2020, 2).

Não obstante a essa defasagem, observa-se, na Diocese de Cornélio Procopio – PR e suas paróquias, a preocupação pela formação permanente de catequistas. Há um itinerário de formação continuada, porém, falta-lhes “harmonizar com sabedoria a atenção devida às pessoas e às verdades de fé, o crescimento pessoal e a dimensão comunitária, o cuidado com as dinâmicas espirituais e a

dedicação ao compromisso a favor do bem comum” (DC, 2020, 135). Mais especificamente, no itinerário formativo são imprescindíveis alguns elementos tais como: espiritualidade missionária evangelizadora; formação cristã integral; acompanhamento; uma pedagogia própria de um processo catequético; uma formação para a interioridade; uma formação que leve à autoformação. São indispensáveis, na proposta de formação de catequista, elementos pedagógicos que articulem as dimensões do ser, do saber, do fazer e do aprender (DC, 2020, 136).

Convém ressaltar que a formação é um processo que, por acontecer no íntimo de cada catequista, toca profundamente a sua liberdade e não pode ser reduzido apenas à instrução, à exortação moral ou à atualização de técnicas pastorais. Mas, como explicita Edith Stein (1988), tal processo deve torná-lo consciente no desenvolvimento de competências necessárias para a comunicação da fé e para o acompanhamento do crescimento dos irmãos.

Assim, além dos documentos da Igreja, tomamos como base os pressupostos antropológicos e pedagógicos de Edith Stein para fundamentar a formação de catequista. No itinerário pedagógico de Edith Stein, destaca-se a predisposição do sujeito, ou seja, sua abertura para o transcendente. “A fé está mais próxima da sabedoria divina do que toda ciência filosófica e até mesmo teológica” (Stein, 1988, p. 16). Nesse sentido, essa formação também passa pelo aprofundamento das dimensões psicofísica e espiritual, um processo a ser percorrido por etapas, experiências, aprofundamento da fé e acompanhamento.

A iniciação à vida cristã é sobretudo conhecer a Boa Nova que é o Evangelho de Jesus, que passou fazendo o bem e empaticamente ouvia e sentia as necessidades do povo. Jesus realizava a atitude do ouvir, ver e sentia as necessidades das pessoas tanto individual e coletivamente.

A empatia proposta por Edith Stein também contribuiu para fundamentar teoricamente o itinerário formativo de catequistas. A empatia, como ato *sui generis*, é para Stein indispensável para fortificar as relações, o conhecimento e o autoconhecimento na caminhada de fé. Dessa maneira, a ação pastoral catequética requer pessoas capazes de abrir-se para a realidade do outro, fazer-se próximo, colher suas vivências e a partir disso autoconhecer-se e abrir-se para o transcendente. Justifica-se, desse modo, também a escolha da abordagem antropológico-teológica de Edith Stein, do tema da empatia, do conceito de formação e do método fenomenológico para o desenvolvimento da pesquisa de campo e para

uma leitura mais adequada da vivência de formação do catequista *in loco*.

A catequese, para a Iniciação à Vida Cristã (IVC), envolve diferentes faixas etárias: crianças, adolescente e adultos; diferentes lugares; pessoas com deficiência, famílias, comunidades, pastorais e movimentos. Nesta realidade comunitária, em que se faz experiência concreta da misericórdia de Deus, é possível desenhar um itinerário para novos contributos formativos.

1.2 PROBLEMATIZAÇÃO

No seu itinerário, o educador da fé deve buscar ultrapassar ou transcender a dimensão do ensino de conteúdos conceituais, procedimentos ou atitudes, preparando assim o(a) catequizando(a) para a vida, partido do pressuposto que a educação e a vida fundem-se em uma só ação.

Em nossos dias, o(a) catequista não pode mais improvisar sua ação, deve sim estar formado para a arte do acompanhamento pessoal. “Este estilo requer uma disponibilidade humilde, para se deixar tocar pelas questões e interpelar pelas situações da vida, com um olhar cheio de compaixão, mas também respeitador da liberdade dos outros” (DC, 2020, 135c).

É nessa perspectiva que se aponta para uma discussão de como fomentar uma formação coerente entre os diversos estilos formativos, ou seja, “a necessidade de coerência entre a pedagogia global da formação catequética e a pedagogia própria de um processo catequético” (DC, 2020, 135d).

Além disso, “é necessário que o catequista amadureça a *docibilitas*, ou seja, a disposição para se deixar tocar pela graça, pela vida, pelas pessoas numa atitude serena e positiva perante a realidade para aprender a aprender” (DC, 2020, 135e). Seria muito difícil para os catequistas improvisarem, na sua ação, um estilo e uma sensibilidade, para os quais não tivesse sido iniciado durante a sua própria formação. E, ainda, “a disponibilidade para a autoformação é o que habilita o catequista a apropriar-se de um método formativo e a saber aplicá-lo a si e ao seu serviço eclesial” (DC, 2020, 135e).

Aponta-se, assim, para uma discussão que fomenta uma educação da fé que seja realmente capaz de conduzir a pessoa a não só conhecer, mas tornar-se íntima de Jesus Cristo, “a se entenderem como sujeitos sempre em formação e abertos às novidades do Espírito, de saberem preservar e alimentar sozinhos a própria vida de fé,

de acolherem o grupo de catequistas como recurso para a aprendizagem, de terem o cuidado de estar atualizados” (DC, 2020, 135f).

É necessário considerar os desafios em que vivemos nos quais está imersa a Igreja de Cornélio Procópio, para contemplar as dimensões da formação catequética e estas devem ser consideradas em profunda correlação, uma vez que são aspetos da unidade indivisível da pessoa.

Para um crescimento harmonioso da pessoa do catequista, é bom que o trabalho de formação esteja atento a não acentuar uma dimensão em relação à outra, mas que procure, pelo contrário, favorecer um desenvolvimento equilibrado, intervindo sobre os aspetos em que houver lacunas mais evidentes.

A catequese é necessária por ser “uma educação da fé das crianças, dos jovens e adultos, a qual compreende especialmente um ensino da doutrina cristã, dado em geral de maneira orgânica e sistemática, com o fim de os iniciar na plenitude da vida cristã” (CIC, n. 5). Na catequese, os(as) catequistas formam os catequizandos no discipulado de Cristo, transmitindo os ensinamentos da fé cristã.

Nesse sentido, o(a) catequista exerce um papel importante na educação da fé, na transmissão dos respectivos conteúdos, no uso de métodos e estruturas, com a finalidade de falar e testemunhar Jesus Cristo ao catequizando. A catequese não é apenas uma aquisição de teorias e conhecimentos, mas também momento privilegiado de experiência pessoal com Deus. A partir desses pressupostos, perguntamo-nos:

1. Qual a preocupação da Igreja na formação da identidade e no aprofundamento da vocação ao ministério da catequese?
2. A formação é um processo permanente e tem por finalidade conscientizar os catequistas de serem discípulos missionários. Qual a proposta de formação dos catequistas para a iniciação à vida cristã tem a Diocese de Cornélio Procópio?
3. A catequese é uma ação essencialmente educativa. Diante dos desafios atuais, quais abordagens fundamentam a pedagogia catequética e a formação permanente do catequista na Diocese de Cornélio Procópio?
4. Há correlação entre a formação do catequista com a formação do catequizando no processo de iniciação à vida cristã?
5. Quais os requisitos necessários para o catequista iniciante ser instituído no

ministério de catequista?

6. Qual a contribuição do método fenomenológico proposto por Edith Stein na análise da experiência do processo de formação dos catequistas?
7. A proposta de formação dos catequistas da Diocese de Cornélio Procopio contribui para a vida e à missão eclesial?

O(a) catequista é testemunha, mestre(a) e mistagogo(a), acompanhante e pedagogo(a) da própria vocação e talento, entendido de maneira evangélica. O Catecismo da Igreja Católica nos ensina: “Aquele que é chamado a ensinar o Cristo deve, portanto, procurar, primeiro, esse ganho supereminente que é o conhecimento de Cristo [...], e conhecer o poder de sua Ressurreição e a participação em seus sofrimentos” (CIC, 428).

Neste sentido, convém mostrar o Cristo na sua totalidade conforme o Evangelho. “É deste conhecimento amoroso de Cristo que jorra o desejo de anunciá-lo, de evangelizar e de levar outros ao sim da fé em Jesus Cristo” (CIC, 429).

As exigências da formação de catequista decorrem do sentido da catequese e da função que essa tem nos processos de evangelização. Compreende-se ela como um processo permanente de educação da fé. No itinerário pedagógico e mistagógico, a ação dialógica educa na fé e conduz o catequizando(a) ao Mistério Pascal, cujo centro vital está em Jesus Cristo. A chave para se compreender a vocação de catequista da IVC, de inspiração catecumenal, é uma catequese querigmática e mistagógica.

1.3 HIPÓTESE

A formação do catequista compreende várias dimensões e estas não devem ser consideradas independentes uma das outras, mas, sim, correlacionadas, uma vez que tratam dos aspectos da unidade indivisível da pessoa. “A mais profunda se refere ao próprio ser do catequista, à sua dimensão humana e cristã” (DGC, 2003, p.238).

Com efeito, a formação ajuda o catequista a amadurecer como pessoa, como crente e como apóstolo. Esta dimensão relaciona-se também com a concepção de *saber ser* com que torna evidente até que ponto a identidade pessoal é sempre uma identidade relacional.

Assim, “para que o(a) catequista desempenhe sua atividade adequadamente, a formação deverá se atentar à dimensão do *saber*, que implica uma dupla fidelidade:

à mensagem e à pessoa no contexto em que vive”(DC, 2020, 136).

Além disso, para se ter um bom programa de formação de catequistas é necessário que a paróquia/comunidade cristã seja um lugar privilegiado de formação, pois é no seio dela, que nasce e cresce a vocação específica para o serviço da catequese. A comunidade cristã é o lugar por excelência da formação do(a) catequista, pois é na variedade dos seus carismas e ministérios, que se transmite e se vive a vida de fé.

No âmbito da comunidade, amadurece-se a identidade dele; e toma-se cada vez mais consciência do projeto de evangelização. “A escuta das exigências das pessoas, o discernimento pastoral, a preparação, realização e avaliação concretas dos itinerários de fé constituem os momentos de um laboratório formativo permanente para cada um dos catequistas” (DC, 2020, nº 134).

1.4 OBJETIVOS

O objetivo geral desta tese é analisar a formação, a identidade e a vocação de catequistas, com o intuito de propor uma pedagogia catequética e uma formação contínua.

Para atingir o objetivo geral, foram formulados os seguintes objetivos específicos:

- Investigar na Diocese de Cornélio Procópio a proposta histórica de formação da identidade e vocação de catequistas.
- Especificar a partir dos documentos da Igreja, os elementos constitutivos da natureza e finalidade da formação de catequistas.
- Analisar a contribuição do método fenomenológico e dos escritos pedagógicos de Edith Stein no processo de formação de catequistas.
- Identificar como vem ocorrendo a formação de catequistas na Diocese de Cornélio Procópio.
- Propor, a partir dos desafios atuais, uma abordagem que fundamenta a pedagogia catequética e a formação permanente de catequista na Diocese de Cornélio Procópio.

1.5 METODOLOGIA

A metodologia adotada nesta tese inclui pesquisa bibliográfica e de campo¹, do tipo exploratória e abordagem qualitativa, com análise dos dados coletados a partir do método fenomenológico.

1.5.1 Abordagem fenomenológica e pesquisa qualitativa

Edith Stein aproxima-nos com a sua femininidade na busca insaciável pela verdade. Como grande filósofa, Stein desenvolveu, desde sua juventude, pesquisas sobre temas filosóficos. Tornou-se uma especialista no método fenomenológico e manejava-o com grandes capacidades. Ela interessou-nos e intrigou-nos tanto pela sua história de vida quanto pelas suas obras.

Além dos aspectos já mencionados, o que chamou nossa atenção foi o seu método fenomenológico no estudo da empatia. Este aspecto aproximou-nos da autora na tentativa de compreender a sua busca e de dar respostas às questões acerca da formação em sua época.

De modo sistemático, Stein oferece alguns elementos paradigmáticos como incitação à mudança de nossa sociedade e de busca da autêntica humanização. Ela atribuiu uma importância central à formação e à educação, como meios necessários para conduzir o ser humano à realização e à plenitude de si mesmo. Para a filósofa e fenomenóloga, Edith Stein, “os seres humanos são sujeitos de uma vida multiforme do eu, de uma consciência intencional, o que significa possuir uma própria vida pessoal, vida íntima, psíquica, espiritual, à qual se contrapõe um corpo” (Peretti, 2019, p.124).

Deste modo, para esta pesquisa, optou-se pela abordagem fenomenológica de Edith Stein (Stein, 1992; 1998; Ales Bello, 2000; Goto, 2016), pela entrevista estruturada, de tipo qualitativo, com um roteiro de perguntas, como instrumento privilegiado para apreender as experiências dos sujeitos e elucidar suas condutas e o sentido que eles mesmos conferem às suas ações (Poupart *et al.*, 2014).

Do ponto de vista fenomenológico, o conceito de formação implica uma

¹ Projeto de pesquisa aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da PUCPR - Número do Parecer: 6.087.579 de 29 de maio de 2023.

consideração desinteressada da realidade e da experiência² que media e conduz o processo educativo do ser humano para se tornar “aquilo que deve ser” (Stein, 1932-1933/2013, p.222).

O termo educação aponta, num primeiro momento, para a relação de sujeito a sujeito, relação que se efetiva em um particular contexto histórico, cultural e social. Stein considera que “só uma pessoa verdadeiramente bem formada pode bem formar” (Stein, 1959/1999, p.127). Assim sendo, a formação do catequista deve conduzir para formar pessoas capazes de mediar o desenvolvimento integral de outras pessoas.

No âmbito da formação humana, Santos e Farias (2014) servem-se da empatia, instrumento natural, imediato, tipicamente humano, por meio do qual é possível aferir e compreender os outros seres humanos, suas vivências, seus estados de ânimo e seus sentimentos.

A empatia permite observar o agir do outro na sua experiência cotidiana, contemplando-a em sua totalidade e, ao mesmo tempo, compreender o mundo, ter sensibilidade com as coisas, para conhecê-las e utilizá-las (Peretti, 2009).

1.5.2 Pesquisa bibliográfica

O estudo fundamenta-se também em pesquisa bibliográfica. De acordo com Praia, Cachapuz e Pérez (2001), a pesquisa bibliográfica baseia-se em material que já foi publicado, incluindo artigos científicos, livros, teses, dissertações, entre outros. Realizamos pesquisa em três bancos de dados: *Gale Academic*, *Capes* e o *Scopus*, no período de 2017 a 2021. As perguntas investigativas que orientaram nossa investigação foram: “A prática dos encontros catequéticos desenvolve nos catequizandos e catequistas uma relação empática?”, e “A Iniciação à Vida Cristã acontece?”. Selecionamos itens que faziam alusão às palavras-chave referentes “à formação de catequista e seu ministério eclesial na Diocese de Cornélio Procopio, na perspectiva dos escritos de Edith Stein”.

A partir deste momento, buscamos pistas e assuntos relacionados ao tema de

² Importa aclarar que para Stein o conceito de experiência é diferente de vivência. Essa diferença é explicada por Ales Bello: “A experiência é a relação que o ser humano tem com as coisas do mundo externo, mas também consigo mesmo [...] trata-se de um movimento, porque a ‘experiência’ vem justamente de *experire* [...] o ser humano está sempre em movimento cognoscitivo ou de experiência psíquica [...] assim experiência viva é vivência” (Ales Bello, 2015, p, 77-78).

pesquisa. No processo de busca, fornecemos dados para obter informações que possibilitassem o encontro de resultados relevantes. A cotação destes foi para a base mencionada anteriormente. “Empatia na catequese” AND “Iniciação à Vida Cristã”. Os resultados foram muito relativos, às vezes apareciam numerosos, mas quando se fazia a leitura dos resumos, não constavam informações sobre o tema.

No Quadro 1 abaixo, segue o resultado dessa pesquisa.

Quadro 1: Resultados pesquisa 2017 a 2021

Pergunta investigativa	1) Na prática dos encontros catequéticos se desenvolve entre os catequistas e os catequizandos em uma relação empática conforme a proposta de Edith Stein?			
No dia 07/10/2020	2) Como acontece os encontros no âmbito da Iniciação à vida cristã?			
Estudo feito nos últimos 5 anos, ou seja, de final de 2017 a 2021				
1 Empatia na catequese AND Iniciação à vida cristã empática				
GALE ACADEMIC ONEFILE	30	5	Catequese e não empatia	https://go-gale.ez433.periodicos.capes.gov.br
CAPES	1	1	Catequese e a empatia com os conhecidos. Catequese e empatia entre crianças e relação com a emoção (Catequese)	https://www-sciencemag-org.ez433.periodicos.capes.gov.br/ (Este de 2014, embora a pesquisaseja dos últimos cinco anos)
SCOPUS	4	4	Só aparece a catequese	https://www-scopus-com

Fonte: Soares, 2021.

Nos dados da base *Gale Academic*, foram encontrados trinta resumos no total, no entanto, apenas cinco abordam o tema da catequese, e nenhum trata da empatia. Nos dados de base *Capes*, foi encontrado um resumo que menciona a relação emocional com as crianças e conhecidos, mas foi excluído por ser de 2014, não correspondendo à delimitação do período estabelecido. Na *Scopus* foram encontradas quatro referências sobre a catequese, contudo, o tema da empatia não apareceu.

A pesquisa realizada revela que não há estudos acadêmicos no Brasil que abordem o tema da formação do catequista com base em uma sustentação antropológica e filosófica fundamentada em Edith Stein. Sendo assim, prosseguimos com o aprofundamento do tema da pesquisa sobre a *Formação do Catequista* para à Iniciação à Vida Cristã na perspectiva da pedagogia empática de Edith Stein, nos documentos da Igreja Católica, que vão do Concílio Vaticano II à Carta Apostólica em forma de “Motu Proprio” *Antiquum Ministerium* do Papa Francisco, que instituiu o

Ministério de Catequista na Igreja (2021).

Quanto aos escritos de Edith Stein, optamos por estudar, de modo particular, as seguintes obras: *La struttura della persona umana*. Corso di antropologia filosofica (2013); A mulher: sua missão segundo a natureza e a graça (1990); ¿*Qué es el hombre? La antropología de la doctrina católica de la fe* (1926-1933/ 2003; L'empatia di Edith Stein (1992); Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos (2018); Indivíduo, comunidade – Psicologia e Ciências do Espírito (2015); *Introduzione alla filosofia* (1998).

As pesquisas sobre Edith Stein cresceram, na última década, no Brasil. Destacamos suas obras como fontes de provocações instigantes e respostas aos anseios contemporâneos. As categorias de formação, educação, empatia, fenomenologia e consciência, entre outras, serão utilizadas como recorte para esta pesquisa.

Os escritos de Edith Stein são fundamentais para a formação de todo catequista, não somente na Diocese de Cornélio Procópio. Embora trata-se de uma interpretação da autora, que inclusive utiliza dos escritos para o trabalho de formação de tantos catequistas dedicados, que na grande maioria são mulheres. Além disso fazem a educação por amor e de modo voluntário. Como não trabalhar a empatia, sentir a percepção no cuidado e apoiá-los na missão catequética, na Igreja como um todo?

Quanto ao estado da arte que compila o histórico de produções sobre Edith Stein, remete-se ao livro de Clélia Peretti, *Nas Trilhas de Edith Stein: gênero em perspectiva fenomenológica e teológica* (2019), e à Tese de Doutorado de Vera Fátima Dullius, *A Consciência no processo de Formação docente: Luzes a partir de uma onto-antropologia em Edith Stein* (2019, p. 26-29). A autora apresenta um quadro significativo de estudos e pesquisas que denotam um empenho pela fidelidade à abordagem fenomenológico-antropológica, filosófica e teológica de Edith Stein.

Dessa forma, justifica-se a amplitude desta pesquisa, pois não é possível discutir a formação de catequista sem antes aprofundar a questão antropológico-teológica central: quem é o ser humano? Da mesma maneira, para fundamentar a formação dos catequistas, serão utilizados os documentos da Igreja, artigos científicos, teses de doutorado etc.

1.5.3 Tipo de pesquisa

Como já descrito anteriormente, esta pesquisa optou pela abordagem fenomenológica proposta por Edith Stein, seguida de entrevistas estruturadas de tipo qualitativo, com um roteiro de oito perguntas. Esse instrumento foi escolhido para apreender as vivências de formação de catequistas, elucidando suas condutas e o sentido que eles mesmos conferem às suas ações.

Trata-se de uma modalidade de pesquisa que se realiza por meio da aproximação presencial ou virtual de um determinado contexto, para ver, ouvir e sentir o que se manifesta pelo ser e pelas suas vivências. A análise das vivências implica uma atitude de recepção e ativação dos sentidos, para captar o que o fenômeno oferece ao sujeito que o recebe. Esse processo ocorre no preenchimento da intuição, na relação intersubjetiva e na empatia. Cabe ressaltar que esse conhecimento é parcial, pois não abarca plenamente todo o sentido do objeto. É um processo, um movimento contínuo de busca pela essência que preenche o sentido. Portanto, sabe-se que a riqueza colhida, por meio de um roteiro de perguntas/entrevista, é parcial, pois se refere a um olhar sobre este conteúdo.

Para efetivar a análise das vivências relatadas e descritas, é necessário utilizar estratégias adequadas para captar o fenômeno, como escuta ativa, observação dos movimentos corporais, registro gráfico ou fotográfico, entre outros. No processo de análise, é preciso buscar, nas falas, nas imagens ou em qualquer outro recurso dado pelo objeto de pesquisa, a essência do conteúdo das entrevistas, identificando reincidências, convergências e divergências que permitam extrair temas reveladores.

1.5.4 A pesquisa de campo

A amostra da pesquisa foi contemplada com vinte Catequistas da Terceira Fase da Iniciação à Vida Cristã, com idade entre 20 e 60 anos, da Diocese de Cornélio Procopio. A pesquisa envolveu catequistas que atuam com crianças entre 11 e 12 anos, da Terceira Etapa de Formação da Iniciação à Vida Cristã, de diferentes paróquias. E foi autorizada pelo Bispo Dom Marcos José dos Santos e contou com o consentimento de cada Pároco, das paróquias participantes. Ela seguiu um roteiro com oito perguntas abertas, respondidas individualmente em lugar reservado, com duração de três horas, e foi acompanhada pelo seu responsável.

O material das entrevistas está conservado com a pesquisadora. No que se refere aos critérios, foram adotados: Critério de Exclusão: Excluir participantes que, por motivos físico, emocional e/ou sociais, se opuserem ao preenchimento do instrumento de pesquisa. Critérios de Inclusão: Ser catequista com idade entre 20 e 60 anos, atuando com catequizandos da Terceira Etapa da Iniciação à Vida Cristã. Riscos: Não existem riscos aos participantes, pois não serão expostos a nenhum teste ou situação de constrangimento. A pesquisa será realizada por meio de um questionário aberto, respondido de forma individual e particular. Benefícios: Os resultados da pesquisa permitirão avaliar e orientar os processos de formação de catequistas na Diocese de Cornélio Procópio. Dependendo dos resultados, poderá ser proposto à Diocese um programa de formação para os catequistas de Iniciação à Vida Cristã, visando melhor atendê-los durante seu ministério.

1.5.5 Metodologia de análise

Para a coleta de dados, foi utilizada a análise de conteúdo de Bardin. Segundo Bardin (2020, p. 121), a análise de conteúdo, está estruturada em três fases distintas: 1) Pré-análise, que é a etapa inicial de definição do que será analisado e organização do material; 2) Exploração do material, que envolve a categorização ou codificação dos dados coletados; 3) Tratamento dos resultados, que abrange a realização de inferências e a interpretação dos dados. Essas três fases permeiam o conteúdo como resultado de todas as perguntas feitas durante a análise do texto. Mas como se processam essas três fases? Cada uma delas exige um conjunto específico de ações e considerações para assegurar uma análise de conteúdo eficiente e precisa.

A Pré-análise, essencialmente uma etapa de organização, foi utilizada nesta pesquisa para investigar a formação de catequistas na Diocese de Cornélio Procópio. Foram entrevistados(as) vinte catequistas que orientam crianças e adolescentes para a Primeira Comunhão, representando trinta e seis por cento do total, de cento e oitenta catequistas da Primeira Comunhão em toda a Diocese. A escolha dos catequistas se deu por estarem envolvidos na formação da IVC, que ocorre na Diocese de Cornélio Procópio. Este processo de formação dura cinco anos. A etapa da Primeira Comunhão, que é a terceira fase da formação, é um período mais estável, situado no

meio do processo da IVC, e é marcado por mudanças fisiológicas, da infância à puberdade³.

Essa é uma fase extensa e meticulosa, “que envolve essencialmente operações de codificação, decomposição ou numeração, conforme regras previamente estabelecidas” (Bardin, 1977, p.127). O questionário, composto por oito perguntas abertas, foi aplicado a 20 catequistas divididos em dois grupos: dez na sede e outros dez na periferia da diocese, a cerca de duas horas de distância.

Para preservar a identidade do(as) entrevistado(as) foi utilizada uma nomenclatura fictícia, de “catequista” e a “numeração” de forma crescente. Esses catequistas foram convidados a participar da pesquisa, de forma voluntária, com total esclarecimento e abertura para tirar possíveis dúvidas.

O convite para a entrevista foi estendido a todos que desejassem e pudessem responder na comunidade escolhida. De vinte catequistas no total, dezenove são mulheres. O único homem (catequista6) que respondeu é casado com uma catequista.

Os resultados coletados foram processados de forma a se tornarem “significativos e válidos” (Bardin, 1977, p. 127). Após a coleta e seleção dos dados, procedeu-se o seu tratamento. As perguntas foram apresentadas previamente, resultando nas seguintes categorias de análise: a) a prioridade da formação de catequista na diocese; b) o suporte da formação permanente para os(as) catequistas; c) a adequação da proposta pedagógica da diocese aos(às) catequizandos(as); d) a compreensão do conteúdo transmitido aos catequizandos(as); e) o conhecimento dos(as) catequistas sobre a proposta do Ministério instituído por Francisco; f) a importância da formação de catequistas na educação da fé; g) o papel do(a) catequista no acompanhamento da fé; h) a orientação da catequese para as dimensões da formação cristã.

Assim, o objetivo da formação é levar o(a) catequista a construir um itinerário eficaz de formação, na qual, por meio das diversas etapas, se anuncie Jesus Cristo, a história da salvação, e se explique o mistério do Filho de Deus feito homem, por toda humanidade. Além disso, busca-se ajudar o catecúmeno e/ou catequizando a identificar-se com Jesus por meio do processo de IVC.

³ A idade para participar da iniciação à vida cristã na diocese é de nove anos incompletos, para quem nasceu até 31 de março.

O(a) catequista mistagogo(a) entende que cada pessoa cresce progressivamente na experiência de fé e valoriza os sinais e símbolos litúrgicos da iniciação cristã (EG 166). Além disso, ele(a) configura-se pelo Mistério Pascal, fazendo de sua vida um percurso de experiência e testemunho desse mistério. É importante ressaltar que a vida cotidiana é o lugar onde a fé manifesta-se, permitindo contemplar o mistério divino e transformar as realidades para que esse mesmo mistério seja vivido por seus interlocutores.

A formação de catequista é um tema amplamente debatido tanto pela comunidade cristã, quanto nos documentos da Igreja Católica. O Diretório para a Catequese (2020) enfatiza especialmente a pessoa e a formação do catequista. Esse ponto tem recebido muita atenção e está conectado com o documento *Evangelii Gaudium* (2013), do Papa Francisco, sobre o Anúncio do Evangelho, no mundo atual.

A preocupação do Papa com uma renovação eclesial e pastoral inalienável passa pela educação da fé e por uma pastoral missionária. O anúncio do Evangelho é um dever de todo batizado, pois o Espírito Santo enriquece a Igreja com diferentes carismas, e é nessa diversidade que se insere o Ministério de Catequista.

1.6 ESTRUTURA DA TESE

Na primeira seção, foi investigada a origem da Paróquia Cristo Rei, que posteriormente se tornou a Catedral Cristo Rei. Na década de sessenta, com o Concílio Vaticano II, a Diocese de Jacarezinho criou a Diocese de Cornélio Procopio, seguindo o caminho do Evangelho entre as luzes e sombras. Posteriormente, foram estruturadas a catequese e o serviço da IVC. Para fortalecer e atualizar os(as) catequistas, foram realizadas escolas catequéticas e formações tanto no nível diocesano quanto no nível paroquial, além de congressos e outras atividades.

A formação de catequistas, adotada como proposta pedagógica para os catequizandos e alinhada com os documentos da Igreja e da CNBB, sempre foi a prioridade, visando à IVC. Como educadores da fé, os catequistas assumiram a proposta de formação e identidade vocacional para Ministério de Catequista.

Na segunda seção, a formação e o Ministério de Catequistas, bem como a biografia de Edith Stein foram apresentados de maneira mais aprofundada. Foram abordadas a missão e o compromisso do(a) catequista e os métodos de ensino

utilizados por Edith Stein. A metodologia ativa foi destacada na compreensão da comunidade, vocação e missão eclesial como sendo sujeito atuante e iniciante dentro dos critérios e itinerários estabelecidos.

A terceira seção tratou da pedagogia da fé, analisando a pesquisa catequética na Diocese juntamente com os aspectos antropológicos-evolutivos e teológico-pastorais. Para contemplar uma formação integral, foram investigados os aspectos pedagógicos, didáticos e metodológicos, comparando-os com a escola de formação e a catequese prática. A educação da fé é praticada nas dimensões da vida: coração, mente, sentidos e acompanhamento. Nesta seção, foi destacado que a formação permanente de catequistas enfrenta desafios no itinerário formativo, mesmo com a comunidade sendo sujeito e o local desse processo.

Convém ressaltar que foi perceptível a necessidade de fortalecer a espiritualidade e a mística, aspectos bem presentes na pesquisa de campo. Na análise dos resultados, destacamos que a formação e as atitudes relacionadas serão desenvolvidas na futura formação de catequistas.

De forma mais específica, ressalta-se que, no Itinerário Formativo, é preciso incluir elementos como: espiritualidade missionária, formação integral, acompanhamento, uma pedagogia catequética, formação para a interioridade e autonomia. “Além disso, para que o catequista desempenhe sua atividade adequadamente, a formação deverá se atentar à dimensão do *saber*, que implica uma dupla finalidade: à mensagem e à pessoa no contexto em que vive” (DC, 2020, n. 136).

Além dos documentos da Igreja, utilizamos os pressupostos antropológicos e pedagógicos da filósofa, pedagoga Edith Stein para fundamentar a formação do catequista. No itinerário pedagógico, Stein destaca a abertura da pessoa para o transcendente. “A fé está mais próxima da sabedoria divina do que toda ciência filosófica e até mesmo teológica” (Stein, 1988, p. 16). Assim, a formação do(a) catequista também envolve o aprofundamento das dimensões psicofísicas, espirituais, experiências, aprofundamento da fé e acompanhamento.

Justifica-se, portanto, escolha da abordagem antropológico-teológica de Edith Stein, do tema da empatia, do conceito de formação e do método fenomenológico para o desenvolvimento da pesquisa de campo e para uma leitura mais adequada da vivência de formação do catequista *in loco*.

Para a IVC, a catequese abrange diferentes faixas etárias: crianças, adolescentes e adultos; diferentes contextos; pessoas com deficiência, famílias, comunidades, pastorais e movimentos. Nesta realidade comunitária, na qual se vivencia concretamente a misericórdia de Deus, é possível desenhar um itinerário para novas contribuições formativas.

2 FORMAÇÃO DE CATEQUISTAS DA DIOCESE DE CORNÉLIO PROCÓPIO

Esta seção tem como objetivo identificar como vem ocorrendo a formação de catequistas na Diocese de Cornélio Procópio, localizada no estado do Paraná. Desde a sua instalação em 13 de outubro de 1973, a Diocese tem feito progressos significativos, tanto em suas estruturas pastorais quanto em seus recursos humanos e religiosos. No âmbito religioso, a Diocese expandiu sua presença cristã, aumentando o número de pastorais e movimentos religiosos. Com o tempo, surgiram líderes conscientes, ativos e colaborativos, que contribuíram para o desenvolvimento da sociedade de Cornélio Procópio.

Com o desmembramento da Diocese de Jacarezinho, a Diocese de Cornélio Procópio alcançou autonomia. Essa independência representou um novo percurso, marcado por conquistas inovadoras que beneficiaram o Povo de Deus, os Presbíteros e seu primeiro bispo, Dom José Joaquim Gonçalves (1973-1979).

2.1 ORIGEM DA PARÓQUIA CRISTO REI DE CORNÉLIO PROCÓPIO

O trabalho missionário na cidade de Cornélio Procópio teve origem graças à ação do Padre Antônio Lock da Congregação dos Palotinos, que pertencia à Diocese de Jacarezinho. Mesmo antes da construção do templo, os habitantes do território estavam dispostos a receber o anúncio da Palavra de Deus. Eles eram visitados pelo Padre Jonas Vaz, de Sertanópolis, uma cidade que hoje faz parte da Arquidiocese de Londrina. A missão cresceu e evoluiu, transformando-se de uma pequena comunidade, uma Paróquia. No trecho a seguir, Dom Pedro Fedalto descreve a missão realizada pelo Padre Jonas Vaz:

O primeiro atendimento espiritual começou com o Padre Jonas Vaz dos Santos, baiano, pároco de Sertanópolis, paróquia criada, a 16 de junho de 1929, por Dom Fernando Taddei, bispo de Jacarezinho, estendendo-se numa vasta área incluída entre os rios Laranjinha, Paranapanema, Ivaí e Paraná, onde se localizam hoje as Arquidiocese de Londrina e Maringá e as Dioceses de Cornélio Procópio, Apucarana e Paranavaí (Fedalto, 2014, p. 421).

Indubitavelmente, o Padre Vaz deve ter enfrentado inúmeros desafios, tanto no que diz respeito ao espaço físico quanto à comunicação. O pequeno povoado cresceu

e se transformou em uma cidade, trazendo consigo novas necessidades além do desenvolvimento administrativo.

Durante suas visitas, o Padre Jonas percebeu a necessidade de administrar a cidade de Cornélio Procópio. Decidiu, então, candidatar-se a prefeito, mas acabou sendo suspenso. “O Padre Jonas costumava ir a cavalo até a cidade de Cornélio Procópio. Quando se candidatou a prefeito de Sertanópolis, Dom Fernando Taddei suspendeu o uso das ordens, em 1934 e confiou a assistência espiritual aos Padres Palotinos da Paróquia de Londrina” (Fedalto, 2014, p. 421).

A citação a seguir relata um marco importante da história religiosa de Cornélio Procópio. Ela narra a jornada do Palotino, Padre Antônio Lock, que assumiu o pastoreio da cidade em 1936 e a subsequente instalação oficial da Paróquia Cristo Rei em 1938. A partir dessa leitura, com o olhar atual, podemos voltar ao passado para compreender como esses acontecimentos influenciaram o cenário religioso da cidade:

A partir de 1936, o palotino Padre Antônio Lock, de Londrina, assume o pastoreio da cidade com visitas quinzenais. No dia 10 de julho de 1938, na presença do então bispo de Jacarezinho, Dom Fernando Taddei, sob as bênçãos do Senhor é instalada oficialmente a Paróquia Cristo Rei de Cornélio Procópio, cuja matriz era a modesta igreja em madeira na Praça Brasil. (Paróquia Cristo Rei, 2023).

Desde o início, é evidente a intervenção divina, que providenciou um novo sacerdote para liderar o povo. Os Palotinos, por sua vez, permaneceram na Paróquia Cristo Rei até a década de sessenta. Durante esse período, construíram a “Matriz de Cristo Rei”, um edifício de 600 m². A construção começou em 31 de outubro de 1943 e foi concluída em maio de 1948, apresentando uma arquitetura de estilo neorromânico, com influências bizantinas.

A paróquia experimentou crescimento em todos os aspectos, surgindo a necessidade de aproximá-la do povo por meio da cultura, educação, manifestações artísticas, religiosas, culinárias, entre outros. A história dos paroquianos foi tecida em sintonia com as tradições, os costumes e os eventos emancipatórios, como testemunho da benevolência de Deus.

Além do ensino regular, que abrangeu suas diversas modalidades, houve preocupação significativa com a educação da fé, entendida como formação,

atualização do conhecimento e vivência cristã, cujos efeitos surgiram da nova eclesiologia proposta e vivida pelo Concílio Vaticano II.

2.1.1 Concílio Vaticano II e a Diocese de Jacarezinho

A eclesiologia do Concílio Vaticano II (1962-1965) proporcionou uma análise histórica e teológica abrangente para toda a Igreja, incluindo as Igrejas Particulares, como a Diocese de Jacarezinho. O Concílio Vaticano II deixou um legado significativo de diálogo com a sociedade contemporânea, apontando o caminho para a inserção no mundo moderno e valorizando as diversas culturas e expressões de fé.

Nesse contexto, a Constituição dogmática *Gaudium et Spes* (GS) delineia as diretrizes do diálogo entre a fé e a doutrina da Igreja, um mundo em constante transformação. O Concílio Vaticano II, especialmente na GS, propôs uma Igreja dialogante. O conceito de diálogo decorre da ideia de uma Igreja em comunhão e participação, servidora e solidária. A Igreja dialoga internamente, com outras igrejas cristãs, com outras religiões, com o mundo, com as ciências, com as ideologias e com a modernidade.

Assim, o Concílio Vaticano II apresenta uma nova visão da Igreja: aquela preparada e capaz de dialogar, aberta ao “Povo de Deus”, onde todos possuem um chamado comum e único. O Povo de Deus foi convocado para vivenciar a dinâmica e a comunhão no mundo. De fato, o Concílio Vaticano II introduziu uma inovação que se reflete na própria Igreja, em sua relação e interação com o mundo.

Paulo VI, na Encíclica *Ecclesiam Suam* (ES), já havia explorado essa categoria. Nessa encíclica, ele questionava: Quais relações a Igreja deve estabelecer hoje com o mundo que a circunda e no qual ela vive e trabalha? A resposta do Pontífice na Encíclica foi a seguinte:

Desta nossa consciência esclarecida e ativa (a consciência da identidade da Igreja) nasce o desejo espontâneo de comparar a imagem ideal da Igreja, qual Cristo a viu, quis e amou como sua Esposa santa e imaculada (cf. Ef 5,27), de a comparar, dizemos, com o rosto que ela apresenta hoje. Este, pela graça divina, é fiel, sem dúvida, aos traços que o seu divino Fundador nela imprimiu e o Espírito Santo vivificou, ampliou, aperfeiçoou no decurso dos séculos, tornando a Igreja mais fiel ao conceito inicial e, por outro lado, mais ajustada à índole da humanidade que ela ia evangelizando e incorporando a si. Nunca, porém, o rosto da Igreja mostrará toda a perfeição, beleza e santidade, todo o brilho exigido pelo conceito divino que a modela (ES, 1964, n.4).

O Papa Paulo VI reforçou a voz do Concílio Vaticano II na busca por soluções para o desafio do diálogo: “É o chamado problema do diálogo entre a Igreja e o mundo moderno, problema cuja apresentação, na sua amplitude e complexidade, cabe ao Concílio, como também o esforço para resolver da melhor maneira possível” (ES, 1964, n. 5).

Assim, o Concílio Vaticano II foi fundamental para o avanço do conhecimento, do diálogo missionário e da prática pastoral. Esse período pode ser descrito como “primaveril”. Por quê? Antes do Concílio, a Igreja operava de forma hierárquica, centrada na figura do Papa, dos Bispos e dos Sacerdotes. O povo não tinha participação e expressão significativas nas pastorais e nos movimentos.

A eclesiologia do Concílio Vaticano II ajudou a resgatar a dimensão religiosa em todas as idades, para homens e mulheres, em suas vivências complexas e, às vezes, fragmentadas. Esse período de renovação se estendeu e continua até hoje, com alguns desafios e avanços, especialmente na educação da fé e na iniciação à vida cristã.

Embora o Concílio Vaticano II não tenha produzido um documento específico sobre a catequese, ele destacou em vários documentos a necessidade de renovar seus métodos pedagógicos e didáticos. Nessa perspectiva, a Igreja promoveu uma revisão substancial no conteúdo litúrgico, nas celebrações e nos gestos ritualísticos.

2.1.2 A criação da Diocese de Cornélio Procópio

Um ano após o Concílio, mais precisamente em maio de 1966, Dom Conrado Walter (Sac.), bispo da Diocese de Jacarezinho, e os padres reuniram-se e, juntos, decidiram e assinaram o decreto de criação da nova Diocese de Cornélio Procópio. Por meio da Bula Pontifícia *Votis et Precibus* do Papa São Paulo VI, a nova Diocese foi oficialmente estabelecida no dia 13 de outubro de 1973. Nesse mesmo dia, Dom José Joaquim Gonçalves assumiu como seu primeiro bispo. A Paróquia Cristo Rei se tornou a Catedral da Diocese de Cornélio Procópio. A Cúria e a residência episcopal foram instaladas na mesma cidade.

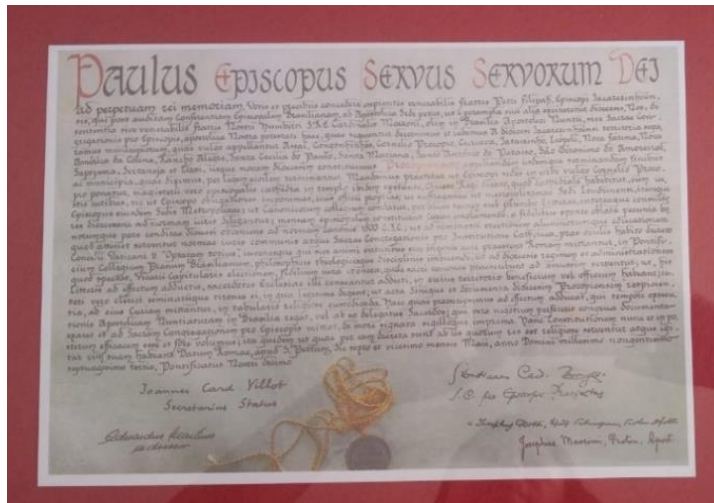
A casa do Bispo na época ficava afastada da cidade. Hoje, ela pertence à Companhia Iguaçu, de Café Solúvel. Dom José Joaquim era um bispo sensível e prestativo com as pessoas em geral. Um ex-funcionário, que se chama Orlando

Belasco Lopes, trabalhava na manutenção interna e externa da residência episcopal disse a seguinte impressão que obteve de Dom José Joaquim.

Nesse período que permaneci trabalhando na casa, percebi que Dom José Joaquim era um bispo dedicado e preocupado com as pessoas próximas a ele. Porque eu tive um problema renal severo, e ele pediu, para o Padre Antenor me levar para o hospital ou para minha casa. Eu quis ir para minha casa. Mas tive que ser internado no Hospital Carazzai, onde hoje é a UNIMED. E o Dom José Joaquim, se fez presente durante meu período de internamento, oferecendo ajuda para o que eu precisasse.

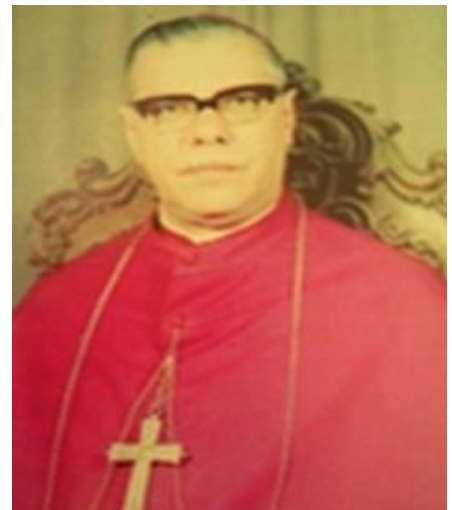
Nesse excerto, percebe-se que Dom José Joaquim cuidava não só das pastorais e movimentos, mas também dos mais próximos, os seus colaboradores.

Figura 1: Bula de criação de 1973



Fonte: Museu Diocesano.

Figura 2: 1º Bispo – Dom José Joaquim Gonçalves

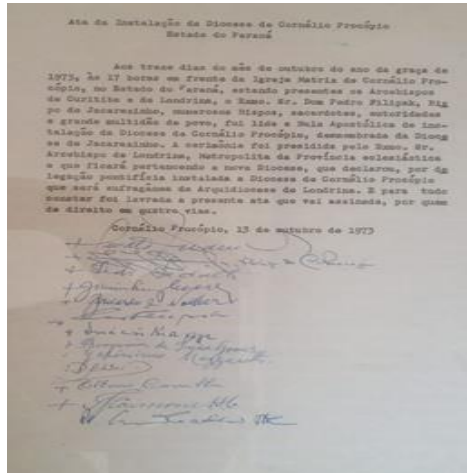


Fonte: Museu Diocesano.

A criação da Diocese intensificou as relações humanas e pastorais. Em torno do altar, o sacrifício e a gratidão por todas as obras de Deus em cada cristão uniram-se. O Evangelho foi proclamado e o coração ansioso foi renovado. No âmbito da missão diocesana, a evangelização expandiu sob a orientação dos Ministros Ordenados e a participação dos leigos, que trouxeram energia, avanço, entusiasmo e coragem.

A Figura 3, Ata de posse de Dom Joaquim e o Jornal da época, trazem à memória fatos que até hoje ressoam na nossa comunidade. Por meio desta posse é que Dom José Joaquim Gonçalves começou o seu pastoreio na comunidade.

Figura 3: Ata de posse de Dom José Joaquim Gonçalves Figura 4: Jornal da época



Fonte: Museu Diocesano, 2024.



Fonte: Museu Diocesano, 2024.

Essa experiência demonstrou como Deus agiu nos corações sedentos e manifestou-se em sinais concretos, indicando a necessidade de formar e preparar novas lideranças para evangelização. Com o passar dos anos, a pastoral catequética, responsável por propagar o anúncio da fé e formar novos cristãos para a Igreja local, foi estruturado, conforme as demandas e caminhada da Diocese, ao longo dos anos.

2.2 LUZES E SOMBRAS: A CATEQUESE DA DIOCESE DE CORNÉLIO PROCÓPIO

A evangelização na Diocese teve uma trajetória muito significativa, orientando-se na perspectiva do diálogo e no aprofundamento do primeiro anúncio do Evangelho. A Iniciação à Vida Cristã, especialmente no XI Plano de Pastoral (2021-2024), que foi apresentado no início deste estudo “A formação de catequistas na Diocese de Cornélio Procópio”, sinaliza diretrizes que auxiliam na compreensão dessa proposta. Essas diretrizes ajudam o catequizando a conhecer, acolher, vivenciar e celebrar o mistério de Deus, na pessoa de Jesus Cristo, em sua vida.

A iluminação no processo da IVC atravessa um período de intensa preparação espiritual, marcado pelos ritos do catecumenato. Nos encontros de vivência catequética, os (as) catequistas propõem aos(as) catequizandos(as), especialmente nos escrutínios, a entrega de símbolos cristãos e a renovação das promessas batismais. A formação catequética inspira o catecúmeno a ouvir, pela fé, as propostas do Reino de Deus.

A luz ilumina para tornar visível o que antes era oculto, permitindo que uma realidade próxima e iminente seja conhecida. A pessoa apropria-se da boa notícia que o Evangelho ressoa, adquirindo conhecimento, pois “Jesus passou fazendo o bem” (At 10, 38), e deixa para cada um a própria adesão e seguimento. Jesus declara-se como a luz do mundo, dizendo: “Eu sou a luz do mundo. Quem me segue, nunca andarรก em trevas, mas terรก a luz da vida” (Jo 8,12). Portanto, o seguimento se fundamenta na proposta de Jesus, de caminhar na luz: um percurso que gera vida.

Em sintonia com o objetivo principal do XI Plano Diocesano de Pastoral, a catequese visa ao crescimento e à ampliação de perspectivas no que diz respeito   Iniciação   Vida Cristã. Além do Plano Diocesano de Pastoral, a Diocese de Cornélio Procópio possui dois órgãos administrativos: a Ação Evangelizadora e a C ria Diocesana. Começaremos discutindo a Ação Evangelizadora, que é composta pelo Conselho Diocesano de Pastoral, que tem o dever de:

aprofundar o primeiro anúncio do Evangelho: levar o catequizando a conhecer, acolher, celebrar e vivenciar, o mistério de Deus, manifestado em Jesus Cristo. Garantir uma formação integral, num processo em que estejam presentes a dimensão celebrativo-litúrgica da fé, a conversão para atitudes e comportamentos cristãos e o ensino da doutrina, a partir da inspiração catecumenal, que ilumina o processo catequético (XI PDP, 2021-2024, p. 29).

A ação evangelizadora da Diocese é composta pelas lideranças das pastorais e movimentos em nível diocesano, incluindo bispo, presbíteros, assessores e coordenadores do Conselho Paroquial de Pastoral. Este, em nível diocesano, chama-se Conselho Pastoral Diocesano (CPD) e, em nível paroquial, Conselho de Pastoral Paroquial (CPP).

O CPD representa a ação evangelizadora participativa da Diocese, sendo geralmente coordenado por um Padre escolhido entre os demais para exercer a função por um determinado período. Ele pode contar com a ajuda de outros colaboradores, tanto padres quanto leigos. O coordenador do CPP paroquial anima e orienta o Conselho Paroquial de Pastoral das lideranças de pastorais e movimentos, juntamente com o pároco e vigário (se houver) na paróquia.

O objetivo geral do XI Plano Diocesano de (2021-20224) permeia cada pastoral e movimento. O plano propõe que, em meio   vida urbana e rural, “a Palavra de Deus forma discípulos e discípulas de Jesus Cristo, em comunidades eclesiais missionárias” (XI PDP, 2021, p. 22).

A ação, que ocorre no organismo geral das pastorais, pode ser atribuída à presença amorosa do Espírito, que guia e ilumina os cristãos nas atividades. A Trindade Santa, unida em Deus Pai, Filho e Espírito, permeia toda a Igreja Particular com amor e completude, reanimando encontros, reuniões e celebrações paroquiais, e comunidades para ouvir as instruções do anúncio da Boa Nova: o Evangelho.

O reavivamento litúrgico ocorre no seio da comunidade por meio da mesa da Palavra e da mesa da Eucaristia, tanto capelas quanto na igreja matriz. A Eucaristia é um dos sacramentos que transmite a graça de Deus, cujos frutos estão disponíveis a cada fiel que a recebe.

A Cúria Diocesana é organizada pela chancelaria e também pela contabilidade, coordenações criadas ao longo dos anos, conforme a necessidade e a avaliação das assembleias diocesanas. A Cúria é o centro administrativo e pastoral da diocese, compreendendo vários organismos e pessoas que auxiliam o bispo na administração da diocese, sob a coordenação do vigário geral, chancelaria e outros departamentos. Essa instância tem como objetivo fortalecer a Igreja Particular da Diocese de Cornélio Procopio (1973-2023), que já tem cinquenta anos de existência.

Embora haja muitos aspectos positivos, também são evidentes as dificuldades que impedem o avanço e a evolução da Evangelização na Diocese de Cornélio Procopio. Alguns exemplos incluem a carência de apoio para algumas paróquias aos catequistas como material pedagógico, econômico, formação, transporte, espaços catequéticos inadequados (móveis danificados, quebrados, mofo, pisos irregulares, falta de ventilação, banheiro sem água, bebedouros sem manutenção), conforme verificado *in loco*. Outros problemas incluem a predominância da submissão, do clericalismo e do autoritarismo, entre outros.

Devido ao autoritarismo e à submissão, muitos se afastam e buscam outras igrejas ou denominações religiosas. Alguns, ao tentarem expressar suas dificuldades dentro da comunidade, foram derrotados e expulsos da própria paróquia, enquanto outros se submeteram apenas para participar da celebração eucarística, sem se envolver em nenhuma atividade da Igreja.

Embora seja uma realidade muito triste, isso acontece com frequência na diocese.

2.3 A INICIAÇÃO À VIDA CRISTÃ NA DIOCESE DE CORNÉLIO PROCÓPIO

A Diocese de Cornélio Procópio, parte da Província Eclesiástica de Londrina, no Norte do Paraná, possui aproximadamente duzentos mil habitantes. Atualmente, é composta por quatro setores que, juntos, formam um total de vinte e cinco paróquias, sendo seis delas localizadas na cidade de Cornélio Procópio.

A maioria das paróquias conta com pastorais e movimentos, como a Pastoral da Criança, Pastoral da Pessoa Idosa, Pastoral da Juventude, Animação Bíblico-Catequética, Renovação Carismática Católica, Cursilhos, Sobriedade, entre outros. Embora algumas delas não possuam todos os movimentos e pastorais, a Animação Bíblico-Catequética está presente em todas elas.

A Animação Bíblico-Catequética utiliza a metodologia baseada no Itinerário Catecumenal, que se relaciona diretamente com o processo de IVC. A IVC é um processo formativo proposto pela Igreja para aqueles que desejam aprofundar seu conhecimento sobre o mistério de Cristo, morto e ressuscitado.

Floristán Samanes e Tamayo-Acosta (1999) criaram um dicionário de conceitos fundamentais do cristianismo. Ao tratar de assuntos catequéticos, os autores explicitam que a metodologia facilita a compreensão e a prática.

O processo metodológico. Isto significa que o processo metodológico que orienta e leva a realizar a catequese como ação, é o eixo central da catequese como disciplina, e que, deste ponto de vista, o encargo da catequética pode ser descrito e analisado, seguindo os momentos ou etapas características de um correto *iter* metodológico: *cognoscitivo, interpretativo, projetativo, operativo e valorização* [...] permite vislumbrar a riqueza e a complexidade da incumbência da catequética (Floristán Samanes; Tamayo-Acosta, 1999, p. 85).

A metodologia facilita interligar, dentro do processo formativo, para atingir o objetivo, a meta, a consolidação de um projeto, neste caso a educação na IVC.

Alberich e Binz (2001) reforçam o conceito da corresponsabilidade da comunidade para a vida cristã:

A comunidade cristã não só é o espaço natural da catequese com adultos, mas também o ambiente privilegiado para a aprendizagem da fé. É a base recíproca e de ajuda entre fiéis, onde sobretudo a fé pode ser vivida (*diaconia*) testemunha (*martyria*) e celebrada (*liturgia*). Sem comunidade não é possível uma verdadeira identidade cristã, que seria, aliás, antinatural. A comunidade reflete a dimensão universal da Igreja, já que nela se encontram as diferenças e múltiplas situações de vida. Só o fato de participar de uma

comunidade já implica verdadeiro e típico processo de aprendizagem (Alberich; Binz, 2001, p. 160).

Quando alguém escolhe tornar-se um discípulo de Cristo, essa pessoa é admitida aos sacramentos do Batismo, da Eucaristia e da Crisma por meio de um processo de preparação e orientação. Esse processo será explorado em maior detalhe, seções subsequentes.

O Itinerário de IVC, presente em todas as paróquias, é coordenado por vinte e cinco líderes e conta com a dedicação de aproximadamente seiscentos e setenta catequistas, que, como voluntários, se empenham na educação da fé para cerca de quatro mil e seiscentos catequizandos⁴.

Em geral, a IVC, como ação evangelizadora, é uma pastoral que envolve muitos colaboradores, que, motivados e em sintonia, atuam com competência e empatia. Eles são “catequistas ativos e iniciantes”, seguindo os critérios e itinerários estabelecidos no Documento da CNBB 112, 2022, nos itens 34 e 42. Os (As) catequistas da Diocese de Cornélio, com idades entre quinze e mais sessenta anos, dedicam seu tempo e esforço para aprofundar o conhecimento da fé entre os(as) catequizandos(as).

Para realizar o trabalho de animação catequética, a Diocese conta com uma Coordenadora e um Sacerdote que, juntos, prestam assessoria e apoio às paróquias, tanto na informação quanto na formação⁵. Para a realização desse trabalho, eles dispõem de uma sala, um automóvel e material exclusivo para o exercício da IVC, a serviço de toda a Diocese. Portanto, é importante conhecer a sua história e o envolvimento das pessoas que trabalharam e construíram o patrimônio espiritual, que hoje se manifesta em pastorais e movimentos ativos em formação.

Como já foi mencionado, a Diocese tem uma trajetória de cinquenta anos (1973-2023) e, “no início, passou por várias modificações até que gradualmente se formou a consciência de Igreja Particular, quando organizou suas pastorais e movimentos, pois antes as atividades eram realizadas de maneira mais isolada”, conforme o XI PDP (2021-2024, p.3).

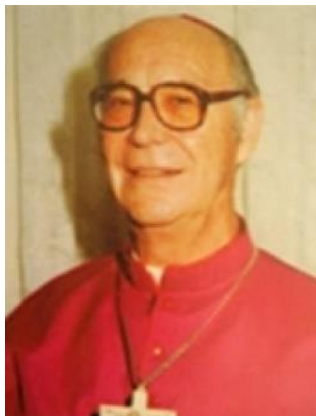
A cidade de Cornélio Procópio foi designada como sede da Diocese. Dom José Joaquim Gonçalves foi nomeado o primeiro bispo, assumindo o cargo em 13 de

⁴ Os dados foram coletados por meio de um questionário aplicado no *Google Forms*, como parte da preparação para o VI Congresso de Catequistas, que foi realizado após dois anos de pandemia. A coleta de dados foi realizada pela autora da tese em junho de 2022.

⁵ A Diocese conta com uma coordenadora contratada para facilitar a catequese em colaboração com os membros da equipe diocesana de Animação Bíblico-Catequética.

outubro de 1973 e permanecendo até 1979. O segundo bispo, Dom Domingos Wisniewski, CM, liderou a Diocese de agosto de 1979 a maio de 1984, impulsionando a estruturação pastoral e administrativa. Durante esse tempo, surgiram as equipes diocesanas de Juventude, Catequese e Pastoral Social. Foi um tempo de intensa formação, articulado pelo primeiro Coordenador de Pastoral, Pe. Francisco Mazur.

Figura 5: Dom Domingos Wisniewski 2º Bispo



Fonte: Museu Diocesano, 2024.

Figura 6: Plano de Pastoral



Fonte: Museu Diocesano, 2024.

Nesse período fértil de formação, também foi criado o I Plano Diocesano de Pastoral (1984), em formato de apostila elaborada pelo próprio bispo, que apresentava o objetivo de comunhão, participação e enfatizava a formação dos leigos, religiosos e padres.

Esse dado é muito relevante, pois já nessa época havia uma preocupação com a formação, sendo confirmado que “o primeiro catequista em uma Diocese é o próprio bispo” (DC, 2020, n. 114). Em conformidade com esta frase, a Assembleia Diocesana e o bispo da época impulsionaram a ampliação da formação cristã na pastoral diocesana.

Em 1983, acontece a primeira Assembleia Diocesana, que viabilizou o II Plano de Pastoral (1984 – 1987), com a finalidade: Evangelizar a Diocese despertando o espírito comunitário a partir dos grupos de reflexão, para a transformação cristã e da sociedade, na justiça, fraternidade e unidade. Foram destacadas três urgências: Grupos de Reflexão, Catequese e Formação de Agentes (XI PDP, 2021-2024, p.3).

Dentro do contexto diocesano, a participação ativa das pessoas é notável, especialmente com a realização da primeira assembleia diocesana para estruturar o II Plano de Pastoral (1984-1987). O objetivo era refletir, proclamar e formar os

membros diocesanos e paroquianos. O espírito de comunidade foi incorporado como fermento na massa, permitindo que o pequeno grupo se expandisse em uma grande comunidade. O interesse passou a ser coletivo, e a assembleia estimulou e congregou os participantes para experimentarem a vivência do doar e receber.

É importante ressaltar que os grupos de reflexão realizaram a dinâmica num olhar mais atento e perspicaz da comunidade, vendo onde outros não conseguiam. Nesse momento, o papel mais incisivo do despertar da evangelização fez a diferença para a nova Igreja Particular. O anúncio do Evangelho também cresceu com mais autonomia. Com o passar do tempo, novos horizontes surgiram com a chegada de um novo bispo. Desta vez foi o “Dom Getúlio Teixeira Guimarães, Missionários do Verbo Divino (SVD), que foi nomeado como o terceiro bispo e assumiu a Diocese em maio de 1984. Ele deu continuidade ao plano vigente, dos grupos bíblicos de reflexão, a catequese e a formação de agentes” (XI PDP, 2021-2024, p.3).

Figura 7: 3º Bispo – Dom Getúlio Teixeira Guimarães



Fonte: Museu Diocesano, 2024.

Figura 8: III Plano de Ação Pastoral



Fonte: Museu Diocesano, 2024.

Neste ponto, um olhar atento estende-se da Igreja de Roma até a Diocese, observando o caminho que está sendo percorrido e selecionando um sacerdote para atuar como bispo e liderar a evangelização, dando continuidade ao trabalho em progresso. Trata-se da obra do Espírito Santo de Deus, que age nos corações de cada pessoa envolvida na evangelização. Durante a caminhada, é necessário fazer uma pausa, observar e avaliar o que está funcionando. Se houver dúvidas, é o momento de buscar soluções e aprimorá-las para obter resultados mais efetivos. Essa foi a proposta do III Plano de Pastoral.

Em 1987, foi elaborado o III Plano de Pastoral (1988–1991), com o objetivo de “Evangelizar a Diocese, despertando o espírito comunitário a partir dos grupos de reflexão, dando destaque à família, à juventude e à pastoral social, para a transformação humana e cristã da sociedade” (XI PDP, 2021-2024, p.3). O III Plano retomou a reflexão do I Plano Diocesano em relação à juventude e à pastoral social, com visão cristã. Um dos pontos relevantes foi dar continuidade ao processo formativo e cristão, unindo novamente o espírito comunitário, uma espécie de fermento que leveda e faz crescer a massa.

No IV Plano de Pastoral (1992–1995), foi decidido fundar a Escola Teológica para Leigos e o Secretariado Diocesano de Pastoral, ampliando a evangelização das lideranças na “construção de uma sociedade justa e solidária, a serviço da vida e da esperança” (XI PDP, 2021-2024, p.3 e 4). Em ação contínua, o eixo de evangelização na Diocese de Cornélio Procópio, foi sempre olhar para o futuro, reavaliado o que fosse necessário, sem perder de vista, o passado e caminhar para o futuro com esperança.

Nos planos V, VI, VII e VIII não se fez menção à catequese, no sentido literal. Foram criadas pastorais e movimentos, acompanhamentos, visitas e construções, que constituíram passos determinantes na educação da fé e na evangelização. Também foi celebrado os 25 anos da jovem diocese, em 1998, e nesse período o VI Plano de ação Pastoral e a revista comemorativa.

Figura 9: Plano de Ação Pastoral



Fonte: Museu Diocesano, 2024.

Figura 10: Revista comemorativa



Fonte: Museu Diocesano, 2024.

Os passos foram iluminados por novas perspectivas, o amadurecimento da consciência, proatividade e aspiração de progredir nos objetivos e projetos da Diocese. O percurso foi delineado pelas pastorais correlatas. Em 2007, a V Conferência Latino-Americana, em Aparecida, abordou a preocupação com a diminuição de fiéis e o esvaziamento das Igrejas. Como agir diante de tal fenômeno? A assembleia ponderou e estabeleceu critérios para reestruturar a experiência cristã.

Por conseguinte, o processo de formação de discípulos missionários emergiu como proposta, retomando a IVC Catecumenal. Essa abordagem catequética foi estudada e recuperada pelas primeiras comunidades cristãs, que serão analisadas mais adiante.

O IX Plano da Ação Evangelizadora (15 de setembro de 2012-2016) destacou quatro áreas prioritárias na diocese, com ênfase na IVC. As ações estabelecidas foram: "promover e fortalecer a Pastoral Orgânica, como diretriz orientadora da Ação Evangelizadora. Dessa forma, decidiu-se que o processo de formação e evangelização da Iniciação à Vida Cristã seria integrado ao tempo litúrgico, inspirado no RICA" (XI PDP, 2021-2024, p. 6).

Nesse período, Dom Getúlio Teixeira Guimarães (1984-2014), o terceiro bispo da Diocese, completou trinta anos de atuação e recebeu a emeritidade em 26 de março de 2014. Nos anos que esteve à frente da Diocese, ele colocou em prática o seu lema: *Qui Pertransiit Benefaciendo* (Que passou fazendo o bem). Como Pastor zeloso pelo rebanho, incentivou o surgimento de vocações e não se cansou de convidar os leigos a assumirem o seu protagonismo dentro da Igreja.

As prioridades e destaques pastorais assumidos na caminhada evidenciaram a preocupação evangelizadora de Dom Getúlio. Ele convocou e animou os diocesanos a se doarem à missão e a dar um novo impulso à Evangelização.

No mesmo dia, 26 de março de 2014, o Papa Francisco nomeou Dom Manoel João Francisco como o quarto bispo da Diocese de Cornélio Procópio. Ele deu continuidade aos trabalhos das pastorais e movimentos, realizando visitas e atendendo ao povo no geral, além de organizar a parte burocrática de documentos e regulamentação trabalhista no administrativo.

Dom Manoel teve uma trajetória significativa no âmbito da liturgia. De 1975 a 1977, fez Mestrado em Teologia Dogmática, com Especialização em Sacramentos no Pontifício Ateneu Santo Anselmo, em Roma. Em 1989, voltou a Roma, onde doutorou-se com a mesma especialização e no mesmo Ateneu, em dezembro de 1991. De 1994

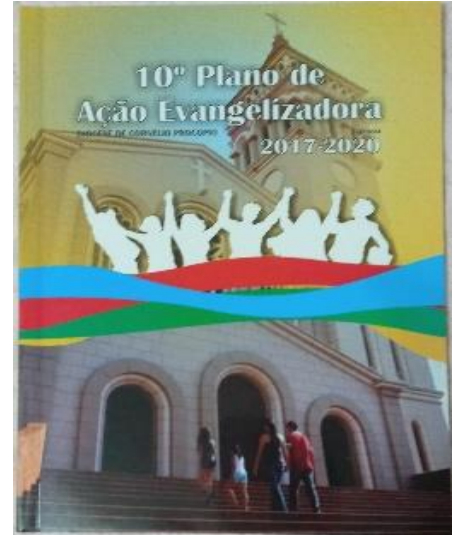
a 1995, especializou-se em Gerontologia pela Universidade Federal de Santa Catarina.

Figura 11: 4º Bispo - Dom Manoel João Francisco



Fonte: Museu Diocesano, 2024.

Figura 12: 10º Plano de Pastoral



Fonte: Museu Diocesano, 2024.

Dom Manoel João Francisco também foi membro do Conselho de Presbíteros da Arquidiocese de Florianópolis, do Secretariado de Pastoral, da Equipe de Animação do Projeto Rumo ao Novo Milênio, Coordenador da Equipe Arquidiocesana de Liturgia, Coordenador de Pastoral dos Enfermos, Coordenador do Centro Ecumênico de Estudos em Florianópolis, membro da Equipe Nacional de Reflexão Litúrgica (Assessoria à CNBB), presidente (um período) e vice-presidente (dois períodos) da Associação dos Liturgistas do Brasil (ASLI) e membro da Comissão de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina.

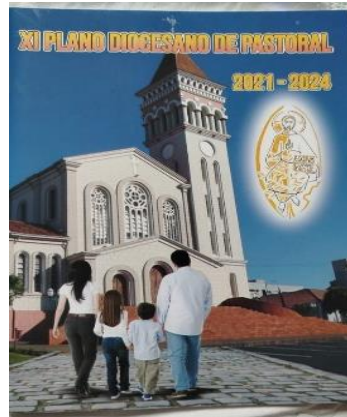
No dia 22 de junho de 2022, o Papa Francisco aceitou o pedido de renúncia de Dom Manoel João Francisco, até então bispo diocesano de Cornélio Procopio (PR), por motivo de idade, em acordo com o previsto no cânon nº 401 do Direito Canônico.

Na oportunidade, o Papa Francisco escolheu o sucessor de Dom Manoel, o Mons. Marcos José dos Santos, do clero da Arquidiocese de Londrina-PR. Portanto, Dom Marcos José dos Santos é o bispo vigente.

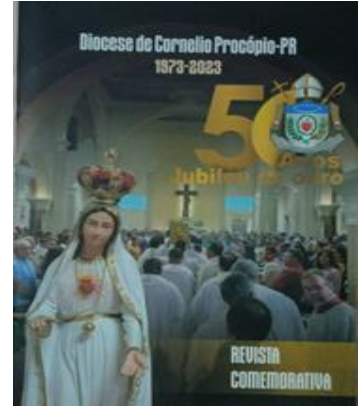
Figura 13: 5º Bispo - Dom Marcos José Figura 14: 11º Plano de Pastoral Figura 15: Revista do Jubileu dos 50 anos



Fonte: Museu Diocesano, 2024.



Fonte: Museu Diocesano, 2024.



Fonte: Museu Diocesano, 2024.

Figura 16: Missa do Jubileu de Ouro



Fonte: Museu Diocesano, 2024.

A formação dos catequistas na Diocese de Cornelio Procopio está sendo conduzida sob a influência do Concílio Vaticano II. O Concílio teve um impacto significativo, que mobilizou bispos, padres, religiosos e leigos, de áreas urbanas e

periféricas, tanto das grandes e pequenas cidades. Isso se refletiu em Conferências Episcopais, Igrejas Particulares, Paróquias e Comunidades.

Embora alguns, que aceitavam apenas a Igreja do pré-concílio tinham visto uma diminuição desse impacto, para outros, o Concílio marcou o início de uma era de renovação. Essas pessoas persistentes agiram de maneira distinta, mantendo a esperança, insistindo e garantindo, que a chama do Concílio Vaticano II e o vigor das primeiras comunidades cristãs não se extinguisse.

A teologia pastoral e sistemática contribuiu na formação dos cristãos, fornecendo conteúdo essencial para a IVC. Seu objetivo foi aprofundar e alinhar o passado e o presente na perspectiva da “Igreja em saída”. Mas, como se tornar uma Igreja em saída? Esse conceito será explorado e amadurecido por meio do conteúdo, de análises e pesquisa de campo, realizados posteriormente neste trabalho e apresentados em uma seção específica.

2.4 OS CONGRESSOS DA ANIMAÇÃO BÍBLICO-CATEQUÉTICA NA DIOCESE

Em 2009, na Diocese de Cornélio Procopio, foi realizada uma concentração diocesana de catequistas (I Congresso) para aprofundar o estudo sobre a Iniciação à Vida Cristã. Coordenada pelo assessor da época, Pe. José de Lima, essa concentração posteriormente se transformou no Congresso Diocesano de Animação Bíblico-catequética.

Em 2014, a comissão pela ação evangelizadora da CNBB incentivou a existência também de uma comissão diocesana de catequese nas Igrejas Particulares, com o objetivo de articular e animar a Iniciação à Vida Cristã nas paróquias. A equipe recebeu formação e orientações, transformando-se na Comissão de Animação Bíblico-catequética da Diocese, que desenvolveu uma caminhada significativa e deu passos para atrair novos(as) animadores(as) no crescimento da fé. Além de atuar na educação da fé, a catequese tornou-se visível em todas as paróquias, com o objetivo de atrair novos adeptos(as) e cristãos(as) para a Igreja Particular.

Depois de sete anos, foi realizado o II Congresso Diocesano de Animação Bíblico-Catequética, em 25 de setembro de 2016, sob a coordenação da Irmã Magali Gavazzoni e a da Comissão Diocesana de Catequese.

O X Plano da Ação Evangelizadora (2017 - 2020) enfrentou significativos desafios: pastoral orgânica, Igreja em constante estado de missão, experiência completa da Iniciação à Vida Cristã e expansão do trabalho com a juventude.

A Iniciação à Vida Cristã sempre ocupou uma posição de destaque na Diocese de Cornélio Procopio. O XI Plano, vigente (2021-2024), está alinhado com o seguinte objetivo geral:

A catequese de Iniciação à Vida Cristã tem como objetivo geral aprofundar o primeiro anúncio do Evangelho: levar o catequizando a conhecer, acolher, celebrar e vivenciar o mistério de Deus, manifestado em Jesus Cristo. Garantir uma formação integral, num processo em que estejam presentes a dimensão celebrativo-litúrgica da fé, a conversão para atitudes e comportamentos cristãos e o ensino da doutrina, a partir da inspiração catecumenal, que ilumina o processo catequético (XI PDP, 2021-2024, p. 29).

Na Diocese, o objetivo da Iniciação à Vida Cristã (IVC) é compreender que a inspiração catecumenal é, acima de tudo, uma atualização da profecia. Além disso, a criatividade e a coragem representam o verdadeiro encontro com Cristo Vivo, no qual se anuncia a Boa Nova.

O III Congresso de Catequistas, realizado em 2017, foi coordenado por Irmã Magali Gavazzoni. Os IV (2018) e V (2019) congressos foram liderados por Aldete Braganholo. Esses congressos, alinhados e em sintonia com a Iniciação à Vida Cristã foram momentos de celebração, reflexão, formação e troca de experiências.

A epidemia da Covid-19, que teve início em 2020, trouxe tristeza e devastação, impossibilitando a realização de atividades presenciais. Por isso, o VI Congresso, inicialmente previsto para 2021, foi adiado para 2022. Com a chegada das vacinas e um sentimento renovado de segurança entre os fiéis, tornou-se possível realizar o VI Congresso. Assim, em agosto de 2022, o evento foi conduzido sob minha liderança, da Irmã Kedma Aparecida Alves Soares e a Comissão Diocesana. Durante o congresso, foram abordados temas como “Ministério de Catequista e os quatro pilares da Ação Evangelizadora”, em consonância com o *Motu Proprio* do Papa Francisco, publicado em maio de 2021. A primeira parte do VI Congresso foi assessorado por Pe. Luiz Faversani inspirado na formação do catequista, até porque o 3º Diretório para catequese fora lançado em junho de 2020, com propostas robustas a respeito da atualização para os educadores da fé. Na segunda parte do dia, aconteceram dinâmicas e partilhas vivenciadas nos centros pastorais catequéticos.

Em 4 de dezembro de 2021, a assembleia diocesana de Cornélio Procópio foi concluída, seguindo as Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (2019-2023). A reflexão destacou a imagem da comunidade eclesial como missionária, sustentada pelos quatro pilares: Palavra, Pão, Caridade e Missão. Este tema também foi desenvolvido na formação do VI Congresso. E, o VII Congresso está previsto para agosto de 2025.

2.4 A FORMAÇÃO DE CATEQUISTA

A palavra “catequese” tem suas raízes no movimento prático de Jesus. Em latim, “catequeses” significa “ecoar”, “instruir de viva voz”, “ressoar” (Munguia, 2006, p.105). Em grego é “katíchisi”.⁶ Esse era o ritmo das etapas do ministério de Jesus: falar, ensinar, por meio de parábolas e exemplos. Muitas pessoas que ouviram Jesus ensinar posteriormente se tornaram professores. Aqueles que ecoaram, instruíram expressões catequéticas passaram a ser chamados de catequistas. A etimologia da palavra vem do verbo grego *katechein*, que significa “falar de cima para o seu público”, como fazem os poetas e os atores (CNBB, 2021, p.31).

O verbo *katechein* se desdobra em “fazer eco”, “ecoar”, “ressoar”, refletindo o efeito da fala e a expressão que se apresenta ao público em geral. Quando a palavra se torna um substantivo, é *katechesis*. Também em At 21, 21-24, encontramos:

Eles foram informados de que você ensina todos os judeus que vivem entre os gentios a se afastarem de Moisés, dizendo-lhes que não circuncidem seus filhos nem vivam de acordo com os nossos costumes. Que faremos? Certamente eles saberão que você chegou; portanto, faça o que dizemos. Estão conosco quatro homens que fizeram um voto. Participe com esses homens dos rituais de purificação e pague as despesas deles, para que rapem a cabeça. Assim, todos saberão que não é verdade o que falam de você, mas que você continua vivendo em obediência à lei.

⁶ 'Independentemente da grafia mais ou menos moderna do grego, todas as obras de referência – ‘vide’, também, os dicionários Houaiss e o Etimológico Nova Fronteira, de Antônio Geraldo da Cunha – são unânimes na origem da palavra catequeses. Ou seja, é uma palavra que deriva originalmente do grego, que entrou no latim, e este influenciou o que nos chegou na nossa língua e na língua francesa (“catéchèse”).’

O significado da palavra grega [«ação de instruir oralmente»] e latina [no plural: «instruções religiosas»] tem o mesmo significado que hoje damos em português à catequese: «explicação oral, metódica, dos mistérios da fé e das coisas religiosas em geral»; portanto, «o ensino da doutrina da Igreja [católica] e explicação dos mistérios da fé, de modo a provocar a conversão ou a adesão pessoal à palavra de Deus».

Em Lucas 1, 4, lê-se: “[...] para que tenhas a certeza das coisas que te foram ensinadas”. Em Atos 18, 25, “Fora instruído no caminho do Senhor e com grande fervor falava e ensinava com exatidão acerca de Jesus, embora conhecesse apenas o batismo de João”. Em Romanos 2,18, “Você conhece a vontade de Deus e aprova o que é superior, porque é instruído pela Lei”. Em Gálatas 6,6, “O que está sendo instruído na palavra partilhe todas as coisas boas com aquele que o instrui”.

O termo catequese aparece com o verbo *katechein* no sentido de “informar”, “contar”, “ensinar” “comunicar uma notícia”, que é o mesmo que instruir sobre um assunto que gera informação e formação.

Floristán e Tamayo (1999) trazem a palavra catequética, com uma ampliação de sentido para legitimar o estudo reflexivo da pastoral da Igreja:

O termo “catequética”, com seu relativo substantivo “catequista”, indica, propriamente, a disciplina ou ciência que se ocupa da catequese, e da pessoa que cultiva ou estuda a ciência. A existência e legitimidade desta disciplina já é um fato assegurado e, solidamente, aceito no âmbito da reflexão e da praxe educativa e pastoral da Igreja (1999, p. 83).

A palavra catequética, em si, foi desenvolvendo no entendimento da pedagogia religiosa em alguns países, por exemplo na língua alemã, ela corresponde à disciplina científica e acadêmica. Segundo Alberich (2004), a catequética, na prática, é uma ciência jovem e está aberta para ser aprofundada, em processo de desenvolvimento.

O versículo bíblico do Evangelho de Lucas 1,4 expressa seu objetivo de fornecer um conhecimento dos eventos da vida de Jesus. O destinatário, Teófilo, é incentivado a ter certeza das coisas que lhe foram ensinadas. Em Atos 18, 25 o versículo descreve Apolo, um judeu eloquente e conhecedor das Escrituras, que foi instruído no caminho do Senhor. Ele falava e ensinava com precisão sobre Jesus, embora conhecesse apenas o batismo de João. Apolo era fervoroso no espírito e falava e ensinava diligentemente as coisas do Senhor.

Os textos bíblicos mencionados nos ajudam a entender que o catequista tem a responsabilidade de compreender profundamente a sua função de catequizar e como conduzir o ensino da fé. Sua formação está intimamente ligada ao propósito e à ação de proclamar a Palavra de Deus aos catecúmenos e catequizandos(as).

O texto a seguir destaca a versatilidade e a importância do Ministério da Palavra na vida da Igreja. Ele sugere que a Palavra de Deus pode ser transmitida de várias maneiras, dependendo das circunstâncias e das necessidades dos ouvintes.

O Ministério da Palavra tem várias formas, segundo as circunstâncias e as necessidades dos ouvintes: o anúncio para suscitar a fé; a instrução ou doutrina para aprofundá-la; a exortação para corrigir e alentar; o testemunho para iluminar e convencer etc. (CNBB, 2021, p. 32).

Nesse sentido, o Ministério da Palavra não é uma tarefa única, mas um processo contínuo que envolve várias etapas e métodos, todos voltados para o crescimento espiritual dos fiéis. Cada etapa é fundamental para garantir que a fé seja não apenas entendida, mas também vivida e compartilhada.

Desde o início de sua existência, a Igreja tem incentivado a formação de discípulos missionários, com ênfase especial nas primeiras comunidades cristãs. Nos primeiros séculos do cristianismo, a unidade da Igreja era estabelecida por meio dos sacramentos do Batismo, Crisma e Eucaristia. Esses sacramentos, conhecidos como Sacramentos da Iniciação à Vida Cristã, permitem que o novo cristão se integre à comunidade de seguidores de Cristo.

Antes de nos aprofundarmos no tema, é importante ressaltar que, na pré-história, durante o período paleolítico, existiam manifestações de religiosidade, como pinturas e desenhos, registrados nas paredes de cavernas e grutas. Com o desenvolvimento das sociedades, surgiram novas formas de participação e pertencimento aos grupos, com seus respectivos costumes. À medida que os grupos se envolviam, surgiam novos costumes e ritos. O rito consistia em cerimônias realizadas por um grupo de pessoas para manter os laços, os horários, o espaço e atualizar os ensinamentos dos antepassados. Os ritos de passagem, sem dúvida, passaram por essa constituição e consciência, assumindo um caráter social, comunitário e religioso.

2.4.1 A Ação Ministerial na Igreja

Inicialmente, a menção dos ministérios pode parecer simplista, uma vez que geralmente associamos o termo aos ministros ordenados. No entanto, é essencial realizar uma análise fundamentada em estudos acadêmicos sobre os ministérios não-ordenados, investigando suas origens e as razões para seu surgimento.

Além disso, há explicações dos fenômenos que norteiam as esferas estruturais e dinâmicas, que integram as configurações dos novos ministérios. Almeida (1989, p. 91) os define como novas possibilidades: “A pastoral de novos ministérios; a formação dos novos ministros; a participação da mulher; as definições de ministérios em voga

na América Latina; a fundamentação teológica dos ministérios não-ordenados e sua classificação”.

Essas novas manifestações foram observadas por meio de toda a Igreja, pela escassez do clero em geral. Muitas adaptações foram realizadas por meio da “importação de padres estrangeiros, a formação de padres autóctones a distribuição do clero a nível continental é inadequada”, segundo Almeida (1989, p. 93).

Almeida (1989, p. 93-94) salienta que se podem distinguir três procedimentos: “clero estrangeiro, formação autóctone e a expansão dos ministérios leigos dentro de uma nova estrutura pastoral. O diaconato permanente nunca chegou a ser visto pela maioria do episcopado como uma válida solução”.

No diaconato permanente, o candidato recebe o primeiro grau da ordem. Quando se fala de ministros não-ordenados se entende uma situação mais resistente para a atuação do leigo na Igreja e seu desenvolvimento. A situação se torna ainda mais crítica quando se fala do exercício feminino dentro da Igreja. Embora haja avanços, o patriarcalismo ainda persiste em alguns espaços eclesiais, perpetuado por alguns padres e bispos.

Os novos ministérios destacam-se pelo dinamismo eclesial, mesmo diante das estruturas existentes. Eles exigem uma abordagem de evangelização integral e são impulsionados pelas comunidades de base, que atuam diante dessas estruturas.

Almeida (1989) evidencia que são dois processos simultâneos:

Não se trata de dois processos paralelos, mas ao contrário, simultâneos e interdependentes, ainda que não exclusivos. A evangelização na América Latina tem uma dimensão fortemente comunitária, e as comunidades eclesiais de base têm uma dimensão missionária e, mais ainda, evangelizadora. É sobretudo da conjugação destes dois elementos, nas mais variadas circunstâncias e formas concretas, que surgem os novos ministérios (Almeida, 1989, p.115).

O termo “ministério/serviço” é um substantivo masculino que se refere a “um cargo ou ofício”, “a função de um ministro”, “o período de exercício dessa função”, “um grupo de ministros” e “o edifício onde um ministério opera” (Rios, 2007, p. 478). No contexto catequético, o ministério é definido como: “A ação catequética ocorre no contexto amplo da missão evangelizadora da Igreja” (Pedrosa, 2004, p. 756). Portanto, a catequese é um serviço prestado em benefício dos futuros cristãos.

Esse serviço é uma contribuição de muitos(as) catequistas, que servem na Igreja como um ministério recebido diretamente de Jesus. Jesus também orientou

seus seguidores sobre como servir: “Se alguém quiser ser o maior entre vocês, deve ser aquele que serve, e quem quiser ser o primeiro entre vocês, deve ser o servo de todos” (Mt 20, 26-27). No plano terreno, o serviço pressupõe que, ao trabalhar, a pessoa desenvolve dons para doar a comunidade. No sentido evidente, Almeida (1989) se refere a que:

Os dons e carismas diversos que o Espírito doa a cada um para utilidade comum (cf. 1Cor 12, 7.11). A fundamentação, portanto, dos ministérios não-ordenados sobre a Iniciação Cristã deve ser completada por sua fundamentação nos carismas que o Espírito distribui a cada um no seio da comunidade conforme lhe apraz (Almeida, 1989, p.200).

No Evangelho, Jesus, ao final de seu ministério, exemplifica a doação de si mesmo. Jesus subiu ao céu e prometeu o Espírito Paráclito, os setes dons para toda a Igreja independente de raça, cor, sexo, etnia e sim para todo o Povo de Deus. “Eis que eu enviarei sobre vós o que o meu Pai prometeu. Por isso, permaneço na cidade até serdes revestidos da força do alto” (Lc 24,49).

Nesse contexto, o Catecismo da Igreja Católica (CIC) engloba todo o Povo de Deus na missão e no serviço: “Jesus Cristo, ungido pelo Pai com o Espírito Santo, é constituído ‘Sacerdote, Profeta e Rei’. Todo o Povo de Deus compartilha dessas três funções de Cristo e assume as responsabilidades da missão e do serviço que delas advêm” (CIC, 1992, n. 783).

A missão no Reino é servir, assim como Jesus fez em suas palavras e ações de ensinar, curar, amar, perdoar os pobres e sofredores de sua época. Dessa forma, o Povo de Deus, ao seguir Jesus, exerce a dignidade real na vocação de servir aos pobres e sofredores de hoje. E este mesmo Povo é convidado a participar do processo da IVC, que estabelece o ritmo da vida comunitária e a origem dos promotores do serviço ministerial.

2.4.2 Igreja: lugar da prática ministerial

A Igreja continua a missão dos Apóstolos e dos primeiros cristãos, que serviam no anúncio do Evangelho. A história é moldada diariamente pela postura discipula deixada pelo Senhor após a Ressurreição. Com a vinda do Espírito Santo Paráclito, a Igreja foi fundada tornando-se Mãe e Mestra, conforme expresso pelo Papa João XXIII na Encíclica *Mater et Magistra*.

Mãe e mestra de todos os povos, a Igreja Universal foi fundada por Jesus Cristo, a fim de que todos, vindo no seu seio e no seu amor, através dos séculos, encontrem plenitude de vida mais elevada e penhor seguro de salvação. A esta Igreja, 'coluna e fundamento da verdade' (cf. 1 Tm 3, 15), o seu Fundador santíssimo confiou uma dupla missão: de gerar filhos, e de os educar e dirigir, orientando, com solicitude materna, a vida dos indivíduos e dos povos, cuja alta dignidade ela sempre desveladamente respeitou e defendeu (MM, 1961, n. 1).

A Igreja é vista como Mãe, pois sempre gera novos filhos por meio do batismo, expandindo a família de Deus. Ela também é considerada "mestra", pois serve como modelo para os filhos, que crescem na graça do Batismo e no ensino das verdades da fé, o *sensus fidei* (sentido da fé). Esses filhos crescem juntos, enfrentando os desafios cotidianos da vida.

Eles partem para o mundo e retornam à Igreja em busca de conforto espiritual, alívio, consolo, perdão dos pecados e tranquilidade de consciência, entre outros benefícios. A Igreja serve como um local de adoração e gratidão a Deus. O padre, como ministro ordenado, tem o papel de ser um reflexo de Cristo entre as pessoas. Com essa competência, ele está preparado para atender a todos, principalmente para proclamar o Evangelho.

No cuidado com os irmãos e irmãs, o Padre auxilia no direcionamento para o crescimento na fé, oferece o serviço de confissões, interage com a comunidade e esclarece dúvidas sobre a doutrina. Como colaborador direto do bispo, seu principal objetivo é aproximar os fiéis da comunhão de fé e alcançar as pessoas mais afastadas em seu território paroquial. O Padre precisa estar ciente de que essa atitude é uma longa jornada, que depende das pessoas e de suas necessidades, sempre com o olhar voltado para o desejo benéfico da missão eclesial.

Embora a Igreja se esforce para seguir as ações de Jesus e do povo, nem sempre isso é possível. Ocasionalmente, as pessoas distanciam-se do local e da liderança espiritual de maneira descompassada. Muitos fiéis abandonam a fé por não encontrarem um espaço acolhedor, palavras assertivas e confortadoras para suas dores. Nesse percurso, observam-se muitas dificuldades internas e externas da Igreja em relação às pessoas e vice-versa.

Os motivos para o afastamento variam. Alguns buscam respostas de Deus ou algo mais profundo que acalente seus corações inquietos, enquanto outros buscam ser acolhidos em momentos de necessidade. O modo como as famílias são acolhidas

e auxiliadas no enfrentamento de novas realidades, tanto em nível pessoal quanto comunitário, também contribui para seguir ou abandonar a Igreja.

Nesse contexto, os Ministros Ordenados têm a responsabilidade de criar um ambiente acolhedor e inclusivo, onde todos se sintam bem-vindos e valorizados. Isso envolve não apenas a celebração dos sacramentos, mas também a escuta atenta e o acompanhamento pastoral das pessoas. Além disso, é fundamental que estejam preparados para lidar com as questões contemporâneas que afetam a vida dos fiéis, desde problemas familiares e sociais até crises de fé e questões morais. A formação contínua e o desenvolvimento pessoal são essenciais para que possam oferecer respostas adequadas e compassivas.

A missão dos Ministros Ordenados, sejam eles Diáconos, Presbíteros ou Bispos, também inclui a promoção da justiça social e o cuidado com os mais vulneráveis. Eles devem ser defensores dos direitos humanos e trabalhem para aliviar o sofrimento daqueles que estão à margem da sociedade. Os Ministros Ordenados são chamados a ser verdadeiros pastores, guiando e cuidando do rebanho com amor e dedicação. Sua atuação deve refletir o exemplo de Cristo, que veio para servir e não para ser servido, e que deu a vida por seus amigos. Ao fazer isso, eles ajudam a construir uma Igreja mais forte, unida e comprometida com a missão de evangelizar e transformar o mundo.

É do mistério da Igreja que provém o chamamento de todos os membros do Corpo Místico participarem ativamente da missão e da edificação do Povo de Deus, numa comunhão orgânica, segundo os diversos ministérios e carismas. Esse apelo ressoa constantemente nos documentos do Magistério, especialmente a partir do Concílio Ecumênico Vaticano II. Nas três últimas Assembleias Gerais Ordinárias do Sínodo dos Bispos, reafirmou-se a identidade própria, na dignidade comum e na diversidade das funções, dos fiéis leigos, dos ministros sagrados e dos consagrados. Todos os fiéis foram incentivados a edificar a Igreja, colaborando em comunhão para a salvação do mundo.

É necessário ter presente a urgência e a importância da ação apostólica dos fiéis leigos no presente e no futuro da evangelização. A Igreja não pode prescindir dessa obra, pois ela é inerente ao seu ser enquanto Povo de Deus e essencial para realizar sua missão evangelizadora.

Nas décadas que se seguiram ao Concílio Vaticano II, a Igreja teve inúmeras oportunidades para refletir sobre sua missão de evangelização. Diversos documentos

destacam a necessidade imperativa de levar o Evangelho ao mundo. Entre eles, lembramos a *Evangelii Nuntiandi*, do Papa Paulo VI, e a *Evangelii Gaudium*, do Papa Francisco. Ambos delineiam um caminho no qual a Igreja não pode se esquivar do compromisso diário dos fiéis com a evangelização. Paulo VI afirmou com convicção: “A Igreja existe para evangelizar” (EN, 1975, n. 14). De maneira semelhante, o Papa Francisco reafirma claramente: “Eu sou uma missão” (EG, 2013, n. 273).

É importante reconhecer que o primeiro anúncio, ou querigma, deve ocupar uma posição central na atividade evangelizadora e em todos os esforços de renovação eclesial. Não se deve pensar que, na catequese, o querigma é negligenciado em favor de uma formação mais robusta. Pelo contrário, toda formação cristã é, antes de tudo, um aprofundamento do querigma, que se torna cada vez mais tangível e ilumina a tarefa catequética. Isso nos permite compreender adequadamente o significado de qualquer tema abordado na catequese (EG, 2013, n. 165).

A catequese, portanto, enfrenta o desafio eclesial de divulgar o Reino de Deus a todos. Ela se alia à ação missionária, convocando as pessoas à fé e estando fortemente ligada aos sacramentos da IVC, especialmente ao Batismo. Considerando a renovação que a Igreja é chamada a realizar para cumprir o mandato de Jesus Cristo de proclamar o Evangelho em todos os lugares (Mt 28,19), a catequese desempenha um papel fundamental. Ela segue o percurso catecumenal, evoluindo progressivamente no pré-catecumenato, catecumenato, purificação/iluminação e mistagogia.

É imperativo que a catequese não seja vista apenas como um processo educativo, mas como uma verdadeira experiência de fé que transforma vidas. A centralidade do querigma garante que a mensagem de Jesus Cristo seja sempre o ponto de partida e o objetivo final de toda ação catequética. Dessa forma, a catequese não apenas informa, mas forma discípulos missionários comprometidos com a missão de evangelizar e transformar o mundo.

2.4.3 Gestão paroquial da catequese

A catequese deve ser um ambiente repleto de amor, dedicação, engajamento e compromisso dos párocos e catequistas, estabelecendo uma verdadeira escola para a educação da fé. Os catequistas capacitam-se e conduzem os encontros com

criatividade, enquanto vários párocos incentivam e motivam o avanço pedagógico e as etapas de formação para os catequistas.

No entanto, existem barreiras que restringem o progresso da catequese, assim como em outras pastorais, devido a questões de tempo, local e recursos financeiros. Frequentemente, o catequista enfrenta desafios financeiros para participar das formações, pelo medo, desinformação, proibição, clericalismo, entre outros obstáculos. Persiste uma falta de entendimento sobre a necessidade de investir e capacitar os catequistas nos dias atuais.

A paróquia conta com o valioso apoio dos leigos em trabalhos voluntários de limpeza, manutenção e organização dos espaços da igreja, incluindo os catequistas. No entanto, muitas vezes, suas perguntas e sugestões não são ouvidas. Como pais, mães, leigos e líderes, os catequistas têm a responsabilidade de dar testemunho aos novos iniciantes cristãos. O Papa Francisco também incentiva a superação das desigualdades na formação e criação de espaços onde as pessoas possam expressar suas ideias.

Mas a tomada de consciência desta responsabilidade laical que nasce do Batismo e da Confirmação não se manifesta de igual modo em toda a parte; em alguns casos, porque não se formaram para assumir responsabilidades importantes, noutros por não encontrar espaço nas suas Igrejas particulares para poderem exprimir-se e agir por causa dum excessivo clericalismo que os mantém à margem das decisões (EG, 2013, n. 102).

Alguns Ministros Ordenados, que deveriam ser os mais devotos seguidores do Senhor, exibem uma atitude oposta dentro da Igreja, agindo como se fossem proprietários de um castelo, indiferentes, desinteressados e negligentes com os fiéis e a comunhão com o bispo.

A perseguição aos primeiros cristãos veio do imperador, de fora da comunidade. Mesmo a morte em nome de Cristo se tornou um desafio, que os incentivou a se apoiarem mutuamente dentro da comunidade. Os primeiros cristãos acolheram o anúncio e, apesar da perseguição, mantiveram sua fé na mensagem e no exemplo de Jesus, testemunhados por seus seguidores. Eles conseguiram seguir a Jesus, sem perder a fé, independentemente para onde fossem enviados, em nome do Senhor.

Hoje, o contexto é bem diferente para os cristãos que recebem o anúncio. Embora haja também perseguições e obstáculos na evangelização na atualidade, a

perseguição atual vem da intolerância, da falta de paciência, da rotina e do excesso de racionalismo de alguns dentro da hierarquia da Igreja. Alguns cristãos abandonaram o seguimento a Jesus Cristo, enquanto outros se dirigem a outras denominações religiosas ou se tornam desigrejados. No próximo tópico, será abordado o Itinerário Catecumenal para compreender o seguimento que os primeiros cristãos realizavam em direção ao discipulado do caminho de Jesus.

2.5 O ITINERÁRIO CATECUMENAL DA CATEQUESE

O Itinerário Catecumenal é composto por quatro fases ou tempos: pré-catecumenato, catecumenato, purificação/iluminação e mistagogia. A proposta catequética da Diocese de Cornélio Procópio segue esse Itinerário, acompanhando a formação pedagógica da fé e atualizando metodologias para seus encontros catequéticos. Para desenvolver esse Itinerário Pedagógico, a Diocese adotou a coleção, *Crescer em comunhão*, que também, ao longo de vários anos, foi atualizada e mais precisamente no final de 2021, foi incorporado na inspiração catecumenal.

Antes de iniciar os tempos previstos da IVC, o candidato passa por uma preparação, com o objetivo de acolhê-lo para o Itinerário Catecumenal. A metodologia inclui a integração do candidato na comunidade eclesial, a divulgação do processo da IVC, o primeiro contato com outros possíveis interessados e a inscrição para a Iniciação à Vida Cristã. O processo tem uma duração mínima de um mês. O Itinerário Catecumenal segue a estrutura, do primeiro ao quarto tempo⁷.

2.5.1 O Rito de Iniciação Cristã de Adultos (RICA)

Segundo o Rito de Iniciação Cristã de Adultos (RICA), os tempos do Itinerário Catecumenal são quatro: Pré-catecumenato ou Querigma, Catecumenato, Preparação quaresmal da purificação/iluminação e Mistagogia. A transição de um tempo para o outro é marcada por celebrações específicas.

O 1º Tempo - Pré-catecumenato (ou Querigma) e Celebração da Admissão é o período de acolhimento na comunidade cristã. Segue-se a Celebração da Admissão ao Catecumenato: um rito de entrada em que os catecúmenos são assinalados com

⁷ Itinerário Catequético da IVC - um processo de inspiração catecumenal da Comissão Episcopal da Pastoral para a Animação Bíblico-catequética da (CNBB, 2014 p. 71- 75) e o RICA.

a Cruz do Senhor e convidados a entrar na Igreja e a ouvir a Palavra de Deus junto com a comunidade. Eles recebem o Livro da Sagrada Escritura como sinal da condição de ouvintes; aqueles que já foram batizados são acolhidos como catequizandos(as) que irão intensificar o seguimento de Jesus.

O 2º Tempo – O Catecumenato e a Celebração da Eleição constituem o período mais longo, dedicado à catequese, reflexão e aprofundamento, onde o candidato se insere gradativamente na comunidade cristã. Segue-se a Celebração da Eleição ou Inscrição do Nome, quando os catecúmenos são batizados na Páscoa. Esta celebração acontece no início da quaresma (Tempo de Purificação e Iluminação) em que os catecúmenos expressam publicamente seu desejo de serem cristãos. O Ministro Ordenado acolhe os catecúmenos e, tendo ouvido o testemunho dos padrinhos e catequistas, declara-os aptos para mais uma específica preparação: são eleitos para os sacramentos pascais.

O 3º Tempo – A Purificação, a Iluminação e a Celebração são períodos de preparação próxima para a recepção dos Sacramentos (Entrega do Creio e do Pai Nosso). É o momento propício para as práticas quaresmais. Segue-se a Celebração dos Sacramentos, normalmente na Páscoa.

O 4º Tempo – O tempo mistagógico é o período em que, após a recepção dos sacramentos, os novos discípulos missionários aprofundam os mistérios celebrados. Mistagogia significa conduzir para dentro do mistério. Também tem o sentido de catequese permanente, pois o cristão nunca está totalmente formado.

O primeiro período pode ser comparado ao momento do conhecer mais profundamente os primeiros contatos sobre a fé. Nele, é possível sentir como se vive o dia a dia com mais proximidade, compreendendo novas palavras, ações, significados dos sinais, símbolos, expressões, vestimentas, entre outros. No início, há uma fase de encantamento e atração, levando a um compromisso crescente e à sensação de pertencimento ao grupo.

O processo catequético deveria aquecer o coração, motivando o iniciado a assumir uma nova etapa, correspondente ao segundo tempo, e assim sucessivamente. No terceiro e no quarto período, o iniciado vai percorrendo o itinerário até chegar ao processo mistagógico. Nessa fase, ele sente mais segurança para cativar e guiar os outros, a realizarem o processo. No quadro abaixo pode-se ver, com mais clareza a proposta da catequese catecumenal do RICA.

A ideia é que o Itinerário Catecumenal seja implementado nas Igrejas Particulares em todo o Brasil. Na Diocese de Cornélio Procópio, a introdução está acontecendo com progressos nos processos de recepção. O quadro a seguir resume o projeto elaborado do RICA, para uma visão conjunta da IVC e seu percurso.

Quadro 1: Os Tempos, segundo o Rito de Iniciação Cristã de Adultos (RICA)

1º TEMPO PRÉ- CATECUMENATO OU PRIMEIRO ANÚNCIO (querigma)		2º TEMPO CATECUMENATO (tempo mais longo de todos)		3º TEMPO PURIFICAÇÃO E ILUMINAÇÃO (quaresma)		4º TEMPO MISTAGOGIA (tempo pascal)
<i>Tempo do acolhimento na comunidade cristã:</i> EVANGELIZAÇÃO - Inscrição e Colóquio com o catequista. - Ritos	1ª ETAPA – Rito de Admissão dos candidatos ao Catecumenato (entrada)	<i>Tempo Suficientemente longo para:</i> CATEQUESE Reflexão e Aprofundamento. - Vivência cristã, Conversão - Entrosamento com a Igreja. - Ritos	2ª ETAPA – Preparação para os sacramentos (eleição)	<i>Preparação próxima para Sacramentos:</i> - Escrutínios. - Entregas do Símbolo e da Oração do Senhor CATEQUESE - Práticas Quaresmais - (CF, etc.) - Ritos	3ª ETAPA – Celebração dos sacramentos de Iniciação: Vigília Pascal	<i>Aprofundamento e maior mergulho no mistério cristão, no mistério pascal:</i> - Vivência na comunidade cristã. FIM DO PERÍODO CATECUMENAL. - O cristão continua a formação permanente na comunidade, ao longo de toda vida.

Fonte: CNBB 2014, p. 71 a 77.

2.5.2 O itinerário da Iniciação à Vida Cristã

O Itinerário da IVC, apresentado pela Comissão da CNBB, foi implementado em toda a Diocese de Cornélio Procópio. A Comissão de Animação Bíblico-Catequética da Diocese desenvolveu um Itinerário Catequético Diocesano para auxiliar nas celebrações catecumenais. Essas celebrações envolvem catequizandos, catequistas, famílias, equipe de liturgia e a comunidade de fé. O Itinerário da IVC da Diocese complementa a Coleção *Crescer em comunhão* (2021).

O Itinerário proposto inclui uma introdução à “Iniciação à Vida Cristã de inspiração catecumenal” e momentos significativos para celebrar com os catequizandos e suas famílias. Inclui também celebrações para a entrega de orações, da cruz, da Bíblia, entre outros. Essas celebrações estão diretamente ligadas ao ano litúrgico em todas as fases e auxiliam os coordenadores e catequistas no planejamento anual, em colaboração com a paróquia e as comunidades.

No que diz respeito à catequese, a fé católica possui uma profundidade significativa, pois além do conhecimento, requer a prática vivencial na comunidade. O Diretório para a Catequese (2020) ressalta a importância de distinguir entre o ensino religioso e a catequese.

O ensino escolar da religião católica mudou consideravelmente ao longo do tempo. Sua relação com a catequese é de distinção na complementariedade. Onde a distinção não é clara, há o perigo de ambos perderem sua identidade. A catequese 'promove a sua adesão pessoal a Cristo e o amadurecimento da vida cristã'. O ensino escolar, por outro lado, transmite aos alunos o conhecimento sobre a identidade do cristianismo e da vida cristã (DC, 2020, n. 313).

No contexto catecumenal, o encontro catequético é o momento de amadurecimento, da vivência comunitária e do fortalecimento da vida espiritual cristã. Alguns catequistas fazem a preparação do encontro juntos, quando são da mesma etapa. Há também momentos de troca de experiências entre catequistas da mesma etapa, por setor, que enriquecem muito a caminhada no aprofundamento e nos complementos catequéticos.

A catequese, na Diocese de Cornélio Procopio, segue um caminho único, que contempla o desenvolvimento, as tradições, a história e a cultura do povo, com fortes influências rurais, agora enriquecidas pela contribuição urbana. A Diocese é marcada pela agricultura, destacando-se no plantio de trigo, uva, soja, milho, entre outros.

2.6 AS FASES DA INICIAÇÃO À VIDA CRISTÃ

Como já apontamos neste trabalho, o processo de IVC abrange quatro fases na vida de um catecúmeno, isto é, aquele que se prepara para receber os sacramentos do Batismo, Eucaristia e Crisma. Essas fases são: pré-catecumenato, catecumenato, purificação/iluminação e mistagogia. A IVC compreende o momento presente⁸, com seus marcos e desdobramentos históricos.

Boróbio (1996) usa o termo iniciação *initiatio*, em seus escritos sobre a “A iniciação à Vida Cristã”. O autor estabelece uma relação com a antropologia. Embora

⁸ Um teólogo espanhol que aprofundou este aspecto foi o catedrático de liturgia e sacramentologia, Dionísio Boróbio. Ele desenvolveu seus estudos na Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade de Salamanca, Espanha. Boróbio oferece uma demonstração clara do que isso significa.

o termo Iniciação não apareça no Novo Testamento, ele é comum em diversas culturas e povos.

Expressa um fenômeno humano geral, que obedece ao processo de adaptação que todo homem se vê obrigado a viver em relação com o ambiente físico, com o ambiente social e cultural, com o ambiente religioso. Se por uma parte o sujeito se inicia adaptando-se ao grupo de referência e sua cultura; por outra parte o grupo se enriquece com a entrada pessoal a partir do qual é iniciado (Boróbio, 1996, p. 17-18).

Em todo grupo humano, existem diferenças de idades, modos de pensar, de sentir e de perceber a vida. À medida que outros membros se integram, é necessário um processo de inculturação e acolhida do outro, do diferente. Da mesma forma, o processo de IVC requer um período de preparação, acolhimento, inculturação e conhecimento para o ingresso na comunidade. O Documento 107 - Iniciação à Vida Cristã: para formar discípulos missionários (2017) da CNBB convida a olhar o cenário de mudança que a Igreja vive hoje, afirmando:

Não estamos partindo do zero. Há um passado que pode impulsionar-nos a buscar constantemente novos caminhos, para que cheguemos a viver, com autenticidade e zelo ardente, o seguimento de Jesus, a partilhar com Ele a missão de fazer acontecer o Reino no mundo de hoje (CNBB, 2017, n. 39).

O documento CNBB 2017 foi um marco importante para os educadores da fé. A V Conferência, realizada em Aparecida, em 2007, deu um novo impulso ao povo de Deus, às lideranças em geral, à Comissão de Animação Bíblico-Catequética da CNBB e às assembleias posteriores. O Documento de Aparecida ressaltou que a catequese deve ser um processo contínuo de evangelização, que precisa dar continuidade à formação e à celebração da vivência com vigor promissor. A participação de todos deve ser um momento vivo e significativo do mistério celebrado.

São muitos os cristãos que não participam na Eucaristia dominical nem recebem com regularidade os sacramentos, nem se inserem ativamente na comunidade eclesial. Sem esquecer a importância da família na iniciação cristã, esse fenômeno nos desafia profundamente a imaginar e organizar novas formas de nos aproximar deles para ajudá-los a valorizar o sentido da vida sacramental, da participação comunitária e do compromisso cidadão. Temos alta porcentagem de católicos sem a consciência de sua missão de ser sal e fermento no mundo, com identidade cristã fraca e vulnerável (DAP, 2007, n. 286).

Em 1973, foi publicado o Ritual para a Iniciação à Vida Cristã dos Adultos (RICA), reformado por decreto do Concílio Ecumênico Vaticano II e promulgado pelo Papa Paulo VI. É evidente que a catequese não deve ser vista apenas como preparação para os sacramentos, mas também em relação à experiência litúrgica e à vivência comunitária. “A catequese está intrinsecamente ligada a toda ação litúrgica e sacramental, pois é nos Sacramentos, sobretudo na Eucaristia, que Cristo Jesus age em plenitude na transformação dos homens” (CT, 1978, n. 23). Portanto, liturgia e catequese são inseparáveis e se complementam mutuamente” (DC, 2020, n. 96).

Com o RICA, os Bispos do Brasil perceberam “um crescente movimento de recuperação, embora com o desafio de não poder aplicá-lo na íntegra devido à grande diversidade pastoral e eclesial do Brasil” (RICA, n. 6).

Em 1983, foi lançado o Documento “Catequese Renovada” (CR) (1983), desenvolvido pelos sínodos e documentos das Conferências de Medellín, Puebla e a própria CNBB. Este Documento foi preparado e elaborado por muitas pessoas, em mutirão e intercâmbio nas bases dos regionais. Até agora, houve mais de trinta edições. Ele foi apreciado e muito bem aceito pela Igreja. Na Primeira Semana Brasileira de Catequese, de 1986, sua divulgação aconteceu nas várias regiões do Brasil, marcando uma época pela grande motivação e pela renovação catequética, nas paróquias e comunidades.

No ano de 1985, o Papa João Paulo II convocou uma Assembleia Especial do Sínodo dos Bispos, inspirado no Concílio Vaticano II, para redimensionar a vida da Igreja, pois já se haviam passado vinte anos. Por este motivo, os Bispos manifestaram ao Papa a necessidade de um novo Catecismo. Em 1986, João Paulo II nomeou uma Comissão de Cardeais e Bispos, que iniciaram a elaboração do novo Catecismo da Igreja Católica, promulgado e apresentado oficialmente à toda Igreja em dezembro de 1992. João Paulo II afirmou na Constituição Apostólica *Fidei Depositum* (1992), “este Catecismo trará uma contribuição muito importante àquela obra de renovação da vida eclesial inteira, querida e iniciada pelo Concílio Vaticano II”.

Em 2006, foi aprovado o Diretório Nacional de Catequese no Brasil, com o objetivo de motivar e afirmar a importância da catequese catecumenal.

A V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe foi um evento realizado entre 13 e 31 de maio de 2007 no Santuário Nacional de Aparecida, no Brasil, que ampliou o horizonte da catequese. Lima (2008) evidenciou a história catequética dentro das conferências latino-americanas, desde Medellín até Aparecida

com a temática de “Discípulos e Missionários de Jesus Cristo, para que nele nossos povos tenham vida”, a IVC foi focada para a catequese de forma contínua:

Faz uma distinção, e ao mesmo tempo uma íntima ligação, entre ‘iniciação cristã’ e ‘catequese permanente’. A iniciação cristã é considerada a ‘maneira ordinária e indispensável de introdução na vida cristã e como catequese básica e fundamental’, assumindo como modelo o processo catecumenal. Uma vez garantida esta base fundamental, diz o documento ‘virá depois a catequese permanente, que continua o processo de amadurecimento da fé’.

Logo depois, em 2008, foi nomeada uma comissão responsável para preparar uma estrutura fundamental sobre o processo de inspiração catecumenal. Esta Comissão publicou trabalhos na coleção Estudos da CNBB (2014). Deste modo, as experiências continuaram crescendo no campo dos estudos catequéticos, principalmente no desenvolvimento do processo catecumenal, conforme segue:

A iniciação catecumenal (RICA), se faz em 4 tempos e 3 etapas. A palavra ‘etapa’ aqui tem um significado um pouco diferente do que aparece na linguagem comum. As etapas são entendidas como ‘portas’ (algo que se abre, possibilitando avanço na caminhada), momentos fortes marcados por uma celebração específica que assinala a situação do iniciando dentro do processo, na passagem para o tempo seguinte (CNBB, 2021, n. 74).

A celebração dos sacramentos tem a finalidade de ser uma caminhada contínua. Assim, o processo formativo perpassa diversas etapas, que culmina com a catequese mistagógica, que vai aprofundar a educação para a vivência do mistério da fé.

Em 2011, o processo da IVC passou a fazer parte das Diretrizes Gerais da CNBB, uma das urgências pastorais, com o aval dos Bispos e nas Igrejas particulares. Também foi elaborado o Itinerário Catequético: Iniciação à Vida Cristã, em 2014. De tal modo, “os novos caminhos pastorais reconhecem que a inspiração catecumenal é uma exigência atual” (RICA, 1972, n. 7).

O Papa Francisco, ao publicar a Carta Apostólica sob forma de *Motu Proprio Antiquum Ministerium* (2021) instituiu o ministério de catequista. Logo, na primeira linha, assegura: “Ministério Antigo é o de catequista na Igreja” (AM, 2021, n. 1), que é reconhecido desde os primeiros escritos do Novo Testamento. Em relação ao Apóstolo Paulo, ele menciona aos “mestres” quando escreveu à comunidade de Corinto. E direciona toda a carta de modo particular aos catequistas e, para efeito desta missão pede:

Convém que, ao ministério instituído de catequista, sejam chamados homens e mulheres de fé profunda e maturidade humana, que tenham uma participação ativa na vida da comunidade cristã, sejam capazes de acolhimento, generosidade e vida de comunhão fraterna, recebam a devida formação bíblica, teológica, pastoral e pedagógica, para serem solícitos comunicadores da verdade da fé, e tenham já maturado uma prévia experiência de catequese (AM, 2021, n. 8).

O(a) catequista é chamado(a) a estar disponível para exercer seu ministério onde for necessário, e deve ser movido por um verdadeiro entusiasmo apostólico. Para isso, é essencial que possua uma formação sólida em Bíblia, teologia, pastoral e pedagogia.

A formação de catequistas é abordada por vários documentos da Igreja, destacando-se os Diretórios Gerais de 1971, 1997 e 2020, elaborados pela Congregação para o Clero e, posteriormente, pelo Pontifício Conselho para a Promoção da Nova Evangelização, além do Diretório Nacional da Catequese CNBB (2006). Em 2021, foi lançado também o Estudo da CNBB (2021) na reflexão e ação na catequese na formação do Ministério de Catequista.

Dom José Antônio Peruzzo, presidente da Comissão de Animação Bíblico-Catequética afirmou durante o lançamento do Ministério de Catequista que a obra tem como objetivo “nos educar para o Ministério, pois, antes de instituí-lo, é preciso bem compreendê-lo”.

As reflexões contidas no documento resultam de uma ampla análise da Comissão de Animação Bíblico-Catequética. No mesmo ano, a Comissão de Animação Bíblico-Catequética publicou um livreto intitulado: “Critérios e Itinerários para a Instituição do Ministério de Catequista (2022)”. Esse documento enfatiza a importância do processo de formação de catequistas, com o objetivo de iniciá-los(as) à vida cristã e de fazê-los (as) conhecer e seguir os passos de Jesus Cristo.

No início da Igreja, destacava-se o grupo apostólico cuja autoridade se fundamentava no mistério pascal de Jesus Cristo, do qual também foram testemunhas. Os apóstolos foram chamados e conviveram com Cristo como amigos, em fraternidade que crescia no amor, na doação e no serviço. Com esse vigor, os apóstolos sentiram a necessidade de transmitir essa experiência para outras comunidades, para que também pudessem vivenciar a experiência de Jesus Cristo.

Os apóstolos designavam seus representantes nas comunidades que fundavam, conferindo-lhes autoridade para o governo e serviço litúrgico por meio da imposição das mãos. Eles escolhiam os diáconos, que foram os primeiros

responsáveis pela obra da evangelização, realizada por meio do querigma, ou seja, o primeiro anúncio, como afirmação e centro da fé cristã. O querigma apresenta Jesus em três grandes títulos: Messias, Senhor e Salvador. Nos Atos dos Apóstolos, escrito por Lucas e inspirado nos escritos de Marcos, esse anúncio é evidente:

Sabeis o que aconteceu por toda a Judeia: Jesus de Nazaré, começando pela Galileia, depois do batismo proclamado por João, como *Deus o ungiu com Espírito Santo* e com o poder, e ele passou fazendo o bem e curando todos os que estavam dominados pelo diabo, porque Deus estava com ele. E nós somos testemunhas de tudo o que fez na região dos judeus e em Jerusalém, ele, a quem, no entanto mataram, suspendendo-o ao madeiro. Mas Deus o ressuscitou ao terceiro dia e concedeu-lhe que se tornasse visível, não a todo o povo, mas às testemunhas anteriormente designadas por Deus, isto é, a nós, que comemos e bebemos com ele, após a sua ressurreição dentre os mortos. E ordenou-nos que proclamássemos ao Povo e dêssemos testemunho de que ele é o juiz dos vivos e dos mortos, como tal constituído por Deus. Dele todos os profetas dão testemunho, de que por meio de seu nome receberá a remissão dos pecados todo aquele que nele crer (At 10,37-43).

Lucas é breve e conciso na transmissão da mensagem, de que Cristo ressuscitou dos mortos para dar credibilidade aos ouvidos do povo pagão. A mensagem de Lucas, de certa forma, levanta curiosidade, principalmente para quem nunca ouviu falar dos lugares como “Galileia”, “Judeia”, “Nazaré”. Sobre as ações “ungiu”, “curaram”, “passou fazendo o bem”, “mataram”, “remissão dos pecados”, “crer”, os fatos que aconteceram depois da morte, “ressuscitou ao terceiro dia”. É um anúncio instigante, que provoca uma inquietação interior e dá a prova, do que se acredita.

O querigma do Cristo ressuscitado proclama o poder e o testemunho da Palavra vivida e revelada. O anúncio revela o Senhor e o seu Reino, que vai ao encontro dos cristãos e faz algo diferente e novo no coração deles, porque toca o íntimo não com um esbarrão ou mão nos ombros.

No Diretório para a Catequese (2020), mais precisamente no capítulo VI, há uma referência sobre a formação dos(as) catequistas e de todos envolvidos na educação da fé que:

tem por finalidade, antes de mais, tornar os catequistas conscientes de que, enquanto batizados, são verdadeiros discípulos missionários, ou seja, sujeitos ativos de evangelização e, com base neste fundamento, habilitados pela Igreja ao Evangelho e a acompanhar e educar na fé (DC, 2020, n. 132).

Por esta razão, o(a) catequista deve sentir-se chamado(a) e vocacionado(a) para este ministério. O encantamento faz parte da vida das pessoas, se elas estão motivadas vão espalhar o mesmo odor, o perfume de Cristo ressuscitado para outros. O que está cheio, transborda. Nesse sentido, “a formação de catequistas ajuda-o a amadurecer como pessoa, como crente e como apóstolo” (DC, 2020, n. 136).

Essa dimensão relaciona-se hoje com a concepção de saber ser, que se refere a sua identidade pessoal. Em relação ao saber, no sentido de que para desempenhar de maneira adequada, a sua função, implica manter-se fiel à mensagem e à pessoa no contexto em que vive. A catequese não deve se esquecer da dimensão do saber fazer, “a catequese é um ato educativo e comunicativo” (DC, 2020, n. 136).

Nessa perspectiva, o(a) catequista descobre e cresce na fé, sente a necessidade de alimentar-se na fonte inesgotável do mistério. A vivência catequética, portanto, desperta o entusiasmo pessoal de cada cristão com sentido consciente de ser chamado a desempenhar a sua missão na comunidade.

2.7 A VIDA CRISTÃ E VOCAÇÃO PARA OS MINISTÉRIOS

É relevante revisitar o Concílio Vaticano II, que teve impacto primaveril na renovação da Igreja Católica, promovendo a aproximação entre a hierarquia e os fiéis, além de uma abertura ao mundo. Essa aproximação trouxe várias inovações, incluindo a descentralização do poder na Igreja. A partir desse momento, os serviços e responsabilidades foram divididos entre o Papa e os Bispos. Assim, as mudanças foram implementadas para um amadurecimento mais consciente do Povo de Deus.

Segundo o teólogo Almeida (1990, p. 3), “os ministérios não-ordenados não recebem uma tratamento explícita e formal por parte do Concílio. Há, todavia, um conjunto de textos dos quais se podem deduzir sua natureza, fundamento e destinação”.

Portanto, a trajetória e as mudanças promovidas do Concílio em relação à catequese estão sendo valorizadas e reconhecidas atualmente. O Ministério de Catequista, em processo de institucionalização na Igreja, vai além dos simples encontros de catequese com o grupo, que prepara para receber os sacramentos. Seu testemunho de amor constante, na família, na comunidade, na sociedade, complementa sua vocação ministerial.

Na Diocese de Cornélio Procópio existem muitos(as) catequistas dedicados(as) ao serviço catequético, mas é essencial uma formação adequada para o exercício deste ministério. Papa Francisco, na Carta Apostólica *Antiquum Ministerium*, instituiu o Ministério de Catequista e indicou alguns critérios para a sua formação, especialmente no número 8. A CNBB (2022) também apresentou considerações e itinerários para a instituição do Ministério de Catequista, na Igreja do Brasil.

Como já vimos, a catequese para a IVC envolve diferentes faixas etárias: crianças, adolescentes, jovens e adultos; diferentes lugares: centros e periferias; pessoas com as suas vulnerabilidades; comunidades, pastorais e movimentos. Por isso, é indispensável uma formação adequada para o catequista, que o ajude a conhecer, viver e transmitir a fé cristã, de acordo com o contexto e as necessidades de cada pessoa e de cada comunidade.

É importante destacar que o processo de educação da fé segue um itinerário que contempla o desenvolvimento psicofísico e espiritual do catequizando, que está em processo de descoberta do mundo que o cerca. Portanto, considera-se indispensável uma formação adequada para atender essa demanda. “Trata-se de formar catequistas para que sejam capazes de transmitir não apenas um ensinamento, mas também uma formação cristã íntegra, desenvolvendo tarefas de iniciação, de educação e de ensino” (DC, 2020, n. 135b).

A formação de catequistas é uma ampliação do conhecimento catequético que ele(a) adquiriu quando era catequizando(a), que ao mesmo tempo passa por mudanças, análises e pesquisas dos especialistas em catequese, seja no âmbito da Igreja Particular, da CNBB e, mais especificamente, do Dicastério para a Promoção da Nova Evangelização.

2.8 REFLEXÕES CONCLUSIVAS

Esta seção teve como objetivo identificar a formação de catequistas na Diocese de Cornélio Procópio, localizada no estado do Paraná. Abordou a origem do trabalho missionário na cidade de Cornélio Procópio, realizado pelo Padre Antônio Lock, da Congregação dos Palotinos. A Igreja de Cornélio Procópio pertencia inicialmente à Diocese de Jacarezinho. A partir de 1936, o Palotino Padre Antônio Lock, de Londrina, assumiu o pastoreio da cidade com visitas quinzenais. Em 1938, ocorreu a instalação oficial da Paróquia Cristo Rei, na presença do então Bispo de Jacarezinho, Dom

Fernando Taddei. A matriz da Paróquia Cristo Rei era uma modesta igreja de madeira localizada na Praça Brasil.

A paróquia cresceu rapidamente em todos os aspectos. Além da preocupação com a cultura, educação, manifestações artísticas, religiosas e culinária, o ensino regular abrangeu diversas modalidades, com uma significativa preocupação com a educação da fé, ou seja, com o conhecimento das verdades da fé. Surgiu ainda uma eclesiologia orientada na perspectiva do Vaticano II, voltada para o diálogo entre a fé e a doutrina.

Em maio de 1966, Dom Conrado Walter (Sac.), Bispo da Diocese de Jacarezinho, e os padres se reuniram e, juntos, decidiram e assinaram o decreto de criação da nova Diocese de Cornélio Procópio. A criação da Diocese intensificou as relações e a sua evangelização teve uma trajetória muito significativa, orientando-se na perspectiva do diálogo e no aprofundamento do primeiro anúncio do Evangelho.

Em relação à catequese, o patrimônio espiritual construído foi valioso para todo o povo que vive e reside na Diocese de Cornélio Procópio. Desde 1973, sob a liderança do primeiro Bispo, Dom José Joaquim Gonçalves, juntamente com padres e leigos, várias ações foram realizadas na formação da nova Diocese. Hoje, a Diocese conta com aproximadamente setecentos(as) catequistas (a maioria mulheres), que continuam, com muito entusiasmo, o trabalho de Iniciação à Vida Cristã (IVC).

O Ministério de catequistas está enraizado nos corações de muitos na Diocese, transformando-se em um legado espiritual para as comunidades. A missão é um ato que alguém recebe e é encarregado de realizar, executar diante das necessidades latentes, sendo uma proposta essencial na qual uma comunidade define seu propósito existencial.

A Igreja em Cornélio Procópio possui uma prática pastoral sólida, baseada na proclamação do Evangelho. Essa prática reflete a missão da Igreja, que em sua etimologia latina significa “ato ou efeito de enviar”. Como São Paulo disse: “Pregar o Evangelho não é motivo de glória para mim; é uma necessidade que me é imposta. Ai de mim se não pregar o Evangelho!” (1Cor 9, 16).

Paulo se coloca à frente da comunidade e, ao mesmo tempo, exige de si compromisso com o anúncio do Evangelho. Sua atitude nos mostra que o Evangelho não pode ficar retido, estagnado e amarrado. É preciso agir, ir ao encontro dos que ainda não ouviram o anúncio querigmático. A missão de ser enviado redimensiona o compromisso e o movimento.

O verbo enviar indica uma ação profundamente marcada por Cristo, com Cristo, em Cristo e para o mundo. Os evangelistas utilizam em seus escritos que o próprio Jesus envia os seus discípulos: “O Senhor escolheu outros setenta e dois discípulos e enviou-os à sua frente, dois a dois, a todas as localidades, vilas e aldeias que tencionava visitar mais tarde” (Lc 10, 1).

A missão de uma instituição é a declaração concisa do seu propósito fundamental, a razão de sua existência, o motivo pelo qual foi criada. A missão é o DNA da instituição, definindo sua identidade e geralmente sendo mantida ao longo do tempo. Seguindo essa metodologia, Jesus definiu seu projeto missionário para a vida naquela época e para as futuras gerações, o que pode ser observado até hoje.

Atualmente, na Diocese de Cornélio Procópio, percebemos pessoas comprometidas e ativas na Igreja e no processo de evangelização, em várias pastorais e movimentos diocesanos. Observamos o engajamento e a participação de pessoas na evangelização, por meio de diversas pastorais e movimentos diocesanos. Entre os catequistas, há uma expressiva presença de jovens, além de muitos que já atuam na catequese há mais de trinta anos. Trata-se de um serviço voluntário, motivado pelo chamado à missão.

O Papa João Paulo II, em sua Encíclica *Redemptoris Missio* (RM), sobre a missão do Redentor, faz um forte apelo aos dois envios: do missionário e do Evangelho. A novidade estava muito presente nas expressões do Papa, como “nova era”, “dia radiante”, “jovens Igrejas”, indicando claramente que a missão surge de um coração alegre para encontrar o outro. O texto a seguir, João Paulo II destaca a vivacidade e o senso de pertencimento.

Nunca como hoje se ofereceu à Igreja a possibilidade de, com o testemunho e a palavra, fazer chegar o Evangelho a todos os homens e a todos os povos. Vejo alvorecer uma nova época missionária, que se tornará dia radioso e rico de frutos, se todos os cristãos e, em particular, os missionários e as jovens Igrejas corresponderem generosa e santamente aos apelos e desafios do nosso tempo (RM, 1990, n. 92).

O Papa João Paulo II inspirou vigor e esperança para o novo milênio em evidência. Ele comparou o ser humano com a natureza e o tempo. Na poesia, ele expressou a beleza do Evangelho em movimentos, para os homens e para os cristãos. Essa palavra continua sendo comunicada pelo Povo de Deus, por meio de diferentes formas de expressão: a escrita, a fala, o desenho, a escultura, a imagem, para perto

ou para longe, de acordo com os novos paradigmas. Para compreender melhor, a próxima seção abordará o Ministério dos catequistas e todas as suas implicações inerentes à sua formação.

Nesta seção, discutimos a proposta de formação da identidade e da vocação do(a) catequista. Foi identificado, a partir dos documentos da Igreja, a trajetória da Diocese de Cornélio Procópio na sua organização e sistematização como Diocese. Adicionalmente, foram especificados os documentos relacionados à Catequese, com a finalidade de fundamentar seus projetos e planos pastorais, os elementos fundamentais que constituem a natureza e o propósito da formação de catequistas nesta mesma diocese.

3 FORMAÇÃO E O MINISTÉRIO DE CATEQUISTA

Nesta seção, o objetivo é verificar a contribuição do método fenomenológico de Edith Stein e de suas estratégias pedagógicas no processo de formação dos catequistas e na evolução de seu ministério.

Edith Stein (1891-1942), filósofa, teóloga e pedagoga, oferece *insights* valiosos para aprimorar a formação e o crescimento de agentes pastorais. Sua abordagem fenomenológica e sua percepção da educação podem agregar valor significativo à formação catequética.

A formação em foco busca uma visão mais mistagógica do ministério do(a) catequista e seus impactos nos catequizandos. Para essa mistagogia experiencial na fé, é importante considerar os efeitos que a expressão catequética do(a) catequista tem na mensagem para o(a) catequizando(a).

Inspirada em seus estudos, Stein procurou observar os fenômenos humanos, refletidos no corpo, na mente e no espírito. Assim, ela conseguiu entender como um ser humano pode contribuir para a formação de outro ser, que ao mesmo tempo está em processo de assimilação e formação de seu próprio eu. É sabido que a formação envolve o indivíduo em um processo complexo e multifacetado de influências biológicas, culturais, psicológicas e sociais. Esse desenvolvimento ocorre ao longo da vida e é moldado por uma interação dinâmica entre vários fatores da formação humana: biológico, cognitivo, emocional, espiritual, cultural, educacional, moral, vivencial, autônomo, entre outros. Antes de nos aprofundar nesses aspectos, apresentamos breves traços bibliográficos da filósofa Edith Stein, com seu percurso de vida e militância até a morte.

3.1 A BIOGRAFIA DE EDITH STEIN

No livro, Stein: vida de uma família judia (2018), lê-se que Edith Theresa Hedwig Stein nasceu em Breslávia, na Polônia, em 12 de outubro de 1891. De origem judia, ela converteu-se ao catolicismo e tornou-se carmelita descalça. Notavelmente, Edith Stein foi a primeira mulher a defender uma tese de Filosofia, além de ter sido discípula e, posteriormente, assistente de Edmund Husserl, o fundador da fenomenologia.

Durante a Primeira Guerra Mundial, Edith Stein atuou como enfermeira da Cruz Vermelha no Hospital Militar de Mährisch-Weisskirchen. Após o término da guerra, ela retomou seus estudos e defendeu sua tese de doutorado sobre o tema da empatia. Edith também leu a autobiografia de Santa Teresa de Ávila, intitulada *Livro da Vida*, (1565) com a qual se identificou profundamente.

Em sua trajetória intelectual, Edith Stein compreendeu a importância da espiritualidade pessoal e da formação contínua no processo de individuação. Ela buscava constantemente novas leituras, diálogos e interpretações sobre a verdade. Sua conversão ao catolicismo a levou a se tornar uma Carmelita Descalça, e a experiência dolorosa da guerra a aproximou do caminho da radicalidade da cruz.

Como judia, Edith Stein começou seus estudos em Breslávia, sua cidade natal, nos cursos de alemão, história, psicologia e filosofia na universidade local. Posteriormente, ela se interessou pelos estudos de Edmund Husserl, o fundador da Fenomenologia, teve a chance de aprofundar seus conhecimentos em filosofia e história em Gotinga. Edith Stein também se tornou assistente de Husserl, em Freiburg entre 1916 e 1918, adaptando sua abordagem fenomenológica ao tomismo moderno, posteriormente. Dessa forma, ela deixou um legado significativo na filosofia e na espiritualidade, contribuindo para a compreensão da verdade e da fé no contexto católico cristão.

A partir dessa perspectiva, Edith Stein concluiu: “Essa pesquisa era necessária para mostrar como a compreensão das associações mentais se diferencia da simples percepção dos estados psíquicos” (Stein, 2018, p. 511). Como judia por nascimento, Edith Stein encontrou no cristianismo um campo de fenômenos e percebeu que a empatia está na essência da religião católica. Assim, a empatia permeou os escritos da autora, dando sentido e novas dimensões sociais, éticas e estéticas aos fenômenos humanos.

Quando Edith Stein converteu-se ao Cristianismo, ela pediu para receber o sacramento do Batismo. Em 1º de janeiro de 1922, ela foi batizada e, na mesma noite, recebeu a Eucaristia. Era costume na época de receber também a crisma. Ela passou a se chamar Teresa Edwiges: Teresa em homenagem à santa responsável pela sua conversão, Edwiges, por ser sua madrinha e aquela que lhe ofereceu a biblioteca onde encontrou o livro Fabretti (1995).

Nesse sentido, culmina o interesse de embasar a vida e a missão de Edith Stein no cristianismo. Como filósofa, Stein o livro de Santa Tereza quando tinha 31 anos

de idade. Ela estava na casa de Conrad Martius. Depois desta fase ela sentiu o desejo de professar a fé recebendo os sacramentos da Iniciação à Vida Cristã. Stein relata: “Quando fui batizada no Ano Novo de 1922, já pensei que era a preparação para entrar na ordem carmelita” (Stein, 2018, p.543). Ela estava convicta de assumir a vida religiosa, ainda que contemplativa.

Aqui se encontra a compreensão histórica da mudança de religião cristã de Edith Stein, que assumiu os símbolos da fé até a morte. Para os nazistas, ela era judia, mas para ela, era cristã. Stein é um exemplo vivo de vida cristã empática, pois após a Primeira Guerra Mundial, sentiu uma profunda contemplação em Cristo junto a sua amiga.

A guerra fez uma vítima queridíssima a ela, um amigo filósofo, cuja esposa também sua grande amiga a convida para organizar para publicação os escritos do marido. Ao encontrar a viúva, surpreende-se ao vê-la serena e tranquila ante o drama da morte. A mulher era uma cristã autêntica que enfrentava a dor com toda a sua fé. De seu rosto abatido pelo sofrimento emanava uma luz misteriosa. Edith ficou profundamente impressionada: compreendeu o valor da cruz. 'Foi o meu primeiro encontro com a cruz, minha primeira experiência da força divina que da cruz emana e se comunica aos que abraçam...pude contemplar a Igreja nascida da paixão salvífica de Cristo...Foi o momento em que a minha incredulidade caiu; empalideceu o hebraísmo e Cristo se elevou radiante diante de mim, Cristo no mistério de sua cruz (Stein, 2024).

Em 1933, por ser judia, foi proibida de ensinar na Academia Católica de Münster. Decidiu, então, tornar-se carmelita e entrou no Carmelo de Colônia, na Alemanha. Com a perseguição nazista, foi transferida para o Carmelo de Echt, na Holanda, junto com Rosa, sua irmã. Participou integralmente do Holocausto, juntamente com muitos judeus sacrificados nos campos de concentração, evento que precedeu sua morte e a de Rosa, sua irmã. Faleceu aos 51 anos em Auschwitz-Birkenau. Em 11 de outubro de 1998, o Papa João Paulo II a canonizou como Santa Teresa Benedita da Cruz, nome que escolheu em sua consagração religiosa.

Edith Stein, filósofa, educadora e mártir, entregou-se à polícia nazista junto com sua irmã. Antes de serem levadas para o campo de concentração, ela disse emocionada a Rosa: “Vem, vamos pelo nosso povo”, ao deixar o Carmelo de Echt. (Kawa, 1999, p.103).

Edith Stein, que era judia, depois de uma certa idade tornou-se cristã. Indo para o campo de concentração, assumiu o sofrimento até a morte junto ao seu povo, o povo judeu. Embora os nazistas soubessem que Stein era judia, ela foi morta como cristã.

3.2 EDITH STEIN E O MÉTODO FENOMENOLÓGICO

A esse ponto é fundamental destacar que Edith Stein desenvolveu uma abordagem única e distinta para a antropologia cristã. Ela concebeu uma visão do ser humano que era profundamente enraizada em sua própria experiência e compreensão, resultando em uma perspectiva antropológica que era verdadeiramente sua. Esta perspectiva única não só moldou seu trabalho e pensamento, mas também contribuiu significativamente para o campo da antropologia como um todo. Por meio de sua abordagem, ela foi capaz de lançar luz sobre aspectos do ser humano que eram muitas vezes negligenciados ou mal compreendidos, proporcionando uma compreensão mais rica e mais profunda da natureza humana.

Edith conseguiu entender essas dimensões por meio do estudo da fenomenologia na escola de Edmund Husserl. Seguindo os ensinamentos do mestre, ela aplicou o método fenomenológico inicialmente no estudo da empatia para sua tese de doutorado que defendeu em 1916. Posteriormente, ela expandiu o uso do método para investigar os fenômenos associados ao mundo-da-vida.

Segundo Zilles (2024), quanto à fenomenologia Stein aprende de Husserl que a fenomenologia é:

[...] é uma descrição da estrutura específica do fenômeno (fluxo imanente de vivências que constitui a consciência) e, como estrutura da consciência enquanto consciência, ou seja, como condição de possibilidade do conhecimento, o é na medida em que ela, enquanto consciência transcendental, constitui as significações e na medida em que conhecer é pura e simplesmente apreender (no plano empírico) ou constituir (no plano transcendental) os significados naturais e espirituais.

Nesse cenário, o método fenomenológico nos ajuda no processo de análise da consciência por meio da *epoché* e da redução. A *epoché* fenomenológica envolve colocar o mundo das coisas em suspensão, a fim de analisar as experiências e a consciência em relação aos fenômenos Zilles (2019). Essa redução fenomenológica permite questionar tudo o que é informado pelos sentidos.

Para Husserl, o acesso ao ser, à coisa, aos eventos e aos fatos (Sache), pode ser realizado por meio de diferentes caminhos e, em seu percurso intelectual, desenvolve um método chamado de 'reduções fenomenológicas'. Com a via da redução fenomenológica, colocamos fora de circuito todos os hábitos de pensar, removemos as barreiras cognitivas e espirituais que restringem o horizonte do nosso pensar. O fato de que a fenomenologia tenha que lidar com a consciência, com todas as espécies dos vividos, com os atos e com correlatos

de atos, exige uma conversão nos hábitos dominantes de pensar e na liberdade de pensamento (Peretti, 2019, p. 87).

De acordo com Peretti (2019), uma experiência consciente pode se converter em um fenômeno, que envolve a consciência de algo. Tais fenômenos podem abranger imagens, fantasias, ações, relações, pensamentos, eventos, memórias e sentimentos, entre outros elementos. Essas experiências constituem nossa consciência.

A fenomenologia se interessa não pelo mundo exterior em si, mas pela forma como o conhecimento se manifesta em cada local e em cada indivíduo. A redução fenomenológica requer que suspendamos nossas atitudes, crenças, teorias e conhecimentos sobre as coisas do mundo exterior, para focarmos na experiência interna da pessoa. A consciência do sentido, entendida por meio da intenção e da vontade, pode ser direcionada para preencher o vazio.

Na visão de Stein (2019), ao aplicarmos a “consciência do sentido” à dimensão formativa e catequética, percebemos que ela se torna um campo fértil para o desenvolvimento humano-espiritual. Além do corpo e da mente, a formação também deve levar em consideração o espírito interior do indivíduo e o percurso catecumenal. Esse percurso engloba três categorias principais: formação, comunidade e vocação, temas estes que foram abordados por Edith Stein, discípula de Edmund Husserl.

Stein (1996) explica que a comunidade é formada por pessoas que convivem em um espaço onde se veem e se reconhecem como iguais, expressando suas vivências e compartilhando suas compreensões de mundo. Esse processo possibilita a criação de entendimentos comuns. Essas compreensões se entrelaçam e se amalgamam em valores e práticas que são compreendidos e assumidos coletivamente, constituindo uma comunidade. Nessa comunidade, encontram uma esfera que as transcende.

Uma vez expostas essas vivências, podemos questionar-nos sobre as estruturas e se essa experiência individual é exclusiva de um único indivíduo. Além disso, quando estamos com outros, podemos perguntar-nos como devemos comportar-nos diante de experiências similares. Segundo a filosofia husserliana, precisamos procurar pontos comuns nas experiências do eu e do outro, pois, sem essas experiências, não seria possível compreendê-lo.

Da mesma forma, Chiquito (2021) percebeu ao referir Edith Stein no quesito da formação integral que é autêntica. “A formação humana autêntica tem que levar o ser

humano a uma formação integral. O objetivo dessa formação é conduzir o ser humano à plena realização de si mesmo, a um desenvolvimento harmonioso, em vista do bem de todos, da sociedade e do mundo” (Chiquito, 2021, p.71).

Nessa abordagem, entende-se que, quando um sujeito relata sua história de vida, se o outro não puder vivenciar experiências similares, não haverá possibilidade de entendimento. Esse entendimento está presente na concepção fenomenológica husserliana, que afirma que os indivíduos vivem uns com os outros em comunidade. Enfatiza que o ser humano não é um ser isolado no mundo, mas vive com os outros.

Stein (2013) explica que, inicialmente, a percepção do outro é empírica. No entanto, para compreendê-la, é necessário realizar uma *epochè* da atitude natural e uma redução de tudo que cria obstáculos, abrindo caminho para que possamos nos conscientizar de nossas vivências no âmbito da nossa interioridade. A autora afirma que, nesse processo, permanecendo atentos, podemos regredir às operações construtivas que estão na base dos procedimentos do pensamento e das expressões culturais. Assegura ainda que a percepção é a ação mais significativa, pois nos coloca em contato imediato, sem conceitos intermediários, com o mundo, com as coisas e com os outros em sua corporeidade. Para ela, é dessa forma que nos damos conta dos outros, pois os vemos como semelhantes na forma e na carnalidade do corpo vivente.

A constatação da semelhança do corpo do outro ao meu próprio, provém de um ato diferente da percepção, entendido por Husserl como entropatia. Esta requer uma percepção, mas não se limita a ela. Envolve a recordação de vivências já ocorridas, mas também não se restringe a esse ato. A lembrança/recordação e a entropatia têm em comum o ato de trazer à presença, ou seja, a presentificação.

Quando percebemos o outro como semelhante a nós, intuímos e apreendemos, ou seja, entropatizamos com o que o outro está vivenciando. Reconhecemos que o outro está experimentando uma emoção em seu corpo vivente. No entanto, ao perceber seu sentimento, mesmo que eu também o sinta em meu próprio corpo, não estou vivenciando o sentimento dele da mesma forma que ele o vivencia. Em vez disso, vivencio esse sentimento como uma maneira de estar e sentir junto com ele. Em mim, o ato entropático é originário.

Na sua formação filosófica, Edith Stein aprofunda-se no método fenomenológico e o aplica ao estudo da empatia. Para ela, a empatia é uma ferramenta importante para entender o processo formativo. Segundo Nery (2024):

A empatia significa a possibilidade de cada um exercer a capacidade de perceber a necessidade do outro (que pode ser física, psíquica ou até mesmo de motivação espiritual) e agir coerentemente com o bem-estar da vida humana, cuidando eticamente do outro.

A empatia é a capacidade de se colocar no lugar do outro e entendida por Stein é: “o modo particular de conhecimento” e, depois, sobretudo “nas dimensões social, ética e estética” (Stein, 2018, p. 511 e 512). A autora, em sua abordagem antropológica, concebe o ser humano como um ser composto de corpo, psiquê e espírito. Em seus escritos, ela enfatiza que essas três dimensões são intrínsecas à natureza humana e estão profundamente interligadas.

A dimensão corporal, segundo Stein (2018), representa a realidade material e vivencial do ser humano. É por meio do corpo que o indivíduo interage com o mundo físico, experimenta sensações e expressa suas emoções e intenções. O corpo é, portanto, o veículo pelo qual o indivíduo vivencia sua existência no mundo.

A dimensão psíquica, por outro lado, refere-se ao aspecto mental e emocional do ser humano. Inclui pensamentos, sentimentos, desejos, memórias e sonhos. É a dimensão psíquica que permite ao indivíduo refletir sobre suas experiências, formar conceitos e ideias, desenvolver uma compreensão de si mesmo e do mundo ao seu redor.

A dimensão espiritual, na visão de Stein (2018), é a mais profunda e abrangente. Ela se refere à capacidade do ser humano de transcender o imediato e o material, de buscar significado e propósito, e de se conectar com o divino, o sagrado. A dimensão espiritual é o que permite ao indivíduo questionar o significado da vida, buscar a verdade e aspirar a valores mais elevados.

Essas três dimensões, embora distintas, estão intrinsecamente ligadas e se influenciam mutuamente. Elas são unificadas pelo intelecto, que permite ao indivíduo integrar suas experiências corporais, psíquicas e espirituais em uma compreensão coerente de si mesmo e do mundo.

Além disso, a autora enfatiza a importância da autoconsciência e da percepção do outro na formação da identidade humana. Ela acredita que a consciência de si mesmo e a percepção do outro são fundamentais para a formação da identidade pessoal e para a capacidade de se relacionar de maneira significativa com os outros.

Segundo Stein (2005, p. 818): “O mundo inteiro no qual o indivíduo atua leva a marca de sua personalidade: de seus traços típicos e de sua peculiaridade pessoal”.

Isso sugere que cada indivíduo deixa uma marca única no mundo por meio de suas ações, pensamentos, sentimentos, que essa marca reflete a singularidade de sua personalidade.

Conforme Santos e Farias (2014), a personalidade humana se expressa na individualidade única de cada pessoa, e suas experiências permitem a descoberta de características distintas.

Na vivência empática, o ato de se dá primeiro como originário, já que a vivência não se inicia no meu Eu e aprendo a vivência do outro, que produz em seguida um ato originário no meu Eu (Cooriginário). Coisa diversa acontece na vivência da “intuição interna”, pois é meu eu o originário da vivência (Farias, 2014, p. 20).

A empatia é uma experiência interpessoal que nos permite entrar no mundo do outro. O outro revela sua interioridade, enquanto nosso “eu” percebe a natureza física, psíquica e espiritual do “eu” presente que se mostra no outro.

Edith Stein (2007) mostra-nos que o ser humano é um ser em constante transformação, com potencial para se tornar algo melhor, e que a empatia desempenha um papel essencial nesse processo. A empatia, como apresentada pela filósofa, está voltada para a percepção do outro, respeitando sua individualidade e alteridade.

Stein (2007, p. 166) declara: “assim que a consciência desperta, o homem se encontra em comunidade com outros homens”. De fato, somos provocados pelo olhar e pelas ações do outro, o que se leva a reconhecê-lo como pessoa, detentora de liberdade e consciente de suas escolhas, a autora garante:

Olho nos olhos de um ser humano, e seu olhar me responde. Deixa-me penetrar em sua interioridade ou me rejeita. Ele é o senhor de sua alma e pode fechar ou abrir suas portas. Pode sair de si mesmo e adentrar nas coisas. Quando dois seres humanos se olham, um ‘eu’ está diante de outro “eu”. Esse encontro pode ocorrer na soleira da porta ou na profundidade da interioridade. Quando é um encontro que acontece na interioridade, o outro “eu” se torna um “tu”. O olhar do homem fala. Um “eu” consciente de si, vigilante, me observa. Dizemos também: uma pessoa espiritualmente livre. Ser pessoa significa ser livre e espiritual. O ser humano é uma pessoa, e isso o diferencia de todos os seres naturais (Stein, 2002, p. 124).

Dessa forma, a estrutura humana nos proporciona oportunidades para ação, avaliação, sentimentos e, entre outros, a habilidade de acolher o próximo. Este é um aspecto distintivo do ser humano, pois surge das experiências subjetivas e

intersubjetivas. Entende-se que, com base nesses princípios, Edith Stein oferece uma contribuição valiosa para aprofundar a formação de catequistas e catequizandos.

Pelo ato empático, é possível guiar o ser humano ao autoconhecimento, à descoberta de si mesmo. Há um mundo de evidências primordiais que acompanham a vida e permitem o conhecimento das coisas da natureza, da cultura e da vida.

O(a) catequista desempenha papel fundamental nesse processo. Ele(a) é aquele(a) que catequiza, um mestre e um mistagogo, e como tal, ele(a) conduz o(a) catequizando(a), proporcionando uma experiência vivencial da fé junto à comunidade formadora. O(a) catequista também precisa ser formado(a) e receber o Ministério, que é um serviço, um chamado e uma autêntica vocação. Essa dinâmica de formação e vivência empática também foi desenvolvida por Edith Stein.

3.3 A FORMAÇÃO PARA O MINISTÉRIO DE CATEQUISTA

A informação que foi divulgada para a maioria dos(as) catequistas em 10 de maio de 2021, sobre o ministério, validou sua identidade e missão. Vários(as) catequistas já estavam, há anos, prestando serviço voluntário no anúncio do Reino de Deus. Desde o Concílio Vaticano II, a Igreja tem seguido um caminho de renovação em sua missão catequética. Reflexões originárias de *Medellín*, *Puebla* e os documentos *Evangelli Nuntiandi* (1975) e *Catechesi Tradendae* (1979) têm aprofundado a compreensão da importância de ponderar sobre todo o processo catequético no Brasil e a necessidade de um percurso na educação da fé.

Nesse contexto, muitas reflexões surgiram acerca da necessidade de renovação na catequese, gerando uma vasta literatura em continuidade com os processos de reflexão. O conceito de catequese como processo de Iniciação à Vida de Fé é apresentado no documento “Catequese Renovada” (1983) a uma nova proposta, não meramente doutrinal, mas baseada em um modelo mais experiencial, que abrange tanto a catequese infantil quanto a catequese com adultos.

De acordo com DNC (2006), as dimensões doutrinal e experiencial estão integradas no processo de tornar-se discípulo de Jesus. O método catecumenal começa a ser adotado como modelo metodológico para uma catequese que visa proporcionar uma experiência de Deus, modelos de santidade, espiritualidade, transformação cristã da civilização e da cultura.

A proposta atual de revitalização da catequese requer a formação de uma comunidade cristã missionária, que anuncia o Evangelho. Que esta forma autêntica se torne um agente de “comunhão e participação” na sociedade, promovendo a libertação completa do ser humano. No entanto, para que uma catequese renovada ocorra, que atenda às demandas dos tempos modernos, é fundamental um percurso de educação na fé profundamente enraizado na vida da comunidade.

A catequese não deve ser percebida como uma atividade desconexa ou um compromisso isolado da comunidade. Ela não é uma tarefa delegada apenas a alguns. Ao contrário, a própria comunidade deve estar envolvida e comprometida com esse processo.

Dentro de uma catequese revitalizada, destaca-se a relevância da formação do(a) catequista. Este atua representando Deus e a comunidade, transmitindo a fé por meio de palavras e testemunho. Surge, então, a necessidade de uma identidade e formação específica para o(a) catequista, pois o ministério eclesial da catequese se torna visível e ativo por meio da prática.

Conforme o Diretório para a Catequese (DC, 2020, p. 111): “O catequista pertence a uma comunidade cristã e é expressão dela. Seu serviço é vivido dentro de uma comunidade que é o sujeito primordial do acompanhamento na fé”.

Nesse contexto, a formação visa conscientizar os(as) catequistas de que, como batizados(as), a princípio, são capacitados(as) pela Igreja para transmitir o Evangelho e orienta que são autênticos discípulos missionários. Eles(as) são participantes ativos na evangelização e com base na fé (DC, 2020).

O(a) catequista assume um papel de influenciador(a) cristão(ã) na comunidade e contribui para o desenvolvimento da autonomia dos futuros líderes em vários níveis. A atividade catequética pode ser realizada no contexto do dia a dia, estabelecendo conexões e vínculos de corresponsabilidade.

O ministério envolve levar e testemunhar a Palavra de Deus àqueles que ainda não a conhecem ou que são atraídos pela fé. Além disso, o ministério inclui a instrução querigmática e o período catecumenal. O Papa Francisco, ao redigir o *Antiquum Ministerium* por meio do *Motu Proprio* (AM, 2021), demonstrou sua consideração e prudência em relação a esse ministério. Sua mensagem reconheceu a dedicação voluntária de muitos(as) catequistas que se comprometem com o serviço da fé e faz alusão à função do ministério nas primeiras comunidades cristãs.

Mas o que entendemos por ministério? Qual é o seu significado no âmbito da ação missionária da Igreja? Primeiramente, o termo ministério refere-se a um “cargo, ofício ou função exercida por um ministro” (Rios, 2007, p. 478). No latim, *ministerium* representava a função de um servidor, alguém a serviço dos outros. No contexto religioso, esse serviço estava relacionado ao altar dos deuses, ao sacerdócio. No feminino, a ministra poderia ser uma escrava, criada ou sacerdotisa.

Dentro do contexto da ação do ministério do catequista, trata-se da tarefa de transmitir a educação da fé aos (às) catequizandos(as). Essa é uma missão que se realiza na comunidade cristã e, permite a eles(as) adquirir conhecimento da fé e receber os sacramentos que manifestam a presença de Deus. No entanto, a reflexão sobre os sinais visíveis da água (batismo), pão (primeira comunhão) e óleo (crisma) deve ser direcionada para a compreensão do seguimento de Jesus, indo além do mero sacramentalismo.

Na visão de CNBB (2019, n.30), o ministério tem um significado profundo e um propósito, a atuação é essencial para a vida da comunidade cristã. ‘Os ministros leigos são “incorporados em Cristo pelo batismo”, e, como tais, são “feitos participantes do múnus sacerdotal, profético e real de Cristo, exercem sua parte na missão de todo o povo cristão na Igreja e no mundo” (LG, 1965, n. 31)

Eles(as) são convocados(as) para servir na Igreja Sinodal, utilizando os dons e talentos que Deus concedeu a cada um. Os indivíduos catequizados no processo de IVC, após um período intensivo de formação, podem assumir posições de liderança nas pastorais e movimentos. Eles têm a capacidade de atuar em encontros de casais, como ministros da Palavra e da Eucaristia, na Pastoral Juvenil e até mesmo no Ministério de Catequista, desde que estejam devidamente preparados.

No entanto, é importante destacar que o Ministério de Catequista não se restringe apenas à educação da fé e à proclamação da Palavra de Deus. Ele também pode se estender a outras atividades significativas. Como catequista, pode visitar a família do catequizando, oferecer aconselhamento espiritual, organizar sacramentos, retiros, reuniões e até realizar ações sociais em benefício da comunidade. Para exercer o Ministério com excelência, é necessário escutar e praticar a Palavra de Deus. Além da disposição para servir aos irmãos mais próximos, é recomendável que o catequista reserve um tempo para cultivar sua espiritualidade.

De acordo com a CNBB (2021), entende-se, portanto, que o Ministério de Catequistas visualizado e descrito; no seu ser, exige responsabilidade e fidelidade ao

projeto de Deus. Deus o chama para servir a sua Igreja. Nesse sentido, o catequista colabora na proclamação da Palavra de Deus e, para esse compromisso, a comunidade, onde ele atua deve apoiá-lo e proporcionar oportunidades de formação e atualização. Essa formação deve abranger o conteúdo da IVC Catecumenal, Liturgia, Metodologia, Bíblia e Teologia.

Na maioria dos casos, os catequizandos estão em fase de crescimento biológico e espiritual, e é necessário ampliar a visão de que eles são seres em potencial. Nesta fase, deve-se estimular e desenvolver no seu caminho o conteúdo catequético de maneira atraente, dinâmica e instigante, para que a cada encontro, ele sinta interesse e entusiasmo para retornar e participar com alegria.

O Ministério pode ser exercido por Ministros Ordenados e não ordenados, mas com ações diferenciadas. Os Ministros Ordenados são diretamente responsáveis por aquilo que lhes confere o Direito Canônico. O Diretório para a Catequese (2020) acena aos desafios pelos quais a catequese se opõe, ao mesmo tempo, acena os serviços que deve prestar para ser um sinal profético e de inculturação da fé.

A catequese participa do desafio eclesial de se opor a processos centrados na injustiça, na exclusão dos pobres, na primazia do dinheiro, de modo a, antes, tornar-se sinal profético de promoção de vida plena para todos. Esses não são somente temas aos quais dar espaço, mas atenções constitutivas da catequese e da pastoral eclesial; são sinais de uma catequese plenamente a serviço da inculturação da fé (DC, 2020, n. 319).

Desse modo, o ato de ensinar constitui-se em uma atitude de doação, de compartilhamento de saberes e experiências acumuladas durante a vida. E “a Catequese, etapa privilegiada do processo de evangelização, destina-se geralmente às pessoas que já receberam o primeiro anúncio, e em cujo íntimo ela promove os processos de iniciação, crescimento e amadurecimento na fé” (DC, 2020, n. 56). A catequese, portanto, desenvolve e faz amadurecer o momento inicial, a sua finalidade é fazer com que os(as) catequizandos(as) se coloquem em comunhão com a pessoa de Jesus Cristo, pois somente Ele pode levar ao amor do Pai no Espírito Santo e fazer-se participar na vida com olhar da Trindade Santa.

Diante desta compreensão catecumenal, apresenta-se o desafio da formação do(a) catequista(a), sendo a comunidade cristã, o lugar por excelência, na variedade dos seus carismas e ministérios, a carta de São Paulo aos Coríntios:

Ora, há diversidade de dons, porém o Espírito é o mesmo. E há diversidade de ministérios, mas o Senhor é o mesmo. E há diversidade de operações, porém é o mesmo Deus que opera tudo em todos. Mas a manifestação do Espírito é dada a cada um, para o que for útil (1Cor 12, 4-7)

Conforme nos remete, a citação por excelência, na variedade dos carismas e ministérios, o ambiente e o espaço em que se transmite e se vive a vida de fé, deve ser permeado pelo amor da Trindade.

3.4 A MISSÃO E O COMPROMISSO DO(A) CATEQUISTA

Para a CNBB (2022, n.57), o(a) catequista exerce a ação “eclesial missionária, que nasce do envio de Jesus”. Portanto, um testemunho vivo e consistente enriquece o futuro de muitos(as) catequizandos(as) dispostos a aprender sobre a fé cristã. Por isso, o(a) catequista deve ser um exemplo palpável desta fé, cujas atitudes e ações podem guiá-lo(a) no caminho de Cristo. Por meio da teoria e prática catequética, o(a) catequizando(a) pode desenvolver virtude, compaixão e amor por si mesmo e pelo próximo.

Ao ensinar o conteúdo catequético, o(a) catequista também é alguém que segue e testemunha aos(às) catequizandos(as), auxiliando-os em sua jornada espiritual. Para alguns deles, o Itinerário de IVC é o único momento, que de acordo com a *Catechesi Tradendae* (CT, 1979, n. 5) “tem como objetivo fazer com que alguém entre não apenas em contato, mas em comunhão, em intimidade com Jesus Cristo: só Ele pode nos levar ao amor do Pai no Espírito e nos fazer participar da vida da Santíssima Trindade”. Vale ressaltar que a catequese possui uma especificidade própria que é:

distinta do primeiro anúncio do Evangelho que suscita conversão, essa visa o duplo objetivo de fazer amadurecer a fé inicial e de educar o verdadeiro discípulo de Cristo, mediante um conhecimento mais aprofundado e sistemático da Pessoa e da mensagem de Nosso Senhor Jesus Cristo (CT, 1979, n. 19).

A mensagem do Evangelho é dinâmica e geradora de vida e ação, portanto ela deve ser transmitida com fidelidade, profundidade e conexão com o mundo do(a) catequizando(a). Assim, ele(a) pode compreender e assimilar com novos propósitos a vivência evangélica. Além disso, “a educação dos fiéis para viverem hoje como

discípulos de Cristo exige e favorece a descoberta aprofundada do mistério de Cristo na história da salvação” (CT, 1979, n. 22).

Para tal, é imprescindível a formação de catequistas “leais aos conteúdos fundamentais da Revelação e atualizados em relação ao método, capazes de educar para uma fé robusta as gerações cristãs dos novos tempos” (CT, 1979, n. 50). Em outros contextos sociais, tudo se transforma e se atualiza e o mesmo deve acontecer na Igreja. Os cristãos que participam da vida na Igreja são os mesmos, que estão inseridos na sociedade, experimentando a modernidade atraídos pelo conforto, facilidade e rapidez. Ou também pelos desafios das dificuldades em tudo.

Na Sagrada Escritura, Deus utilizou histórias, cenários, lideranças e manifestações como metodologia, auxiliado pela pedagogia da fé. “Nenhuma técnica terá valor na catequese, a não ser que seja colocada a serviço da fé a ser transmitida e educada; caso contrário, não terá valor”. (CT, 1979, n. 58). Compreende-se, assim, que as exigências da formação do(a) catequista decorrem do sentido da catequese e da função que ela tem no processo de evangelização.

Afinal, ela é um processo permanente de educação da fé, das crianças até a vida adulta. A ação dialógica, dentro do itinerário pedagógico e mistagógico, vai educando na fé e conduzindo o(a) catequizando(a) para dentro do Mistério Pascal, que tem seu centro vital em Jesus Cristo. O Documento Catequese Renovada: orientações e conteúdo também orientam seu caminho pedagógico para o próprio Deus que se revela, ensinando o seu povo.

Deus, então, ele mesmo procura guiar a humanidade de volta. Procura orientá-la, aproximá-la de si. Torna-se para seu povo como um pai ou uma mãe que ensina à criança os caminhos da vida. Torna-se um mestre ou educador, que ensina aos alunos caminhos mais adiantados em busca da verdade e da felicidade. ‘Como um pai educa seu filho, assim Deus educa seu povo’ (Dt ,8,5) (CNBB, 1983, n. 43).

Deus guia, instrui e desperta a consciência de seu povo, que recebe o símbolo e o sinal da graça, que Ele mesmo manifesta na vida de cada um. Nesse contexto, a missão do(a) catequista, além de transmitir a doutrina, é facilitar um encontro pessoal entre Jesus e o(a) catequizando(a). A catequese autêntica promove um encontro com Jesus.

O Papa Bento XVI lembra na Encíclica *Deus Caritas Est*: “No início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com uma

Pessoa, que dá à vida um novo horizonte e, com isso, o rumo decisivo”. (DCE, 2005, n. 1). Entre os vários mediadores desse encontro, o(a) catequista é o guia na catequese, quando orienta os mais jovens. No entanto, só pode ser guia no caminho daquele que vive uma experiência pessoal com o Senhor e conhece o percurso. Desse encontro, também surge sua vocação para anunciar e evangelizar.

O(A) catequista é, portanto, discípulo de Jesus Cristo, “ser discípulo é dom destinado a crescer” (DAp, 2007, n. 291). Como discípulo, o(a) catequista é agente direto do ato catequético cristão, é profeta. Ele(a) tem na boca a Palavra de Deus, e a função de acompanhar o(a) catequizando(a) até seu verdadeiro Mestre, deixando que o encontro se realize pela fé, no momento oportuno.

A tarefa catequética é realizada em nome da Igreja. O indivíduo que se expressa em nome da Igreja deve ser reconhecido por ela, conforme mencionado no Diretório Nacional da Catequese:

aos catequistas reconhecidamente eficientes como educadores da fé de adultos, jovens, adolescentes e crianças, e dispostos a se dedicarem por um tempo razoável à atividade catequética na comunidade, pode ser conferido oficialmente o ministério da catequese de acordo com o n. 245 e em (cf. DGC, 1997, n. 221b).

O Ministério que o(a) catequista adquire e assume como dever, o(a) torna encarregado da missão de evangelizar e catequizar em nome da Igreja. Tanto os líderes religiosos quanto os fiéis têm a responsabilidade “de estabelecer uma 'norma segura para o ensino da fé e de prestar contas da Tradição católica”, promovendo “o diálogo ecumênico” para todos aqueles que, mesmo não sendo cristãos, desejam conhecer a fé católica (DC, 2020, n. 185).

A citação abaixo destaca a importância do serviço catequético, especialmente para os jovens, e os desafios que ele apresenta para o crescimento na fé. Ela sugere que a catequese não é apenas um processo de ensino, mas também um caminho de crescimento pessoal na fé para os próprios catequistas.

O serviço catequético aos menores é um desafio ao seu próprio crescimento na fé. Isto convida a comunidade cristã a cuidar de modo particular da formação dos jovens catequistas: ‘Torna-se necessário também um renovado compromisso a favor dos catequistas, que muitas vezes são jovens ao serviço doutros jovens, praticamente da mesma idade; é importante cuidar adequadamente da sua formação e fazer que o seu ministério seja mais bem reconhecido pela comunidade (DC 2020, n. 255).

A citação enfatiza a necessidade de um compromisso renovado com os(as) catequistas, muitos dos quais são jovens servindo outros jovens. Isso ressalta a importância da formação adequada deles(as) e do reconhecimento de seu ministério pela comunidade. A formação dos(as) catequistas dá suporte para o bom desempenho catequético. Desse modo, a catequese é um caminho de crescimento na fé, tanto para aqueles que são catequizados quanto para aqueles que educam como catequistas.

Segundo o DC (2020), atualmente, a Igreja está mais focada no processo de educação da fé, especialmente na transição da juventude para a idade adulta. Essa mudança frequentemente encontra obstáculos, sejam eles relacionados à vida pessoal e/ou a contextos sociais, trabalhistas, econômicos com impactos no mundo interior e afetivo. “Portanto, deve-se considerar novas modalidades de ação pastoral e catequética que auxiliem a comunidade cristã a interagir com os jovens adultos, apoiando-os em seu caminho” (DC, 2020, n. 255). A Catequese com adultos requer uma “configuração que tenha como referência as diversas tipologias de pessoas e experiências religiosas com quem nos relacionamos” (DC, 2020, n. 261).

Dessa forma, as ações educativas no contexto da evangelização são desafiadas pelas necessidades específicas e de inculturação. Nesse sentido, é um desafio buscar metodologias e conteúdos adequados aos catequizandos. Para isso, é essencial uma formação sólida dos(as) catequistas, que além das dimensões bíblicas, litúrgicas, metodológicas e teológicas, é importante o conhecimento do contexto social, das diferentes línguas, crenças, aspirações e esperanças, ao se trabalhar com culturas distintas.

Um exemplo positivo de desenvolvimento formativo pode ser visto na experiência de Edith Stein. Ela passou alguns anos estudando em Breslávia, e quando ingressou na Universidade, experimentou emoções afetivas despertadas por professores e colegas de estudo. Hönigswald foi uma figura que Stein admirava por seu reconhecimento e sensibilidade. Ela expressou sua admiração da seguinte maneira: “Era necessário se esforçar mais com Hönigswald. Sua clareza penetrante e a rigorosidade com que conduzia sua reflexão me fascinavam” (Stein, 2002, p. 225).

A capacidade de encantar é uma maneira de se maravilhar e se tornar agradável, envolvente, sedutora, cativante. Nesse contexto, existe a beleza de aprender o que foi ensinado. Ao se referir à educação catequética, entende-se que ela deve encantar os(as) catequizandos(as). É neste espírito de alegria que o(a)

catequista deve envolver o(a) catequizando(a) de tal maneira que ele(a) se sinta cativado(a) e guiado(a) no processo catequético.

Em uma situação diferente, Stein mencionou que não tinha apreço pelo colega Eugen Kühnemann, que se opunha a Hönigswald. No entanto, ela expressou: “ele era então mais famoso e eu poderia qualificá-lo como 'espírito belo' por seu entusiasmo em tudo e por sua oratória apaixonada” (Stein, 2002 p. 227). Se o(a) catequista fala de Deus e das coisas divinas, ele(a) deve se expressar com um espírito que embeleza, com entusiasmo e paixão.

Essas e outras são qualidades expressas que ajudam a encontrar meios de aproximação, acesso e profundidade no aprendizado. A própria Edith Stein foi se autoconhecendo, pelo seu processo de estudo, sua formação. Ela, de fato, fala a partir do que vivenciou em sua experiência.

Em relação a Kaethe Scholz, Stein destacou que ela “era uma pessoa excepcionalmente competente e talentosa” (Stein, 2002 p. 230). Aqui, Stein pôde perceber as nuances de que a colega era uma pessoa com características semelhantes. O ambiente de convivência permitiu que ambas se conhecessem e fossem conhecidas.

Desde o início de seus estudos, Edith Stein demonstrou um interesse em ir além do que era necessário para passar no exame do Estado. Ela evidenciou grandes habilidades metodológicas que desenvolveu posteriormente a partir da fenomenologia e suas aplicações no estudo da empatia e dos fenômenos educativos.

3.4.1 Métodos pedagógicos utilizados por Edith Stein

Dentro do pensamento de Edith Stein, temas como fenomenologia, filosofia antropológica e teologia foram explorados. Embora sua abordagem não siga um “método único”, é possível entender os conceitos fundamentais de suas análises sobre a filosofia fenomenológica. Na fenomenologia, o método procura transcender as aparências e adentrar na essência das coisas. Ele não se limita a uma análise puramente descritiva; ao contrário, busca entender a realidade subjacente. A seguir, apresentamos alguns pontos relevantes sobre a fenomenologia.

De acordo com Husserl (2020), o fenômeno refere-se àquilo que percebemos, experimentamos ou observamos no mundo. Pode ser um objeto físico, uma experiência subjetiva ou até mesmo uma ideia abstrata; e a essência, por outro lado,

é a natureza fundamental ou o núcleo de algo. É aquilo que torna algo o que é, independentemente de como o percebemos.

No que se refere à relação entre fenômeno e essência, Husserl (2020) afirma que a fenomenologia busca entender como o fenômeno se relaciona com sua essência. Isso envolve olhar além das aparências superficiais e descobrir o que está por trás delas. Por exemplo, quando observamos uma árvore, vemos seus galhos, folhas e casca. Mas a essência da árvore vai além disso: está na sua vitalidade, no ciclo de crescimento, nas raízes que se estendem sob a terra.

Sobre a Intencionalidade, Manganaro (2016) afirmou que ela é um conceito central na fenomenologia. Isso significa que a consciência é guiada por atos sociais que direcionam sempre ao outro. Quando percebemos um objeto, estamos conscientes dele, de uma maneira específica, e essa consciência intencional nos conecta ao objeto e à sua essência.

Ao tratar da redução fenomenológica, Ales Bello (2000) aponta que para compreender a essência, os fenomenólogos usam a redução fenomenológica. Isso envolve suspender nossas suposições e preconceitos para ver o fenômeno de forma mais pura. Ao fazer isso, podemos acessar a essência subjacente. Por exemplo, ao olhar para uma flor, podemos reduzir nossas expectativas e ver a beleza e as fragilidades essenciais da flor.

Desse modo, o método fenomenológico nos convida a explorar a relação entre o que percebemos e a essência subjacente, buscando compreender as coisas em sua verdadeira natureza. É uma abordagem profunda e reflexiva que nos leva além das aparências superficiais. Assim, nossa percepção e compreensão do mundo estão intrinsecamente ligadas à intenção com a qual nos voltamos para os fenômenos.

A fenomenologia busca investigar e descrever os fenômenos como experiências conscientes. A consciência humana carrega consigo uma intenção, um sentido no que é e faz. Além disso, atribuímos significado e sentido aos fenômenos do mundo. E é nesse contexto que subsiste a redução fenomenológica, um método que permite acessar a essência das coisas. Imagine viver com plena consciência, percebendo tudo e todos ao redor. A essência dos fenômenos se revela quando se liberta das interpretações automáticas e abertura para a experiência pura. O convite da fenomenologia é viver com atenção, apreciando a profundidade e a riqueza ao redor, em volta.

Como assistente de Husserl, Edith Stein buscou aprofundar a redução fenomenológica, um processo que envolve a suspensão do juízo, também conhecida pelo termo grego *epoché* ou *epokhé* (ἐποχή), que significa 'colocar entre parênteses', é a atitude de não aceitar, nem negar uma determinada proposição ou juízo. Mas o que isso significa? Vejamos a seguir:

Sobre o item 1. *Epokhé* e redução fenomenológica, o autor afirmou que a redução fenomenológica é um método que convida a colocar entre parênteses suposições e preconceitos em relação ao mundo. Ao suspender os julgamentos, pode-se olhar para o fenômeno da experiência de consciência de forma mais pura, sem as camadas de interpretação automática.

Martins (1992) disse ainda que envolvendo a busca da essência do fenômeno tem-se a “epoché” que significa colocar “entre parênteses” as crenças, pressupostos ou teorias acerca do fenômeno que está sendo interrogado. Assim, o fenômeno é colocado “em suspensão”, sendo buscado aquilo que se mostra.

Ao tratar do item 3. Atos intencionais e totalidade da consciência, Husserl (2000) aponta que, na compreensão fenomenológica, considera os atos intencionais, o mundo-da-vida, os correlatos intencionais e a experiência do “outro”; a redução leva à totalidade da consciência. Por exemplo, o ato de perceber um objeto (*noesis*) e o objeto percebido (*noema*) estão interligados na percepção.

Husserl (2000) aponta que a percepção e a intuição mostram a habilidade de captar, processar e entender as informações que os sentidos recebem. A interpretação do ambiente com base nos estímulos sensoriais. Por outro lado, a intuição é o momento claro e direto da verdade, sem análise. É o que simplesmente é, sem mediações.

Para Husserl (2000), a redução fenomenológica convida a explorar a essência das coisas, considerando tanto a percepção consciente, quanto a intuição direta. E a intuição é quando acontece o momento claro, direto, da verdade sem análise. É o que é.

Edith Stein (1999), além de aprofundar a fenomenologia, dedicou-se a compreender a filosofia da mulher. Ela reconhece que a mulher possui uma identidade feminina única. Em sua obra intitulada ‘A mulher: sua missão segundo a natureza e a graça’ (1999), ela oferece contribuições significativas para a compreensão da filosofia no contexto feminino.

Nessa obra, Edith Stein (1999) explora questões relacionadas à identidade feminina e à vocação da mulher na sociedade e na Igreja, hodiernamente. Ela destaca o papel da mulher, sua essência e seu propósito, considerando tanto a natureza quanto a graça divina. Aborda o tema da pessoa sob uma perspectiva filosófica e interdisciplinar, destacando o desconhecimento e a discriminação que muitas vezes afetam a identidade e a ação da mulher. Para Stein (2020):

No centro desses estudos de Edith Stein está o reconhecimento da peculiaridade da mulher e de seu valor próprio. A autora mostra a necessidade fundamental de dar às meninas e moças uma educação apropriada à sua maneira de ser feminina. Daí as suas exigências em relação às escolas femininas: educação dos sentimentos em lugar de uma formação unilateralmente intelectual; o conteúdo das diversas matérias deve ser escolhido e tratado de tal maneira que promova a concentração da moça na realidade viva e no ser humano concreto (Stein 2020, p.23).

A sensibilidade de Edith Stein permitiu que ela captasse o sentimento humano e as demandas relacionadas à educação feminina. Isso sinalizava que, durante seus estudos, ela tinha um interesse profundo em entender o indivíduo e seu lugar no mundo. Em seus estudos, Stein conseguiu integrar filosofia e teologia. Como monja carmelita, buscou unir essas duas disciplinas. Sua obra 'Ser finito e ser eterno' (1950) reflete essa intenção de juntar razão e fé. Nesse sentido, filosofia e teologia eram vistas como disciplinas complementares que poderiam enriquecer uma à outra.

Os filósofos e os teólogos católicos nenhum estão de acordo entre si sobre a possibilidade de falar de uma filosofia cristã. Contudo, se considera a filosofia como uma ciência puramente natural, a saber, uma ciência cuja única fonte de conhecimento devem a experiência natural e a razão o bem que se concede o direito de inspirar-se na revelação, não há dúvida de que a filosofia dos grandes dirigentes da Igreja da Idade Média se desenvolveu à sombra da doutrina da fé (Stein, 1950, p. 30).

Em sua trajetória filosófica, Edith Stein enfrentou um desafio que exigia unidade. No entanto, ela abordou esse desafio a partir de sua fé. De fato, ela encontrou a necessidade de integrar diferentes aspectos de sua vida: a filosofia, a espiritualidade e a sua crença cristã. Mesmo diante desse desafio, ela não os separou de forma rígida. Pelo contrário, dialogou com a espiritualidade como uma fonte de inspiração e integração. Nesse contexto, sua crença cristã não é apenas uma abstração, mas uma experiência vivida, enraizada na tradição cristã. Acredita-se que essa vivência tenha facilitado sua busca pela verdade e pela espiritualidade, proporcionando-lhe um olhar mais profundo sobre a realidade.

Stein (1999) não dissociou sua abordagem filosófica de sua jornada espiritual. Ela considerou a filosofia como um instrumento para se aprofundar na compreensão da verdade. A filosofia não era apenas um exercício intelectual; era uma busca pelo significado mais profundo das coisas e de si mesma. Assim, ela nos mostra que a fé e a filosofia podem coexistir, enriquecendo-se mutuamente.

A autora nos convida a ultrapassar as fronteiras e a buscar a verdade com coragem e integridade. Stein (1999) voltou sua atenção tanto para a pessoa quanto para a comunidade. Ela tinha um profundo respeito pela dignidade e pela relação entre as pessoas. A ética e a responsabilidade social eram temas centrais em seu pensamento. Em relação à catequese, encontramos conexões significativas com a fenomenologia e a espiritualidade. Entre elas, destacamos a fenomenologia, que busca compreender a essência das coisas, também pode ser aplicada à catequese. A essência em Deus, como objeto de estudo, nos convida a olhar além das aparências superficiais e aprofundar-nos na dimensão espiritual.

Quando Edith Stein (1999) discute sobre a sensibilidade feminina, podemos levar em conta que a maioria de catequistas são do sexo feminino. Ela destaca a importância da educação emocional, indo além de uma formação estritamente intelectual. A mulher desempenha uma ação necessária nesse processo. A autora procura valorizar tanto a mulher quanto o homem, destacando a integridade e o conhecimento. Essa busca é um apelo à sociedade para reconhecer e respeitar a contribuição de ambos os sexos na formação espiritual e moral. Assim, Edith Stein nos convida a considerar a pessoa em sua totalidade, aprofundando-nos na essência e na relação com o divino. No próximo tópico, vamos continuar explorando as metodologias ativas.

3.4.2 Por uma aprendizagem mais significativa

Em sua proposta educacional, Edith Stein (2018) mostrou semelhanças com as metodologias ativas de aprendizagem. Essas são estratégias de ensino que visam encorajar os estudantes a aprenderem de maneira autônoma e participativa, por meio de problemas e situações reais. Eles realizam tarefas que os incentivam a pensar de forma crítica, a tomar iniciativas, a debater e, finalmente, a se tornarem responsáveis pela construção de seu próprio conhecimento.

De acordo com Stein (2003), essas metodologias destacam a aprendizagem em grupo, onde todos têm participação ativa. Que a “arte suprema cujo material não é nem a madeira nem a pedra, mas a alma humana” (Stein, 2003, p. 576). Essas metodologias visam incentivar a participação, a reflexão e, finalmente, a construção do conhecimento. Nas metodologias ativas, o foco não está apenas no educador, mas no ensino e da aprendizagem. O educador mediador posiciona o aluno no centro desse processo. “O conceito de harmonia no trabalho educativo encerra, portanto, a reivindicação de uma formação abrangente e equilibrada de todas as forças físicas e psíquicas naturais” (Stein, 2020, p.15).

O estudante torna-se o protagonista de sua própria trajetória educacional. As metodologias ativas permitem que os estudantes desenvolvam suas habilidades e sigam seus interesses de maneira mais autônoma. Nesse contexto, tanto a pedagogia steiniana quanto as metodologias ativas nos convidam a repensar o papel do catequizando e a promover um aprendizado mais participativo e significativo.

Um outro aspecto que Stein (2020) propõe é o caráter da educação feminina em torno da didática: “As considerações em torno da didática lógica, mencionadas acima, levam-na a investigar a essência e a missão da mulher, para assim poder, estabelecer diretrizes seguras de teoria e prática da educação feminina” (Stein 2020, p. 17).

Aqui se pode reconhecer como o papel de tantas catequistas, com a sua missão de mulher e educadora, poderá colaborar no processo essencial da vida no ensino e vivência da fé no meio da comunidade.

Westbrock (1902) dedicou-se ao estudo da pedagogia e se tornou uma referência no campo da educação. Suas ideias eram influenciadas por questões políticas e sociais, frequentemente expressas em suas publicações no jornal "A Nova República". Além disso, Dewey valorizava a atividade natural das crianças como parte essencial do processo educacional, buscando ampliar seu conhecimento de forma orientada. Segundo ele:

A concepção educativa de Dewey – um dos mais importantes filósofos norte-americanos do século XX – respalda-se por um lado, em uma visão pragmatista da aprendizagem (a criança aprende no momento em que executa suas atividades porque, na ação, é que ocorre a formação do pensamento humano) e por outro lado, em uma concepção política (a educação e a escola constituem o crisol de uma sociedade democrática). Ele foi, por conseguinte, um crítico tanto das concepções tradicionais que consideravam a criança como um ente passivo quanto das concepções

românticas segundo as quais a criança deve aprender independentemente dos saberes escolares. [...] Dewey considera que a criança é intensamente ativa e que a educação deve apostar nessa atividade natural para orientá-la na aprendizagem dos saberes (Westbrock, 2014,197).

As crianças aprendem por meio de atividades, seja imitando os outros ou brincando. Elas são ativas e espontâneas, comunicando-se com seres inanimados e expressando-se por meio de falas relacionadas ao cotidiano em que estão inseridas. Antes do Concílio Vaticano II, a catequese seguia um formato tradicional.

Na visão de DCG (1971), que seja oferecido por direito, catequese por idades, diversificadas e complementares. No entanto, o Concílio Vaticano II trouxe inovações à forma de aprender e ensinar a fé. Influenciado pelo mundo moderno e pelas mudanças na educação, esse evento transformou a mentalidade e o senso das pessoas.

O primeiro Diretório de Catequese, publicado em 1971, refletiu essa mudança, incentivou um encontro mais criativo, abrindo espaço para uma variedade de métodos. A catequese passou a considerar o desenvolvimento integral dos(as) catequizandos(as), promovendo uma experiência mais envolvente e significativa.

Por isso, a 'variedade de métodos é um sinal de vida e de riqueza', mas também uma demonstração de respeito por aqueles a quem se dirige a catequese. Tal variedade é exigida 'pela idade e pelo desenvolvimento intelectual dos cristãos, seu grau de maturidade eclesial e espiritual e muitas outras circunstâncias pessoais'. A metodologia catequética tem como objetivo simples a educação na fé. Valem-se das ciências pedagógicas e da comunicação, aplicadas à catequese, ao mesmo tempo que leva em conta as numerosas e notáveis aquisições da catequese contemporânea (DCG, 1971, n. 148).

A catequese também pode ser desenvolvida no itinerário da Iniciação à Vida Cristã, nos aspectos de aprendizagem da fé, com o foco no catequizando. A prática do aprofundamento da fé terá mais sentido para o catequizando diante das conexões em torno da Bíblia, da Liturgia, da Metodologia e da Teologia e outras demandas relacionadas, como os personagens, o texto, as imagens e a vivência comunitária.

De acordo com a pedagogia de Paulo Freire (1996), as metodologias ativas incorporam alguns princípios fundamentais em relação à educação pedagógica, e esses princípios podem ser aplicados à catequese. Nesse contexto, o DC (2020) afirma que, 1. Os catequizados participam ativamente do processo de aprendizagem, envolvendo prática e cooperação em grupo que 2. O catequista instrui e facilita a

observação de imagens, análise dos tempos litúrgicos, reflexão sobre o Evangelho e espaços de oração; DC (2020) ainda aponta que 3. A colaboração entre os catequizandos permite a partilha de conhecimento e diferentes perspectivas, e 4. A resolução de problemas ocorre com a aplicação prática do conhecimento vivenciado, e finalmente no item 5. O pensamento crítico na Igreja promove o amadurecimento na fé e no compromisso cristão, dando autonomia ao catequizando em seu próprio processo de aprendizagem. Dessa maneira, a catequese se torna mais dinâmica, participativa e significativa.

Paulo Freire (1996), renomado educador, concebeu uma educação contextualizada, crítica e transformadora. Ele propõe que os educadores aproveitem as experiências dos alunos que vivem em áreas negligenciadas pelo poder público para discutir temas relevantes à sua realidade, como poluição, bem-estar, lixo e saúde.

Freire (1996) também instiga os educadores a questionarem as desigualdades sociais, que muitas vezes resultam na localização de lixões em áreas distantes dos bairros ricos e próximos dos bairros pobres. Ele deseja que os alunos reflitam sobre as causas e consequências desses problemas, buscando soluções coletivas e participativas.

Para Freire (1996), a educação deve ser um instrumento de conscientização e libertação para os oprimidos, capacitando-os a transformar sua realidade.

Porque não aproveitar a experiência que têm os alunos de viver em áreas da cidade descuidadas pelo poder público para discutir, por exemplo, a poluição dos riachos e dos córregos e os baixos níveis de bem-estar das populações, os lixões e os riscos que oferecem a saúde das gentes. Por que não há lixões no coração dos bairros ricos e o mesmo puramente remediados dos centros urbanos? (Freire, 1996, p. 17).

Na educação da fé, é fundamental compreender as metodologias ativas e como aplicá-las. Essas metodologias visam criar um ambiente de aprendizagem dinâmica e envolvente, na qual os(as) catequizandos(as) se tornam protagonistas de seu próprio desenvolvimento educacional, tanto humano quanto espiritual. Essa abordagem prepara-os para os desafios da vida e da sociedade, estimulando o diálogo, o respeito, a solidariedade e a busca pelo sentido da existência.

3.4.3 A experiência no ministério do catequista

Como já mencionado, nesta dissertação “nenhum catequista pode legitimamente fazer, a seu próprio arbítrio, uma seleção no depósito da fé, entre aquilo que ele considerasse importante e aquilo que julgasse sem importância, para ensinar o ‘importante’ e rejeitar o resto” (CT, 1979, n. 30). Segundo o Diretório da Catequese (2020, p. 110), o(a) catequista possui uma vocação específica - que “tem a sua raiz na vocação comum do Povo de Deus”, é “chamado a servir o desígnio salvífico de Deus a favor da humanidade”. O(a) catequista é parte de uma comunidade cristã e reflete seus valores. Seu serviço é vivenciado nesse contexto, no qual os membros da igreja são os principais sujeitos do acompanhamento na fé.

Nesse sentido, toda comunidade é responsável pelo Ministério da Catequese. Segundo o Diretório para Catequese:

a comunidade cristã é o lugar onde se realiza a catequese. Ela é o sujeito que a promove, a acompanha e a avalia. Ela é o ambiente onde se vive a fé e se testemunha o Evangelho. Ela é a fonte de onde brotam os catequistas e a meta para onde se dirigem os catequizandos (DC, 2020, n. 111).

Assim, a comunidade cristã tem um papel fundamental na catequese, pois ela é o contexto em que a fé é vivida, celebrada e transmitida. É ela a responsável por promover, acompanhar e avaliá-la, bem como por formar e enviar os(as) catequistas e acolher os(as) catequizandos(as). E ainda, é, ao mesmo tempo, origem e destino da catequese, pois ela é a expressão da Igreja que evangeliza e é evangelizada.

No entanto, a catequese não é apenas tarefa dos(as) catequistas, mas de todos os membros da comunidade. É uma responsabilidade compartilhada, na qual cada pessoa tem um papel na formação da fé, seja como catequizando, pai, mãe, avô, avó ou membro ativo da paróquia.

A comunidade cristã deve oferecer os recursos necessários para a realização catequética. Isso inclui espaços adequados, materiais, formação contínua para os(as) catequistas e apoio espiritual. É essencial que ela reconheça e valorize o trabalho dos(as) catequistas e dos(as) catequizandos(as). O serviço deles(as) é fundamental para a transmissão da fé e o crescimento espiritual. E este lugar deve ser um espaço de comunhão, onde todos se sintam acolhidos e parte de algo maior. A participação ativa de todos na vida paroquial fortalece a missão evangelizadora.

O Diretório para a Catequese (2020) oferece orientações para a ação catequética no mundo atual. Ele destaca que a vocação ao Ministério da Catequese surge do Batismo e da Confirmação, sacramentos que permitem aos leigos participarem da missão de Cristo. O DC também reconhece que alguns fiéis se sentem chamados por Deus a serem catequistas na comunidade cristã, contribuindo para uma formação catequética mais orgânica e estruturada. Essa vocação é motivada pelo conhecimento amoroso de Cristo e pelo desejo de anunciá-lo e evangelizar. A Igreja, por sua vez, discerne e confere essa missão de catequizar, que é valorizada como uma expressão da vocação batismal e da comunhão eclesial.

Além da vocação comum ao apostolado, alguns fiéis sentem-se chamados por Deus a assumir o papel de catequistas na comunidade cristã, ao serviço de uma catequese mais orgânica e estruturada. Este chamamento pessoal de Jesus Cristo e a relação com Ele são o verdadeiro motor da ação do catequista: 'Deste conhecimento amoroso de Cristo brota o desejo de O anunciar, de evangelizar e levar os outros ao sim da fé em Jesus Cristo'. A Igreja suscita e discerne esta vocação divina e confere a missão de catequizar (DC, 2020, n. 122).

É, portanto, a Igreja quem confere a missão de catequizar. Cabe “ao catequista, como cristão, acolher na fé o chamamento particular de Deus, que o habilita para o serviço da transmissão da fé e para a tarefa de iniciar à vida cristã”. (DC, 2020, n. 112). E, ainda, “através deste chamamento, o catequista torna-se participante da missão de Jesus de introduzir os discípulos na sua relação filial com o Pai”. (DC, 2020, n.112).

Assim, o catequista para seu ministério, além de “servir-se de métodos pedagógicos adaptados” (CT, 1979, n. 31), deve fundamentar sua prática catequética na sinodalidade, isto é, na participação e colaboração entre os membros e líderes da Igreja, em decisões importantes, promovendo a colegialidade e a escuta mútua, buscando sempre a comunhão sinodal.

O Papa Francisco está conduzindo a Igreja a um novo momento da história, caracterizado por uma dinâmica simples e eficaz: ouvir e escutar o povo. Essa abordagem coloca a “escuta” como o cerne da sinodalidade, como uma dobradiça que une a Igreja ao povo. Em outras palavras, a Igreja necessita do povo, assim como o povo necessita da Igreja.

A sinodalidade, segundo a Comissão Teológica Internacional (2021), é um exemplo vivo do caminho que se abre para todos. Mas caminhar juntos exige a opção

e o saber fazer, por isso exige esforço de cada um, uma atitude de caminhar e de posicionar-se na multidão. Alguns estão no meio, outros à frente, e alguns permanecem nas margens. A relevância está em que todos estejam a caminho. Para que a caminhada sinodal aconteça, é essencial compreender que cada um segue o seu ritmo.

Na realidade da catequese, é fundamental evidenciar a sinodalidade de forma tranquila e serena, mas também comprometida com a acolhida calorosa, tanto para os(as) catequizandos(as) que estão chegando, quanto àqueles(as) que já estão há mais tempo, pois, ao se sentirem acolhidos(as), eles(as) têm a liberdade de expressar suas alegrias e angústias. Nessas horas, a equipe catequética deve utilizar o termômetro da escuta, da compreensão e da ação. É importante estar atento às necessidades e aos sentimentos deles(as).

O *Instrumentum Laboris* para o Sínodo, por uma Igreja Sinodal (2023), apresenta-nos que somos o Povo de Deus e que temos espaço para caminhar juntos desde o batismo, pois este, nos torna filhos e filhas adotivos de Deus, unindo-nos em comunhão e missão.

É isso que emerge com grande força de todos os continentes: a consciência de que uma Igreja sinodal se funda no reconhecimento da dignidade comum derivada do Batismo, que torna todos os que o recebem filhos e filhas de Deus, membros da família de Deus e, portanto, irmãos e irmãs em Cristo, habitados pelo único Espírito e enviados para cumprir uma missão comum (IL, 2023, n. 20).

Diante disso, os(as) catequizandos(as) são convidados a vivenciar as primeiras experiências cristãs na comunidade paroquial no sentido sinodal. “O processo sinodal oferece uma oportunidade de encontro na fé que faz crescer o vínculo com o Senhor, a fraternidade entre as pessoas e o amor pela Igreja” (IL, 2023, n. 17).

Edith Stein (2018) reconhece que a pessoa não existe isoladamente, mas em relação com os outros. A comunidade cristã é um espaço onde essa relação manifesta-se e cada pessoa é reconhecida como sujeito de um lugar onde todos caminham juntos, respeitando a singularidade de cada um. A descrita nos Atos dos Apóstolos serve como um modelo ideal de comunidade cristã.

O Evangelista Lucas, nos Atos dos Apóstolos, retrata a comunidade cristã primitiva como um grupo unido pela fé em Jesus Cristo. A seguir, veremos que Edith

Stein tinha uma compreensão profunda da comunidade que se assemelha em muitos aspectos à comunidade primitiva descrita nos Atos dos Apóstolos:

E perseveravam na doutrina dos apóstolos, e na comunhão, e no partir do pão e nas orações. E em toda alma havia temor, e muitas maravilhas e sinais se faziam pelos apóstolos. E todos os que criam estavam juntos, e tinham tudo em comum. E vendiam suas propriedades e bens, e repartiam com todos, segundo cada um tinha necessidade. E perseverando unânimes todos os dias no templo, e repartindo o pão de casa em casa, comiam juntos com alegria e singeleza de coração, Louvando a Deus, e tendo graça para com todo o povo. E todos os dias acrescentava o Senhor à igreja aqueles que se haviam de salvar (At 2, 42-47).

Assim, como na comunidade primitiva, Stein (1983) enfatizava a importância da comunhão e solidariedade entre os seus membros, pois a comunidade não é apenas um agrupamento de indivíduos, mas uma unidade orgânica, na qual cada membro contribui para o bem comum. Stein (1983) via o amor e o serviço ao próximo como fundamentais para a vida comunitária, ecoando a prática dos primeiros cristãos de compartilhar bens e cuidar dos necessitados. A fé desempenha um papel central tanto na comunidade primitiva quanto na visão de Stein, que via a comunidade como um lugar de encontro com Deus e de crescimento espiritual.

A comunidade primitiva era marcada pela conversão e renovação de vida, Stein via a vida em comunidade como um caminho de transformação pessoal e comunitária. Portanto, embora separadas por quase dois milênios, a comunidade primitiva e a comunidade compreendida por Edith Stein compartilham muitos princípios e valores fundamentais. Compreende-se, assim, que na catequese a relação entre indivíduo e vida comunitária desempenha um papel essencial. O estudo realizado pela autora enriquece essa compreensão, considerando a vivência integral do ser humano, que abrange corpo, mente e espírito.

A autora reconhece que somos seres complexos, com dimensões físicas, intelectuais e espirituais. A catequese não deve negligenciar nenhuma dessas dimensões, mas integrá-las harmoniosamente. A comunidade cristã é mais do que um agrupamento humano; é uma rede de relações interpessoais. Cada indivíduo contribui para a formação do “nós” com sua personalidade única.

Vale ressaltar que a comunidade distingue-se da sociedade. Enquanto esta é muitas vezes impessoal e funcional, aquela é marcada pela proximidade, partilha e interdependência. Assim, a catequese deve promover a comunhão e a participação ativa, reconhecendo que somos partes de um todo maior.

Manganaro (2016) trouxe clareza ao significado tanto da comunidade quanto da sociedade. A compreensão desses conceitos é fundamental para a reflexão sobre as relações humanas e o papel de cada um na construção do coletivo.

O pensamento romântico alemão definiu com a ideia de ‘comunidade’ um grupo social caracterizado pela profundidade, unidade e coesão de pessoas, cujo interesse individual-singular é superado por um mais elevado sentido de pertencimento, identidade e solidariedade (Manganaro, 2016, p. 60).

Essa definição encontra eco na realidade catequética, tanto no processo de Iniciação à Vida Cristã, quanto no seguimento de Jesus. A vivência profunda se transforma em uma identidade da comunidade. Os(as) catequizandos(as) em pequenos grupos podem desenvolver a amizade, costumes e interesse comum com sentido de pertença. O conteúdo catequético também motiva e objetiva a unidade e a fraternidade entre todos. Por sua vez, a sociedade tem uma outra abordagem de fins preestabelecidos em vista da consolidação de práticas e de trocas entre os membros.

A “sociedade” indica um grupo de pessoas não unidas ao redor de valores culturais, linguísticos ou espirituais, mas pela busca de fins preestabelecidos em vista da consolidação de uma prática que F. Tönnies, em seu estudo *Gemeinschaft und Gesellschaft* (1887), descreveu com acuidade com a metáfora “material” de troca e de mercado (Manganaro, 2016, p. 60).

Peretti (2019), também inspirada em Edith Stein, explora o papel das comunidades como formadoras humanas. Ela concentra-se especialmente na formação das jovens no âmbito familiar, com o objetivo de valorizar a comunidade como um todo. A abordagem de Peretti (2019) enriquece a compreensão da importância da relação entre indivíduo e comunidade na construção do ser humano.

A comunidade é a expressão mais alta da vida associada e a convivência deveria ser um dos valores que guiam nosso caminho existencial. A comunidade assume, na produção da filósofa, uma pluralidade de configurações: família, comunidade de amizade, comunidade religiosa, comunidade de povo e comunidade estatal. A comunidade desenvolve um papel fundamental no desenvolvimento do ser humano. Referindo-se à encíclica sobre a educação, afirma que: ‘a educação é, necessariamente, um trabalho de comunidade’. As três comunidades são necessárias para a formação do ser humano desde o nascimento. A família e o Estado são de ordem natural e a Igreja de ordem sobrenatural (Peretti, 2019, p. 279-280).

Na perspectiva de realçar a importância da comunidade, o caminho de Edith Stein foi delineado pela convivência familiar em várias circunstâncias e mudanças. Ela buscava a essência e o eu puro, mas sempre destacava a presença de alguém

próximo, reconhecendo as qualidades e comportamentos das pessoas, que faziam parte de sua convivência.

Stein (2018) perdeu o pai, Siegfried Stein, quando tinha apenas dois anos. Sua mãe, Sra. Auguste Courant Stein, assumiu o papel de mãe e pai, continuando o trabalho na serralheria. A família teve onze filhos, mas quatro deles faleceram precocemente. Edith era a caçula dos sete que sobreviveram. Em seu livro 'Vida de uma família judia', ela destaca as "Memórias de minha mãe", provavelmente porque a presença feminina foi marcante em sua infância e adolescência. Talvez, seja por isso, que Edith Stein se preocupava em formar as jovens, especialmente as mulheres.

Essa família numerosa estabeleceu um vínculo forte na convivência, sendo a primeira comunidade de Edith. Nos estudos, ela também encontrou outras comunidades: educacional, assistente, professora e religiosa. Todos os caminhos percorridos por Edith Stein foram moldados pela convivência com os outros. Mesmo diante das dores e dificuldades, ela permaneceu no espírito de vida comunitária até a morte. No campo de concentração de Auschwitz, juntamente com sua irmã Rosa e outros irmãos, Edith Stein foi morta na câmara de gás em 9 de agosto de 1942.

Stein (2018) apresenta uma distinção de comunidade e sociedade a partir da teoria do sociólogo Tönnies. Quando colocamos uma pessoa diante de outra como sujeito a um objeto, ambos se encontram na sociedade, com o objetivo básico de adquirir conhecimento específico. No entanto, quando uma pessoa aceita o outro como sujeito, reconhecendo os movimentos vitais, ambos formam uma comunidade.

A comunidade em Jesus era vista sob essa perspectiva: um seguimento fraterno e alegre, cuja vivência, a IVC também estabelece Edith Stein, como judia, converteu-se ao catolicismo aos trinta e um anos e recebeu a IVC. Seu legado é a formação da pessoa humana, evidenciando os sujeitos que fazem parte das pequenas e grandes comunidades em todo o mundo. Para todos que buscam instruir, ensinar e transmitir algo para o sujeito, a pessoa se torna transformadora de uma nova vida em comum.

A vocação do(a) catequista é um chamado divino que se manifesta por meio do desejo de servir ao próximo e no compartilhar a mensagem de amor e esperança, incluindo o mistério da cruz e ressurreição de Jesus. O termo vocação vem do latim *Vocatio*, que significa "um chamamento", derivado de *Vocatus*, que se refere a uma "pessoa chamada", e de *Vocare*, que significa "chamar", originado de *Vox*, que abrange "voz, som, chamado, grito, fala" (Vocação, 2023).

No Evangelho, Jesus chama discípulos e discípulas para segui-Lo: “Vem e segue-me” (Mt 19,21). Uma das primeiras condições para seguir Jesus é ouvir sua voz, escutar seu chamado e, em seguida, decidir se deseja segui-Lo ou não. Portanto, o termo vocação abrange diversos significados e se aplica a diferentes estágios da vida.

A resposta à vocação deve fundamentar-se na disposição e determinação de seguir o Cristo, que chama a pessoa a viver com Ele e a anunciar o Evangelho. O catequista deve estar preparado para lidar com momentos belos, alegres e saudáveis, mas também com as dificuldades e desafios da missão. Ele deve dar significado e sentido ao seu projeto de vida, considerando a normalidade vocacional e sua missão.

A vocação do(a) catequista é uma corresponsabilidade e uma preparação para conduzir a formação dos(as) catequizandos(as). Isso requer conhecimento da doutrina católica, disposição para estudar e se atualizar constantemente e, acima de tudo, um coração aberto para acolher as dúvidas e questionamentos dos catequizandos. Muitas vezes, essas perguntas ultrapassam os limites do conhecimento, tornando a formação contínua ainda mais essencial, considerando as atualizações constantes nos meios de comunicação da Igreja e nas formações propostas pelas dioceses.

Para o aspecto formativo, o Diretório para a Catequese também prevê de forma detalhada esta mesma função: “o trabalho formativo age como uma transformação da pessoa, que interioriza existencialmente a mensagem do Evangelho, de modo que ele seja luz e direção para a sua vida e missão eclesial” (DC, 2020, n. 131).

Um(a) catequista dedicado(a) é alguém que se empenha em descobrir a verdade sobre Deus, juntamente com os(as) catequizandos(as). Sua ação investigativa serve de exemplo para aqueles que desejam explorar a compreensão das coisas e ser um modelo para os outros. No entanto, a vocação enfrenta desafios diante da complexidade, que só podem ser compreendidos considerando dois momentos: o momento em que Deus chama e o momento no qual o ser humano responde.

Edith Stein também descreve, de maneira cativante, a formação de seu colega Hugo Hermesen. Após citar alguns adjetivos pessoais, ela afirma: “Ouvindo sua voz suave e um pouco velada, sentia-se que tudo o que ele dizia vinha do mais profundo do seu coração” (Stein, 1918, p. 238).

Além de dominar o conteúdo, o catequista deve ser como um vaso que se enche de conhecimento para, em seguida, nutrir os(as) catequizandos(as). Quando a transmissão desse conhecimento é bem desenvolvida, toca o coração das pessoas que estão em aprendizagem. O(a) catequista, em sua atuação, tem a missão de ser um formador cristão, transmitindo o conteúdo da fé com ardor e profunda consciência de sentido. Essa abordagem não se limita apenas à teoria, mas também à vivência pessoal. Quando ele(a) não apenas transmite, mas também vive aquilo que ensina, aumenta a sua eficácia e sua atuação se torna aplausível.

A missão do(a) catequista é levar a mensagem de Jesus Cristo aos aprendentes da IVC. Isso ocorre por meio do testemunho de vida e de sua atuação na comunidade. A presença do(a) catequista é notável nos encontros catequéticos e nas atividades da paróquia. Seu exemplo vivido se torna um poderoso testemunho para todos.

Cada cristão é missionário na medida em que se encontrou com o amor de Deus em Cristo Jesus; não digamos mais que somos “discípulos” e “missionários”, mas sempre que somos “discípulos missionários”. Se não estivermos convencidos disto, olhemos para os primeiros discípulos, que logo depois de terem conhecido o olhar de Jesus, saíram proclamando cheios de alegria: ‘Encontrámos o Messias’ (Jo 1, 41), (EG, 2013, n. 120).

Se cada cristão é um missionário, conforme a citação da *Evangelii Gaudium*, então o ministério do catequista deve ir além de sua própria convicção diante do mistério de Jesus Cristo. Esse ministério deve ser anunciado e praticado no meio do povo. A Boa Nova do Evangelho tem o poder de atualizar as pessoas, tornando-as instrumentos da novidade de Jesus.

A missão do(a) catequista tem o caráter de dinamizar a essência do Evangelho nas comunidades, inspirando movimento, caminhada e ação. O Decreto *Christus Dominus* (1965) recomenda que o(a) catequista seja um exemplo de amor, solidariedade e compaixão para que as pessoas possam compreender a mensagem de Jesus.

Vigiem que a instrução catequética, que se orienta a fazer com que a fé, ilustrada pela doutrina, se torne viva, explícita e operosa nos homens, seja cuidadosamente ministrada quer às crianças e aos adolescentes, quer aos jovens, quer até aos adultos: procurem que esta instrução seja dada segundo a ordem e o método que mais convêm não só à matéria de que se trata mas também à índole, capacidade, idade e condições de vida dos ouvintes, e que

se baseie na Sagrada Escritura, na Tradição, na Liturgia, no magistério e na vida da Igreja (CD, 1965, n. 14).

Pode-se dizer que Jesus amou a todos de forma incondicional e generosa. E diante desta afirmação, vale a pena refletir se como catequista, há a convicção de que tudo é feito por amor a Cristo? Quando as palavras encantam e satisfazem, elas despertam nas pessoas um fervor e uma energia para contribuir e realizar atos de caridade em benefício do próximo.

Na visão de CNBB (2019), a Palavra transforma-se em ação no coração de cada indivíduo, manifestando-se como o mistério vivo de Cristo tanto no(a) catequista quanto nos(as) catequizandos(as). A vocação do(a) catequista é compreendida como uma iniciativa divina primordial. Após o diálogo e a participação na comunidade, ele(a) sente um chamado pessoal e comunica essa vocação aos responsáveis pela missão de catequese.

Como autor principal da vida, Deus escolhe o ser humano por meio de uma eleição livre, por sua própria vontade. É uma vontade tão livre que se manifesta em amor e doação. A escolha de ser catequista envolve vários desafios, que incluem o local do encontro catequético, o horário, os familiares, o conhecimento cristão adquirido, a participação nas celebrações e a frequência. O compromisso deve ser mútuo, tanto do(a) catequista quanto dos(as) catequizandos(as). Deus está sempre presente, guiando os passos com sua luz, para iluminar o Ministério de Catequista.

3.5 O MINISTÉRIO DE CATEQUISTA UM SERVIÇO ECLESIAL

De acordo com a CNBB (2021), para uma comunidade funcionar e desenvolver bem sua missão dentro de uma arquidiocese é necessário uma escuta atenta e diálogo. As iniciativas devem ser programadas com certa ordem em um planejamento anual, conectadas à realidade, cultura e vivência dos(as) catequizandos(as).

Durante o planejamento, é essencial realizar avaliações e revisões constantes, acolhendo as mudanças quando necessário. Essas adaptações permitem que a comunidade avance com maior fluidez, tornando-se um exemplo de flexibilidade e do crescimento contínuo para as famílias e para si mesmas. Portanto, a capacidade de avaliar, revisar e adaptar-se às mudanças é um aspecto fundamental para o desenvolvimento saudável e sustentável dos(as) catequizandos(as).

O Ministério do(a) Catequista, conforme o *Antiquum Ministerium* (2021) do Papa Francisco, traduz-se como *diakonia*, indicando o serviço eclesial (Léxicon, 1993, p. 493). Este serviço abrange uma ampla gama de funções e responsabilidades, para os Padres, os Bispos e o Papa.

Os leigos, embora não sejam Ministros Ordenados, também são chamados para servir dentro da hierarquia da Igreja, desempenhando funções específicas de acordo com suas habilidades e disponibilidade, conferidas pelo sacramento do batismo. Ao serem batizados, tornam-se sacerdotes, profetas e reis.

Na Igreja, o(a) catequista é chamado(a) para transmitir a fé e dar visibilidade ao seu ministério por meio das pastorais, movimentos, símbolos, caminhada eclesial. Sua função de catequista pode ser comparada a um farol de luz, que ilumina o caminho para que outros não tropecem durante a jornada.

Conforme DC (2020), o(a) catequista, em sua missão, deve ser um farol de fé e prática cristã para os(as) catequizandos(as). Para isso, é essencial que ele viva e exemplifique os valores e princípios do Evangelho em sua vida cotidiana. Ele deve adaptar sua abordagem de ensino de acordo com a idade e o nível de conhecimento dos(as) catequizandos(as), tornando o conteúdo relevantes e compreensível.

É fundamental que a comunidade paroquial ofereça apoio e assistência ao(à) catequista, pois ele(a) é uma parte integrante do corpo da Igreja e a força motriz da comunidade de fé, transmitindo os valores cristãos. Ele deve sempre inspirar o testemunho cristão em suas ações e comportamentos. Nesse sentido, o(a) catequista é um colaborador(a) essencial no processo de evangelização e na missão da Igreja. Sua responsabilidade é a de ministrar o Evangelho de acordo com o nível de caminhada cristã dos(as) catequizandos(as), guiando-os(as) em sua jornada de fé e ajudando-os(as) a entender e viver os ensinamentos de Cristo.

3.5.1 Catequista: sujeito da catequese

O(A) catequista é aquele(a) que instrui na fé por meio da proclamação do Evangelho, guiando os catecúmenos e catequizandos(as) na Iniciação à Vida Cristã. Segundo o apóstolo Paulo, ele “gera em Jesus Cristo através do Evangelho” (1Cor, 4,15) e experimenta as “dores de parto até que Cristo seja formado em todos” (Gl 4, 19). Portanto, é importante que os(as) catequistas tenham um amor fraterno, paternal e maternal por aqueles que (EN, 1975, n.79).

Na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, escrita pelo Papa Francisco em 2013, o papel do(a) catequista é destacado como fundamental para a evangelização. Ele(a) é visto(a) como um discípulo missionário, que anuncia o Evangelho e ajuda a formar outros discípulos (EG 160).

A *Evangelii Gaudium* enfatiza a necessidade de uma catequese que seja querigmática e mistagógica, focada no anúncio do querigma (a proclamação básica da fé cristã) e na iniciação aos mistérios da fé. Isso representa uma mudança da catequese tradicional, centrada na doutrina e nos sacramentos, para uma abordagem que acompanha os catequizandos de maneira personalizada em seu caminho de fé (EG 164;166).

Além disso, a *Evangelii Gaudium* destaca a importância da inclusão dos pobres e da ação social na evangelização, temas que devem estar presentes na catequese (EG, 187-188). Deste modo, o(a) catequista é chamado(a) a ser um(a) evangelizador(a) que, movido(a) pelo amor a Cristo e à Igreja, ajuda a construir uma comunidade de discípulos missionários.

Na comunidade de fiéis em peregrinação, os(as) catequistas desempenham o papel de educadores, ensinando os princípios da fé, a doutrina, os valores e as práticas cristãs. Conforme o documento RICA (1975, p.48), “os catequistas leigos possuem uma sensibilidade especial para incorporar o Evangelho em sua própria vida cotidiana”.

O(A) catequista, seja ele(a) leigo(a), membro do clero, religioso ou religiosa, e possuir um profundo conhecimento das Escrituras, Liturgia, metodologia e teologia pastoral, entre outras áreas essenciais à catequese. O seu objetivo é auxiliar os catecúmenos a compreender e viver de acordo com os ensinamentos da Iniciação à Vida Cristã (IVC), detalhados no capítulo anterior. Ele(a) é incentivado(a) a atualizar seus conhecimentos tanto na Diocese quanto na Paróquia, onde trabalha em unidade com o Pároco e a coordenação, formando uma comunhão viva e testemunhal com os catequizandos.

A IVC é um processo histórico que remonta do primeiro ao quinto século, sendo lembrado de forma expressiva no Concílio Vaticano II. Desde então, o empenho catequético aumentou, proporcionando suporte e engajamento a todos os catequistas no ensino da fé.

Em 1979, o Papa João Paulo II publicou a Exortação Apostólica *Catechesi Tradendae*, com o objetivo de revelar, na pessoa de Cristo, o eterno propósito de

Deus. A essência da exortação reside na compreensão do significado das palavras e ações de Jesus Cristo, que expressam seu Mistério. Em 1983, foi lançado o Documento *Catequese Renovada* (CR), que em 2023 completou quarenta anos. Este documento impulsionou a catequese em todo o Brasil, surgindo das orientações pós-conciliares e das contribuições de agentes de catequese de várias partes do país.

O Documento da Catequese Renovada reacendeu o entusiasmo e a motivação dos(as) catequistas nas regiões do Brasil. O Documento propõe uma conversão e uma mudança de mentalidade pedagógica, com o objetivo de integrar a fé à vida cotidiana. Essa transformação começa com o(a) catequista.

O catequista deve viver sua experiência cristã dentro de um grupo de catequistas, que dará continuidade à formação e oferecerá oportunidades para a oração em comum, a reflexão, a avaliação das tarefas realizadas, o planejamento e a preparação dos trabalhos futuros. Assim, o grupo de catequistas expressa mais visivelmente o caráter comunitário da tarefa catequética (CR, 1983, n. 151).

O texto destaca a importância do papel do(a) catequista dentro de um grupo, enfatizando a necessidade de uma experiência cristã compartilhada. Isso inclui a continuidade da formação, a oração em comum, a reflexão, a avaliação das tarefas realizadas e o planejamento dos trabalhos futuros.

Essa abordagem comunitária ressalta o caráter coletivo da tarefa catequética, reforçando a ideia de que a fé é vivida e expressa dentro de uma comunidade. A fé, como mencionado no texto, é fundamentada em experiências profundas que refletem a essência catequética da Igreja primitiva. Isso nos lembra que a fé não é apenas uma questão de conhecimento intelectual, mas também uma experiência vivida que envolve toda a pessoa (CNBB, 1983, n. 162).

Dessa forma, o texto nos convida a ver a catequese não apenas como um processo de transmissão de conhecimentos, mas como uma jornada de fé vivida em comunidade, que envolve tanto a tradição quanto a realidade contemporânea. Isso implica uma visão de fé que é ao mesmo tempo enraizada na tradição e aberta ao novo, capaz de dialogar com o mundo contemporâneo e responder aos seus desafios.

A reflexão é que as perspectivas delineadas para catequistas e catequizandos(as) nos documentos da Igreja foram projetadas para transformar a prática catecumenal em uma ação evangelizadora. O(A) catequista, ao exercer seu apostolado entre as famílias e os(as) catequizandos(as), também adota um caráter

missionário. O encontro entre eles deve ativar um fervor no coração. Além de ensinar o conteúdo do Evangelho, o(a) catequista deve transmiti-lo por meio de um exemplo vivo, testemunhando a Palavra de Deus e sua própria vida.

Se o(a) catequista não transmitir a Palavra de Deus de maneira envolvente, a narração pode se tornar monótona, sem movimentos e expressões vitais. Uma leitura uniforme e sem dinâmicas pode se tornar dispersa, desinteressante e inacessível. No entanto, quando o Evangelho é anunciado e vivido pelo(a) catequista, ele(a) pode trazer proximidade e integração, respeitando os costumes e crenças da comunidade.

Na comunidade, estão presentes as diferenças, a possibilidade de avaliação, o *feedback* dos encontros e a apreciação dos demais. Essas atitudes proporcionam uma reinterpretação e atualização comunitária. O trabalho de um(a) catequista, embora normalmente se estenda por uma hora ou mais por semana, é lembrado pelos(as) catequizandos(as) por toda a vida.

O apóstolo Paulo nos lembra do verbo “gerar”, presente no rito do RICA: “Ao gerar novos filhos e filhas, a comunidade é renovada na fé: aprofunda sua compreensão do mistério pascal, retoma a atitude de conversão e passa a obedecer com maior generosidade aos apelos do Espírito” (RICA, 1975, n. 4). A compreensão do verbo gera e dá origem a uma nova atitude de renovação da comunidade e provoca um efeito muito relevante, que é a conversão. Esta implica em uma mudança de direção: aderir um novo caminho que impulsiona a seguir em frente, sendo uma nova perspectiva, abertura e guia do Espírito.

Uma comunidade que se fortalece com a chegada de novos cristãos é motivo de grande júbilo e gratidão. Todos na paróquia têm uma vocação e uma missão para exercer no crescimento e transformação contínua. A vocação e o ministério do(a) catequista são de grande valor para o grupo social.

As palavras dos catequistas devem ecoar nos ouvidos dos catequizandos(as) de tal maneira que, ao final do encontro, eles(as) possam retornar às suas casas inspirados(as) e encantados(as). Nessa dinâmica, seria como os torcedores de um time que, ganhando ou perdendo, não desistem da causa, embora seja efêmera. O apóstolo Paulo diz (1Cor 9, 25): “Todos os que competem nos jogos se submetem a um treinamento rigoroso, para obter uma coroa que logo perece; mas nós o fazemos para ganhar uma coroa que dura para sempre”.

Buscar a coroa que dura para sempre significa um trabalho contínuo e determinado pelo chamado que cada um recebeu. A competição por Cristo deve

envolver a formação de uma identidade cristã. A coroa imperecível é mostrar o Reino de Deus para aqueles que querem conhecer o Evangelho e estão a caminho no itinerário catecumenal.

O ministério do(a) catequista está interligado com a pastoral e a missão, que possuem critérios e itinerários formativos de acordo com a CNBB (2022). Com objetividade, serão destacados os critérios para que o(a) catequista possa ser instruído(a) e formado(a) para receber a instituição do ministério. No próximo subtítulo, serão abordados aspectos da instituição do ministério no texto do *Antiquum Ministerium*, do Papa Francisco.

3.5.2 Critérios e itinerários: instituição do ministério de catequista

Quando o Papa Francisco lançou o *Antiquum Ministerium* em 2021, ele destacou que o Ministério do(a) Catequista é antigo, fundamentado nos escritos do Novo Testamento. A missão dos(as) catequistas, ao longo dos anos, tem sido realizada com dedicação e amor à vida cristã, sem buscar recompensa financeira. Eles continuam a fazer o ministério ressoar por meio do Evangelho, como irmãos e irmãs.

Papa Francisco também afirmou: “Estabeleço o Ministério de Catequista”. Antes de instituir o Ministério, ele sugeriu uma preparação voltada para o amadurecimento, fundamentada na formação bíblica, teológica, pastoral e pedagógica. Essa preparação visa tornar o(a) catequista mais dedicado(a) em suas funções e no chamado vocacional, cuidando da Mãe Igreja e auxiliando os irmãos mais experientes na prática do Evangelho.

O chamado é para todos(as), inclusive para aqueles que ainda não estão capacitados(as), mas que demonstram boa vontade para atualização e formação. No processo formativo, é necessária a inclusão de todos(as), o que só acontecerá com sensibilidade e cuidado. O Papa Francisco delegou à Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos a responsabilidade de providenciar a publicação do Rito de Instituição do Ministério Laical de Catequista. Este rito foi publicado em 02 de fevereiro de 2024, pela Ed. CNBB.

De acordo com o *Antiquum Ministerium*, o Papa Francisco solicita que “as Conferências Episcopais tornem real o Ministério de Catequistas” (AM, 2021, n. 9). A sua recomendação é que ocorra o “iter formativo necessário e os critérios normativos

para o acesso”, bem como “formas coerentes para o serviço ao qual essas pessoas são chamadas”, conforme expresso na Carta Apostólica. Essa formação e informação, recomendadas pelo Papa, estão vinculadas ao Dicastério, às Conferências Episcopais e às Igrejas Particulares. Então, a partir de maio de 2021, passou a ser reconhecido hierarquicamente para ser instituído.

O Papa Francisco, iluminado pelo Espírito Santo, reconheceu os serviços e os carismas de muitos(as) catequistas, respondendo ao chamado de Deus. Ele disse: “Que o discernimento dos dons que o Espírito Santo nunca deixa faltar à sua Igreja seja para eles o apoio necessário para concretizar o Ministério de Catequista para o crescimento da própria comunidade” (AM, 2021, n. 11). Estas são as palavras do Papa Francisco, lembrando que o Espírito Santo é o guia, que desde o início de tudo age e ilumina todos os povos que acolhem a luz criativa de Deus.

Na formação, em particular, os detalhes são apresentados de forma a facilitar o processo formativo, de acordo com a bagagem que os catequistas trazem ou ainda vão adquirir. No final de 2022, os Bispos da CNBB lançaram o Documento n. 112, que trata dos “Critérios e Itinerários para a Instituição do Ministério de Catequistas”, que na prática está ligado à recomendação do Papa às Conferências Episcopais.

Esse Documento serve como um guia para que as comissões diocesanas possam se orientar e organizar a formação nas Igrejas Particulares. Levando em consideração as realidades de cada Igreja Particular, é conveniente uma readaptação para os(as) catequistas e o Pároco, que por sua vez devem estar ligados à comissão diocesana. Por esse vínculo, se entende que todos estão unidos em Cristo, pelo Evangelho.

3.5.3 Catequista atuante e sua formação

A proposta de formação é que ela seja realizada em dois grupos de catequistas: atuantes e iniciantes, (item que será retomado e explicitado mais adiante). Algumas indagações de sobre como será analisado o processo de formação precisam de esclarecimentos. Para os(as) catequistas que atuam há mais tempo na catequese e “já possuem uma formação básica, deve-se considerar toda caminhada anterior daquele que se prepara para o Ministério” (CNBB, 2022, n. 14).

No n. 15 do Documento, os critérios para receber o Ministérios estão dispostos em ordem alfabética:

- a - Ser escolhido pela comunidade eclesial: a escolha cabe ao pároco, em diálogo com as coordenações paroquiais da Iniciação à Vida Cristã (IVC) e outros grupos que ele julgar oportuno;
- b - Ter no mínimo 20 anos de idade, 5 anos de atuação e experiência na catequese. Além de transmitir a fé, é preciso estar atento aos atuais desafios de contextos que exigem a leitura dos sinais dos tempos, conversão, busca de novos processos e novas metodologias (CNBB, 107 n. 233);
- c - Ter participado da formação básica proposta pela Diocese;
- d - Ter participado da formação específica e imediata para a recepção do Ministério, de acordo com as orientações da CNBB (mínimo de 6 meses).

O documento redigido e aprovado pelos Bispos apresenta uma série de questões a serem analisadas. Entre elas, está uma dúvida frequente sobre o curso de formação para catequistas, se é intensivo, com sessões semanais ou mensais, com duração mínima de seis meses. Frequentemente, para minimizar os custos associados à formação deles há uma tendência de realizar uma formação simplificada. É inegável que a vocação de catequista é uma realidade, mas é essencial que eles(as) recebam a capacitação adequada. A formação de catequistas é um investimento na comunidade, pois eles desempenham um papel crucial na educação cristã e na formação espiritual dos membros da comunidade. Assim, é importante garantir que eles(as) tenham acesso a uma formação de qualidade que os prepare adequadamente para esta importante tarefa.

3.5.4 O desafio para o catequista na prática

Na visão geral em que acontece, muitos(as) catequistas e membros da coordenação, que estão profundamente envolvidos na prática da educação da fé, dedicam-se incansavelmente ao desenvolvimento da ação evangelizadora. Eles estão comprometidos com sua missão, independentemente dos desafios que possam surgir. No entanto, frequentemente se encontram diante de obstáculos significativos. Muitas vezes, eles se sentem exaustos pelo físico (vínculo empregatício), emocional e espiritual. Além disso, enfrentam dificuldades econômicas que podem limitar sua capacidade de realizar plenamente suas atividades.

A gestão do tempo pode ser um gargalo, pois equilibram a necessidade de dedicar tempo suficiente para vivenciar sua vocação de catequistas com outras responsabilidades pessoais e profissionais. Apesar dessas dificuldades, eles(as) continuam a se esforçar para cumprir sua vocação e servir à sua comunidade. Alguns(mas) deles(as) enfrentam desafios particulares para se integrarem à

comunidade, quando expressam necessidades de assistência, apoio, segurança e ação catequética. Há uma percepção clara da necessidade de escuta ativa, da presença de mentores e da implementação de dinâmicas que promovam a integração. Isso é refletido na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (2013), que aborda os desafios pastorais.

Tal exortação enfatiza a importância do acolhimento, do diálogo e da inclusão na prática pastoral, reconhecendo que cada indivíduo traz consigo uma riqueza de experiências e perspectivas, que podem enriquecer a comunidade como um todo. Desse modo, é essencial criar espaços onde os(as) catequistas possam expressar suas preocupações, compartilhar suas experiências e receber o apoio necessário para desempenhar efetivamente seu papel. Isso não apenas fortalece a comunidade, mas também ajuda a garantir que a mensagem do Evangelho seja transmitida de maneira eficaz e ressonante.

De acordo *Evangelii Gaudium* (2013):

Mas, a tomada de consciência desta responsabilidade laical que nasce do Batismo e da Confirmação não se manifesta de igual modo em toda a parte; em alguns casos, porque não se formaram para assumir responsabilidades importantes, em outros por não encontrar espaço nas suas Igrejas particulares para poderem exprimir-se e agir por causa de um excessivo clericalismo que os mantém à margem das decisões (EG, 2013, n. 102).

A citação acima discute a questão da responsabilidade laical na Igreja, que é derivada do Batismo e da Confirmação. Ela destaca que a consciência dessa responsabilidade não é uniformemente percebida em todos os lugares. Isso pode ser devido a vários fatores. Em alguns casos, os leigos podem não ter sido adequadamente formados para assumir responsabilidades importantes dentro da Igreja. Isso pode ser um reflexo da falta de educação cristã adequada ou oportunidades para o desenvolvimento de liderança.

Em outros casos, a citação sugere que um excessivo clericalismo pode impedir os leigos de encontrar espaço para se expressar e agir dentro de suas Igrejas particulares. O clericalismo, neste contexto, provavelmente se refere a uma ênfase excessiva no poder e na autoridade do clero sobre os leigos, o que pode limitar a participação deles nas decisões da Igreja.

3.5.5 Catequista iniciantes e sua formação

A criação do Ministério de Catequista é uma afirmação do reconhecimento da missão do discípulo missionário, “que responde com entusiasmo ao chamado do Senhor para proclamar e testemunhar, através de sua própria vida, o seu imenso amor” (CNBB, 2022, n.4b). Neste contexto, a criação de um serviço como o Ministério de Catequista para leigos e leigas na Igreja torna visível a especificidade de sua missão e, simultaneamente, “implica em ser uma testemunha da fé e um mistagogo” (CNBB, 2022, n.4c).

O novo Documento 112 da CNBB, *Crítérios e Itinerários para a Instituição do Ministério de Catequista* (2022), aprovado durante a 59ª Assembleia Geral do episcopado brasileiro, de caráter experimental, propõe uma formação imediata para aqueles que já atuam como catequistas, bem como uma formação mais extensa para aqueles que aspiram sê-lo.

Dessa forma, a concessão deste ministério, a partir do Rito de Instituição do Ministério laical de Catequista, “exige uma formação bíblica, teológica, pastoral e pedagógica, para serem comunicadores diligentes da fé” (CNBB, 2022, n.12). Para a formação de iniciantes, será necessário um percurso relativamente longo de 4 a 5 anos para que recebam o Ministério. Este período “não será exclusivamente destinado à formação intelectual, mas também incluirá o caminho vocacional do catequista, sua atuação e experiência na catequese” (CNBB, 112, n.16). O documento enfatiza ainda a importância de um plano de formação e a valorização das escolas catequéticas já existentes, bem como a adaptação necessária que cada Diocese deverá realizar para cada etapa formativa.

A partir disso, compreendemos a preocupação da Igreja em proporcionar uma formação detalhada para a Instituição do Ministério de Catequista. Nessa perspectiva, as paróquias e suas coordenações devem considerar sua história e realidade, por meio de uma escuta mais atenta das pessoas envolvidas no processo catequético. A seguir, estão dispostos os critérios propostos pela CNBB para a admissão de catequistas iniciantes ao Ministério:

- a. Ser escolhido pela comunidade eclesial: a escolha cabe ao pároco, em diálogo com as coordenações paroquiais da Iniciação à Vida Cristã (IVC) e outros grupos que ele julgar oportuno; b. Ter no mínimo 20 anos de idade; c. Ter participado do itinerário de preparação, de acordo com as orientações da CNBB: atuação e experiência na catequese de no mínimo

5 anos; d. Cumprir todas as etapas de formação. A formação realmente o ajuda a amadurecer como pessoa, como fiel e como apóstolo (cf. DC, 2020, n.136; CNBB, 2022, n.17).

No compromisso com a evangelização e a catequese, um dos sinais mais promissores foi o notável renascimento do serviço catequético dentro dos diferentes ministérios e carismas da Igreja. A catequese é uma tarefa e responsabilidade de toda a Igreja, no entanto, “os membros da Igreja têm responsabilidades distintas, que derivam da missão de cada um” (CT, 1979, n. 16).

Nesse contexto, os pastores têm uma responsabilidade particular em relação ao anúncio da palavra de Deus. O próprio Concílio Vaticano II já lembrava que “entre os principais deveres dos Bispos está a pregação do Evangelho” (LG, 25), assim o Concílio definiu os Presbíteros como “educadores na fé”. Depois, indicou entre os ofícios dos Diáconos, o de instruir e de “exortar o povo” (LG, 1965, n. 29). A partir dessas indicações, o serviço do anúncio da Palavra é hoje vivido como uma tarefa principal pelos Ministros na Igreja.

De acordo com CNBB (2022), entende-se, portanto, que a vocação surge no(a) catequista e se desenvolve por meio dos mecanismos presentes na comunidade, a formação e a atualização. Mas cada cristão pode se tornar um catequista graças a um itinerário formativo, que estimula o crescimento, a estabilidade e corrige suas inevitáveis limitações. Para isso, o presbítero não pode ignorar este compromisso que hoje, sobretudo, se torna um dos principais, no cuidado das almas. É uma tarefa característica e peculiar do sacerdote na ação catequética.

Assim, como Jesus se dedicou à formação dos doze, também o pároco deve estender as melhores energias da mente e do coração para uma formação adequada e relevante dos(as) catequistas. Entre as tarefas do padre na catequese e em particular do pároco está a de “estimular e discernir vocações para o serviço catequético e, como o catequista dos catequistas, zelar pela sua formação, dedicando a esta tarefa a maior preocupação” (DGC, 1997, n. 225). Nenhum pároco deve negligenciar esta tarefa, muito menos deve confiar o exercício da catequese a alguém que não esteja adequadamente preparado. Neste campo, não basta a boa vontade de quem se declara disponível para a catequese, conforme afirma o Diretório Geral para a Catequese (1997):

A formação procura capacitar os catequistas para transmitir o Evangelho a quem deseja confiar-se a Jesus Cristo. A finalidade da formação exige,

portanto, que o catequista esteja o mais apto possível para realizar um ato de comunicação: a finalidade essencial da formação catequética é permitir a comunicação da mensagem cristã (DGC, 1997, n. 235).

Dessa forma, entende-se que a disponibilidade inicial dos(as) catequistas precisa ser amadurecida e motivada, conscientizando-os(as) de uma missão eclesial específica. As dificuldades, problemas e alguns desequilíbrios, muitas vezes ligados a um recrutamento apressado e a uma preparação improvisada, podem desencorajar.

É necessário apoiar a generosidade e a paixão de muitos(as) catequistas, especialmente os jovens, incentivando a formação adequada e o desenvolvimento de sua personalidade específica. As Igrejas locais estão fazendo um grande esforço para se adaptarem cada vez mais ao modelo proposto pelo Concílio Vaticano II e às necessidades dos tempos atuais. Isso exige uma presença qualificada de ministros da catequese.

Os catequistas podem participar em diferentes momentos da vida eclesial e nas escolhas que a comunidade indica. Mas, isso também significa que a comunidade deve reconhecer seu papel e sua responsabilidade: eles não são um produto a ser embalado, mas um dom de Deus a ser descoberto, acolhido e valorizado, pois eles próprios são construtores da comunidade.

Nesse contexto, a formação catequética da Diocese de Cornélio Procópio é colocada em destaque. O Conselho Pastoral da Diocese sugeriu que a formação para os iniciantes dure dois anos. Há uma grande preocupação com alguns(mas) catequistas que possuem apenas o Ensino Médio ou até mesmo somente o Ensino Fundamental, mas que se sentem chamados e vocacionados para o Ministério catequético. O programa de formação da Diocese está estruturado em quatro bimestres, com oito horas por mês, totalizando 223 horas. Essa carga horária, quando comparada à carga horária de 2.400 horas que o Ministério da Educação e Cultura (MEC) exige para a graduação de um Professor, a do(a) catequista é 9,3% menor.

Certamente, apenas com este plano de formação, não é possível aprofundar os eixos bíblico, metodológico, litúrgico e existencial. No Concílio Vaticano II e, posteriormente, na Catequese Renovada, surge a necessidade de uma formação cristã catequética integral, humana, espiritual, doutrinal, teológica, ética e filosófica, de acordo com as diferentes idades, condições e capacidades de cada um.

Além de uma cultura geral, enfatiza-se a necessidade de articulação com a formação técnica e prática, com um acompanhamento progressivo do

amadurecimento da pessoa, da evolução das questões em si mesmas, do desenvolvimento dos conhecimentos e da capacidade crescente de agir didático.

Assim, o documento Catequese Renovada (1983) enfatiza que:

Um itinerário de formação não deve somente ter o cuidado de desenvolver a capacitação didática e técnica do catequista, mas também e principalmente sua vivência pessoal e comunitária da fé e seu compromisso com a transformação do mundo, a fim de que a atuação do catequista nunca esteja separada do seu testemunho de vida (CR, 1983, n. 150).

O(A) catequista deve vivenciar sua experiência de fé cristã e sua missão dentro do grupo ao qual pertence, pois isso possibilitará a continuidade da formação e o aprofundamento de uma espiritualidade cristã, bem como o aprofundamento do caráter comunitário da tarefa catequética (CR, 151). Dessa forma, o itinerário de formação permitirá o desenvolvimento de habilidades e competências que podem auxiliar na maturidade do(a) catequista como educador(a) da fé.

Para isso, é necessário um tempo para que ele(a) possa assimilar o conteúdo programático dos eixos temáticos de formação. Muitas vezes, são eles(as) próprios(as) que investem em sua formação com seus recursos próprios e se dedicam voluntariamente ao serviço do ministério catequético.

De acordo com a CNBB (2022), é essencial estabelecer itinerários formativos com o objetivo de instituir o ministério laical. É importante considerar neste itinerário que: os(as) catequistas são vocacionados(as); considerar o ministério como o ápice de uma jornada; promover uma formação de inspiração catecumenal; realizar uma formação global e integral; formar sujeitos eclesiais; considerar a diversidade das modalidades formativas; formar para o mundo digital; priorizar a formação bíblica; dar atenção à Doutrina Social da Igreja e incluir as dimensões socioambientais da fé cristã (CNBB, 2022, n. 20-29).

Portanto, o itinerário de formação para iniciantes com vista ao ministério deverá ser definido pela Coordenação Diocesana da Catequese a serviço da IVC. É um itinerário com duração sugerida de cinco anos, pois inclui “o tempo de discernimento sobre a vocação ao ministério laical e a experiência de atuação na catequese, além da formação do ministério que, por sua vez, inclui a dimensão intelectual” (CNBB, 2022, n. 42). Esse itinerário deve ainda considerar a formação integral, pois a ação do(a) catequista contribui para a educação do homem, como discípulo de Cristo, para uma vida plenamente cristã.

3.6 O(A) CATEQUISTA DISCÍPULO DE JESUS

De acordo com DC (2020), o(a) catequista, como discípulo de Jesus, segue seus ensinamentos e vive de acordo com os princípios do Evangelho. Ele(a) é chamado(a) a ser um exemplo vivo da fé cristã, transmitindo não apenas conhecimento, mas também valores e atitudes que refletem o amor e a misericórdia de Deus.

O(A) catequista deve cultivar uma relação pessoal profunda com Jesus, mantendo uma vida de oração e devoção. Ele(a) busca conhecer mais profundamente a Palavra de Deus por meio do estudo das Escrituras, da Tradição e o Magistério da Igreja. Além disso, é chamado(a) a servir com humildade e generosidade no ministério catequético, consciente de que está a serviço da comunidade e da missão da Igreja. Seu esforço é guiar outros em seu caminho de fé, ajudando-os a descobrir e aprofundar seu relacionamento com Deus.

Na visão do DC (2020), o(a) catequista discípulo de Jesus é um testemunho de esperança e alegria. Ele(a) vive sua fé com entusiasmo e paixão, inspirando outros a fazerem o mesmo. Diante de desafios e dificuldades, ele(a) confia na providência de Deus e na promessa de Jesus de estar sempre presente. Ele(a) ama, serve, ensina e testemunha a fé cristã, sempre na busca de crescer em santidade para levar a outros a fazerem o mesmo. É um verdadeiro instrumento de evangelização e um(a) fiel seguidor(a) de Cristo.

Nesse contexto, a ação do(a) catequista, assim como a do sacerdote, dos pais cristãos e de todo educador na fé, deve se inspirar em uma pedagogia renovada do seguimento de Cristo. Isso envolve educar na escuta constante da Palavra de Deus e na celebração de sua presença nos sacramentos e no ano litúrgico.

Essa é a pedagogia da unidade, originada na Trindade e voltada para construir a comunhão com a Igreja. Ela fundamenta-se no serviço e na promoção integral do ser humano, considerando sua situação existencial. Partindo das verdades cristãs, essa pedagogia sabe ouvir com docilidade as dificuldades humanas e caminhar com confiança em busca de respostas adequadas.

A pedagogia do discipulado e da vida cristã, mesmo em momentos de comunicação e ensino, incorpora a dinâmica da Palavra, do Sacramento e do Testemunho. O(A) catequista, ao narrar a história sagrada e oferecer as fontes da

revelação, não ignora a experiência real e problemática do ser humano, nem o testemunho atual da Igreja na caridade e nos sacramentos.

Segundo o DC (2020, n. 203), a sabedoria do catequista e sua capacidade de ensino são medidas por sua habilidade em promover uma mentalidade de fé autêntica, mais do que apenas conhecimento teórico. Eles são chamados a expressar e solicitar a profissão de fé (*raditio* e *redditio fidei*) de maneira significativa.

A CNBB (2022) recomenda que a Coordenação Diocesana da Catequese forneça às equipes de coordenação paroquial um programa de formação para os(as) catequistas. Essa formação deve ser orientativa, conforme a necessidade do ministério, com o objetivo de ajudar as paróquias a discernirem sobre o Ministério e a execução do plano formativo (CNBB, 2022, n. 32).

O Ministério do Catequista é uma ação ministerial que se insere no contexto global da missão evangelizadora da Igreja (Pedrosa, 2004, p. 756). A função de instruir é um ministério concedido por Deus, e o(a) catequista é o instrumento para realizar essa tarefa. Muitas vezes, ele(a) assume o papel dos pais na educação da fé, ensinando e transmitindo o Evangelho a crianças, jovens e adultos.

Ele(a) desempenha funções essenciais, como ensinar o Evangelho em uma linguagem acessível para os iniciantes na catequese. O(a) catequista apresenta os fundamentos do Evangelho àqueles que nunca ouviram falar de Deus, de Jesus ou dos apóstolos, utilizando uma linguagem exemplificada para mostrar a ação de Deus na vida cotidiana. Esse ensino é contextualizado, permitindo que os(as) catequizandos(as) percebam a presença de Deus em suas vidas.

O(a) catequista explica como a fé começou com os primeiros viventes, as dificuldades, as benevolências, os corajosos, os medrosos, no destaque marcantes na história do Povo de Deus. A história do Povo de Deus oferece exemplos que podem enriquecer a moral e os aspectos doutrinários, que promove a proteção e o cuidado com a vida.

Além disso, ele(a) prepara os(as) catequizandos(as) para a recepção dos primeiros sacramentos: Batismo, Primeira Comunhão e Crisma. Em algumas Igrejas Particulares, a ordem pode ser invertida, mas o importante é que a preparação seja adequada para cada sacramento.

Os encontros catequéticos ajudam a construir uma comunidade de fé, incentivando a participação na vida paroquial, na partilha da mensagem evangélica e

na vivência pastoral, mesmo após a recepção dos sacramentos da Iniciação à Vida Cristã (IVC).

3.6.1 Educação da fé e formação permanente

De acordo com CNBB (2021), a instrução e a educação da fé possam exigir esforço e formação contínua. Algumas paróquias investes significativamente na formação dos(as) catequistas, enquanto outras enfrentam dificuldades financeiras para adquirir livros, atualizar materiais e cobrir despesas.

O ministério é essencial para a vida da comunidade, especialmente no início da jornada dos(as) catequizandos(as). Quando é dedicado(a), o(a) catequista desempenha um papel fundamental na educação religiosa, ajudando a manter viva a tradição e a mensagem da Igreja entre filhos e pais. A CNBB revela o seguinte:

O perfil do catequista de que a Igreja precisa hoje é determinado, particularmente, em função das condições sociais, marcadas por profundas desigualdades e gritantes injustiças em que vive o nosso povo e do horizonte cultural de um milênio, que termina e de um outro que se inaugura, cultura marcada pela racionalidade e pelo espírito científico, de um lado, mas igualmente por novas manifestações da subjetividade, que faz do indivíduo centro, critério e fim de tudo, inclusive da própria religião (CNBB, 2021, p. 37).

Nessa tarefa, é fundamental acreditar no potencial humano em formação e realizar uma leitura reflexiva da realidade. A multiforme realidade bíblica da Palavra e os diversos serviços e ministérios dedicados ao anúncio da Palavra, testemunho e defesa são essenciais para o Ministério da Catequese (CNBB, 2021, p. 41).

É na multiforme realidade bíblica da Palavra e nos vários serviços e Ministérios que, por meio dos mais diversos atores, se dedicam ao seu anúncio, testemunho, defesa, aprofundamento do Ministério da Palavra e, nas formas que esta realidade se apresente na Sagrada Escritura, o Ministério da Catequese (CNBB 2021, p. 41).

Essa citação reforça os fundamentos da missão do(a) catequista, que anuncia a Palavra de Deus com profundidade querigmática e testemunho de vida. Por meio da palavra e da audição, o ser humano construiu sua própria linguagem, guiada por seus dons. “Deus mesmo é aquele que profere a Palavra, seja através do testemunho, seja através da pregação dos cristãos” (CNBB 2019, n. 22). É ouvindo a Palavra que se pode conhecer o plano da salvação.

O(A) catequista pode sempre se inspirar na iluminação bíblica, quando Deus disse: “Faça-se a luz”, e a luz foi feita (Gn 1, 3). Esta Palavra iluminou na criação, as lideranças, os patriarcas, os escravos hebreus, os profetas e Jesus Cristo, a luz do mundo.

A missão do(a) catequista vai além do simples ensino de doutrinas e princípios. Ela envolve iluminar a vida dos iniciados com a luz da Palavra, mostrando o que Deus realizou na história do povo ao longo das gerações. Conforme enfatizado nos Estudos da CNBB (2021), o Ministério de Catequista é vital para a formação espiritual dos fiéis. A catequese é um serviço de amor, um compromisso para guiar os outros em sua jornada de fé, ajudando-os a ver a ação de Deus em suas vidas e no mundo ao seu redor.

3.7 REFLEXÕES CONCLUSIVAS

Nessa seção, foi destacado que a catequese, conforme estabelecido no Concílio Vaticano II, é um pilar fundamental da Igreja, servindo como um meio de transmitir a fé e os ensinamentos de Cristo. Na história da Diocese de Cornélio Procópio, ela tem desempenhado um papel importante na formação espiritual da comunidade, guiando os fiéis em sua caminhada de fé. O (A) catequista, por meio de sua ação ministerial, atua como a um farol de luz, iluminando o caminho para aqueles que buscam a Deus. A gestão da catequese paroquial é essencial para garantir que essa luz continue a brilhar, proporcionando orientação e apoio aos (às) catequistas em seu trabalho.

O Itinerário Catecumenal é uma parte importante do processo para a formação da fé, fornecendo um caminho estruturado que guia os(às) catequizandos(as) no seu caminho espiritual, ajudando-os(as) a aprofundar seu entendimento e compromisso com a vida cristã. A vocação para os ministérios é um chamado para servir a Deus e à comunidade de fé, vivendo a vida cristã de maneira plena e autêntica, utilizando os dons e talentos dados por Deus para o bem de todos. Cada catequista, com sua vocação única, contribui para a construção da vida da Igreja, tecendo juntos os fios da fé, esperança e amor.

A formação de catequistas em Cornélio Procópio é um processo contínuo e essencial para a evangelização e o crescimento espiritual da comunidade. Por meio da formação, são capacitados(as) para transmitir a fé cristã de maneira eficaz e

significativa, tornando-se verdadeiros(as) discípulos de Cristo e líderes na comunidade.

Nesta seção, foram destacadas a importância da formação contínua, a necessidade de apoio e de recursos adequados e também o papel vital dos(as) catequistas na educação cristã e na construção da comunidade de fé. A seção conclui reforçando a importância do serviço dedicado dos(as) catequistas e a necessidade de a Igreja reconhecer este ministério, essencial para a vida e desenvolvimento da comunidade. O perfil de catequista que a Igreja necessita é multifacetado, capaz de anunciar, testemunhar, defender e aprofundar o Ministério da Palavra e anunciar o Reino de Deus.

É fundamental que a comunidade eclesial invista na formação e no Ministério dos Catequistas para revitalizar sua missão e evangelização. A Diocese de Cornélio Procopio demonstra compromisso com a formação de catequistas e a evangelização da comunidade. O itinerário de formação dos(as) catequistas reflete o caminho de fé que todos são chamados a percorrer, sempre aprendendo, crescendo e buscando a luz de Cristo.

4 A PEDAGOGIA DA FÉ NO DIÁLOGO DA PRÁTICA

O objetivo desta seção é certificar se há relação com a pedagogia da fé e o que acontece na prática catequética na Diocese de Cornélio Procopio. Deste modo, apresenta-se a pedagogia da fé em diálogo com a pesquisa de campo realizada com a apresentação e análise dos seus resultados.

De acordo com Pedrosa e Navarro (2004), a expressão pedagogia refere-se inicialmente ao cuidado com a educação de uma pessoa, com o objetivo de destacar os princípios e valores relacionados à fé e à ação vivida. A palavra pedagogia tem origem grega, derivada de *paidos* e *agogia*, que significam respectivamente criança e condução, ou seja, a condução da criança (Pedrosa e Navarro, 2004, p. 856). Assim, espera-se que as respostas da pesquisa sejam satisfatórias em relação à melhoria do processo de aprendizagem pedagógica, promovendo a reflexão e a produção de conhecimentos.

Nesse sentido, a pedagogia catequética tem uma originalidade específica, “pois seu objetivo é ajudar as pessoas no caminho rumo à maturidade na fé, no amor e na esperança” (DNC, 2006, n. 146). O DNC (2006, n. 14b) coloca a linguagem como desafio:

formar catequistas como comunicadores de experiências de fé, comprometidos com o Senhor e sua Igreja, com uma linguagem inculturada que seja fiel à mensagem do Evangelho e compreensível, mobilizadora e relevante para as pessoas do mundo de hoje, na realidade pós-moderna, urbana e plural.

A natureza e a finalidade na catequese é conduzir as pessoas para o mistério. De acordo com o Diretório para a Catequese (2020, n. 4), “O ato de fé nasce do *amor que deseja conhecer cada vez mais o Senhor Jesus*, que vive na Igreja; por esta razão, iniciar os crentes na vida cristã equivale a introduzi-los no encontro vivo com Ele”.

O mistério da encarnação inspira a pedagogia catequética, influenciando também sua metodologia. Esta deve referenciar a Palavra de Deus e considerar a experiência humana, mantendo a fidelidade a Deus e ao homem para evitar desequilíbrios entre método e conteúdo. O conteúdo da catequese, como objeto de fé, demanda um método que reflita a natureza da mensagem evangélica, considerando suas fontes e as circunstâncias específicas da comunidade eclesial e

de cada batizado. A finalidade educativa da catequese orienta as escolhas metodológicas (DC, 2020, n. 194).

Nesse contexto, uma nova fase de evangelização em que a Igreja se encontra, caracterizada por fenômenos de distanciamento da experiência de fé e demandas por renovação moral e pastoral, precisamos estar atentos ao Espírito Santo. Ele desperta, na Igreja, “um novo fervor, novas metodologias e novas formas de proclamar a boa nova de Jesus Cristo” (DC, 2020, n. 38).

O Diretório para a Catequese (2020, n. 179-181) aborda vários pontos importantes sobre a pedagogia da fé e a prática na catequese:

O primeiro deles é o n. 179. Reciprocidade entre conteúdo e método, no qual destaca a importância da interação entre o que é ensinado (conteúdo) e como é ensinado (método), tanto na evangelização quanto na catequese. O segundo é o n.180. A dupla fidelidade a Deus e ao homem, e afirma que a pedagogia da fé se inspira na condescendência de Deus. Isso implica uma síntese sábia entre a dimensão teológica (relacionada a Deus) e antropológica (relacionada ao homem) da vida de fé. O terceiro é o n. 181, que afirma ser a tarefa do(a) catequista encontrar e mostrar os sinais da ação de Deus já presentes na vida das pessoas. Ao se apegar a esses sinais, o(a) catequista propõe o Evangelho como uma força transformadora de toda a existência.

Além disso, o Diretório para a Catequese nos parágrafos 195 e 196, valoriza a pluralidade de métodos para anúncio do Evangelho. Desse modo, a comunicação da fé na catequese ocorre por meio de mediações humanas e diversos métodos, é um evento de graça, marcado pelo encontro da Palavra de Deus com a experiência humana. A graça, dom de Cristo, se manifesta tanto por meio de sinais sensíveis quanto por diversos meios. Como a Igreja, não tem um método próprio para anunciar o Evangelho, requer, portanto, discernimento para examinar tudo e reter o que é bom, conforme 1Ts 5, 21. Na catequese, pode-se valorizar abordagens metodológicas focadas nos fatos da vida ou na mensagem da fé, dependendo das situações específicas dos sujeitos. Em ambos os casos, é fundamental uma correlação que conecte esses dois aspectos.

No Diretório para a Catequese (2020, n. 160), os eventos pessoais e sociais da vida e da história encontram no conteúdo da fé uma luz interpretativa, que deve ser sempre apresentada de forma a revelar suas implicações para a vida. Esse processo pressupõe uma capacidade hermenêutica: se a existência for interpretada em relação

ao anúncio cristão, sua verdade se manifesta; por outro lado, o querigma sempre tem um valor salvífico e plenitude de vida.

Outrossim, o Diretório para a Catequese (2020), ao introduzir o tema da pedagogia da fé na Igreja afirma que: “a comunidade cristã é, em si mesma, uma catequese viva. Por aquilo que é, anuncia e celebra, opera e permanece sempre o lugar vital, indispensável e primário da catequese” (DC, 2020, n. 164).

O processo de IVC implica em uma introdução experiencial à totalidade da vida de fé, e à importância do catecumenato como um modelo formativo essencial, com critérios, conteúdos e metodologias adequados a cada fase da vida. Este modelo prevê momentos específicos, ritos de transição e a participação ativa na Eucaristia, que é o ápice do processo de iniciação. A inspiração catecumenal também permite uma reconsideração do papel fundamental da família e da comunidade como um todo, dando espaço para processos de evangelização recíproca entre os vários sujeitos eclesiais envolvidos.

4.1 METODOLOGIA E COLETA DE RESULTADOS

A Diocese de Cornélio Procopio, seguindo as diretrizes da Comissão de Animação Bíblico-Catequética, tem implementado um modelo catequético inspirado no catecumenato. A capacitação dos(as) catequistas é integrada à vida apostólica e à experiência comunitária. A seguir, apresentaremos os resultados da pesquisa de campo realizada nessa Diocese, que teve como objetivo traçar o percurso formativo dos(as) catequistas no contexto catecumenal. Os resultados coletados foram processados para se tornarem significativos e válidos (Bardin, 1977, p. 127). Após a coleta e seleção dos dados, procedeu-se ao seu tratamento.

A Diocese de Cornélio Procopio compõe-se de quatro setores sendo compostos vinte e cinco paróquias. Algumas delas possuem um número significativo de capelas, enquanto outras têm menos. Essas paróquias estão distribuídas em dezenove municípios. No total, há cerca de setecentos e sessenta catequistas. Vinte catequistas responderam à pesquisa, que foi realizada em julho de 2023. Os (As) catequistas das Paróquias que participaram foram: Cristo Rei, São Miguel, São José Operário, São Francisco e Divino Espírito Santo. O instrumento utilizado foi um questionário de oito perguntas, impresso em folha A4.

Dos vinte catequistas, dez eram do centro e dez da periferia da Diocese. Os escolhidos para participar foram aqueles que estão na formação da terceira etapa, ou seja, em preparação para a Primeira Comunhão.

Primeiramente, foi comunicado ao coordenador da paróquia que, por sua vez, informou aos(às) catequistas o dia e o horário em que poderiam responder ao questionário. Eles(as) escolheram o dia e avisaram a pesquisadora, que no dia marcado, explicou aos participantes sobre o questionário e sua finalidade, e perguntou se poderiam contribuir de forma voluntária. De forma tranquila e individual, cada catequista pegou o material e sentou-se à vontade para responder. Assim que terminavam, entregavam o questionário à pesquisadora.

As perguntas foram apresentadas previamente, de modo que surgiram oito categorias de análise elencadas e comentadas, a seguir:

1) A prioridade da formação de catequista na diocese; 2) O suporte da formação permanente para o(a) catequista; 3) A proposta pedagógica da diocese adequada aos(às) catequizandos(as); 4) O(A) catequizando(a) compreende o conteúdo transmitido; 5) O(A) catequista conhece a proposta do Ministério instituído pelo Papa Francisco; 6) A formação de catequistas é essencial na educação da fé; 7) O papel do(a) catequista no acompanhamento da fé; 8) A catequese está orientada para as dimensões da formação cristã.

4.2 A PRIORIDADE DA FORMAÇÃO DE CATEQUISTA NA DIOCESE

A primeira questão abordada foi: Você sente que a Diocese de Cornélio Procopio, em geral, prioriza sua formação como catequista para exercer adequadamente o ministério? Se sim, no que ajuda? Você poderia citar alguns exemplos. Se não, o que você espera a mais.

Dezesseis catequistas responderam afirmativamente, enquanto quatro responderam que não sentem essa prioridade. Doze, dos dezesseis afirmaram que a formação, os encontros e os cursos auxiliam no desenvolvimento de sua missão de catequizar, principalmente na Paróquia e na Diocese.

Algumas respostas apresentaram particularidades: quatro deles concentraram suas respostas nos(as) catequizandos(as) e em suas dificuldades. Catequista1 mencionou como lidar com catequizandos(as) autistas ou com necessidades especiais. Catequista3 respondeu: “As reuniões para avisar e conversar sobre a

catequese são úteis, mas também acho que deveria haver mais formações, especialmente com crianças autistas ou com alguma necessidade especial”. catequista⁸ destacou a necessidade de ensinar como utilizar a Bíblia: “Ensinar para as crianças como usamos a Bíblia e aprender cada vez mais a importância da catequese”. Catequista¹² expressou a ausência dos pais na vivência comunitária: “Só espero mais participação dos pais na catequese”. Catequista²⁰ respondeu “além do conhecimento do conteúdo, é necessário o encontro pessoal com a pessoa de Jesus”.

Todos os respondentes demonstram preocupação com a formação, tanto para quem recebe quanto para quem instrui. Mesmo em relação aos quatro catequistas que disseram não, justificaram a falta de formação. Catequista⁶ expressou que: “No âmbito diocesano não posso falar muito, pois não conheço a fundo os trabalhos da Diocese. No âmbito paroquial dá-se muito pouca importância à formação do catequista”.

A catequista⁹ disse: “A Diocese dá liberdade em nosso caminho de catequista quanto ao horário e nos propõe encontros catequéticos juntamente com as paróquias da Diocese. Temos também formação para que o nosso discernimento seja aprovado”.

A catequista⁷ respondeu diretamente que: “Falta formação para os catequistas”. A catequista¹⁰, com coragem e determinação, escreveu: “Mais dedicação aos catequistas com formação e capacitação. Talvez um estudo teológico para os catequistas e uma avaliação maior por parte da diocese na hora de colocar um catequista para catequisar”. Por último, a catequista¹¹ respondeu: “Espero mais formações para nós catequistas. Precisamos estar em preparação para podermos passar para nossas crianças que estão iniciando a vida cristã”.

O resultado da primeira pergunta indicou que a formação de catequistas deve ser um exercício constante, permanente e que necessita de atualização e vivência comunitária. O Ministério de Catequista é um serviço pela comunidade, por todos. Portanto, “O ministério de catequista: um estudo de caso sobre a Diocese de Cornélio Procopio” é um título que, nesta análise inicial, se alinha com os resultados da pesquisa.

A maioria dos entrevistados expressou que a Diocese valoriza a formação, porém, quatro deles indicaram que essa ênfase é insuficiente no processo formativo.

A formação é a essência desta pergunta e ressoou sobre a formação especial que, na atualidade se tornou mais sensível, embora sempre existiram pessoas com

deficiências. O estudo e a pesquisa estão voltados para olhar mais refinado para as pessoas ao redor. E nesta perspectiva, Depizzoli (2013) relata sobre a importância de uma catequese inclusiva. Em sua dissertação, ele se debruçou com um olhar atento para a catequese, no enfoque da inclusão de catequizandos(as) com deficiência:

Muito importante para a pergunta pelo que seja catequese inclusiva, especial ou na diversidade é a constatação da pessoa com deficiência como interlocutora ou destinatária da catequese. A partir daqui começa-se a vislumbrar uma ação catequética que se prepara para dialogar com as mais diversas situações e condições em que se apresenta a vida humana (Depizzoli, 2013, p.67).

A pastoral catequética é dinâmica e favorece no andar do dia a dia, de quem acompanha para ver e perceber as dificuldades, que sempre podem surgir no ambiente e devem ser trabalhadas e compreendidas na comunidade de vivência do(a) catequizando(a).

Para se ter efeito no processo catecumenal, muitos textos bíblicos iluminam realidades de deficiências em algumas pessoas, que inclusive foram curadas por Jesus, “a mulher encurvada”, “o homem da mão seca”, “o cego de nascença”, entre outras situações.

Os (As) vinte catequistas demonstram preocupação com a formação, tanto para quem recebe quanto para quem instrui. Mesmo em relação aos quatro respondentes que disseram não, justificaram a falta de formação. Uma das formações é sobre a educação especial. O Diretório para Catequese (2020) contempla esta visão de que se deve olhar a todos em uma família, desde a criança até os idosos, também aos irmãos(ãs) com deficiência e necessidade especial.

Depizzoli (2024) enfatizou no IV Simpósio de Catequese Inclusiva, “que a acolhida é sem o “mas”, e sim, por completo, quando eu acolho, que imagem de Deus eu sou? Os detalhes da vida fazem uma grande diferença”, na vida de alguém com deficiência. E desta forma, todos os(as) catequizando(as) possam ter acesso à catequese querigmática, mesmo com as necessidades inclusivas.

Existe uma relação profunda entre querigma e catequese, destacando a conexão a necessidade de uma catequese querigmática que se torne cada vez mais encarnada.

É fundamental que cada catequizando(a) descubra a beleza do Evangelho por meio da catequese e perceba que vale a pena acreditar. O anúncio não pode mais ser

visto apenas como a primeira etapa da fé, anterior à catequese, mas como a uma dimensão constitutiva de cada momento dos encontros.

Brustolin e Lelo (2006) dialogam com a importância da acolhida, pois com este encontro nasce também o valor de conhecer e ser conhecido para acrescentar a comunidade. “Em primeiro lugar, é importante nos conhecermos e nos queremos bem para depois nos ajudarmos mutuamente. O grupo será o lugar de apoio e de confirmação de nossa fé” (2006, p. 13). É daí que o(a) catequizando(a) pode sentir o pertencimento na Igreja, de uma vez por todas.

O(A) catequista é parte de uma comunidade cristã e é uma expressão dela. Seu serviço é vivido dentro de um grupo social que é o primeiro sujeito do acompanhamento da fé. Nesse sentido, o lugar ideal para a sua formação é a comunidade cristã, com a variedade de seus carismas e ministérios, que é o ambiente habitual, onde a vida e a fé são transmitidas.

Alberich (2004) chama-nos a atenção de algo muito pertinente em nossos dias, a inculturação. Hoje, o olhar está voltado para as mídias sociais, inteligências artificiais, entre outras: “Se a palavra de Deus se encarna na história dos homens, é preciso que fique claro em que sentido e em que condições a palavra revelada se relaciona com as diferentes culturas” (2004, p.104).

O(A) catequista é chamado(a) a viver uma espiritualidade missionária e evangelizadora, que possui uma formação integral, capaz de transmitir não apenas um ensinamento, mas também uma formação cristã integral. “A novidade à qual o catequista é chamado está na proximidade, na acolhida incondicional e na gratuidade com que ele se disponibiliza para caminhar ao lado dos outros para ouvi-los e explicar as Escrituras (Cf. Lc 24, 13-35; At 8, 26-39) sem estabelecer um percurso de antemão, sem pretender ver frutos e sem reter nada para si” (DC, 2020, n. 135 a e c).

Além disso, ele(a) deve estar aberto(a) à autoformação capacitando-se a se apropriar de um método formativo e aplicá-lo a si mesmo quanto ao serviço eclesial.

Concretamente, isso significa entender-se como sujeito em formação, aberto às novidades do Espírito Santo, saber preservar e alimentar a própria vida de fé, acolher o grupo de catequistas como recurso para a aprendizagem, de ter o cuidado de se manter atualizado (DC, 2020, n. 135 e).

Além de ensinar a novidade num mundo em transformação, se deve atualizar com a Boa Nova do Evangelho. O Evangelho é a maior inspiração para cristão em crescimento catequético.

4.3 O SUPORTE DA FORMAÇÃO PERMANENTE PARA CATEQUISTA

A pesquisa analisou aspectos importante da formação permanente, funcionando como um raio-X, para verificar a situação dos(as) catequistas em sua missão. A pergunta seguinte é: *A formação permanente na sua visão, dá suporte, ajuda na tua missão como discípulo/a missionário/a e como catequista da Iniciação à Vida Cristã?*

Dos vinte respondentes, dezoito afirmaram que a formação permanente dá suporte, com o catequista, acrescentando “e muito”. Em respostas mais detalhadas, a catequista¹ mencionou: “A formação permanente nos auxilia e nos propõe novas maneiras de ser missionários, além de nos atualizar quanto às novas demandas para a Iniciação a Vida Cristã”. Nesse contexto, observou-se um(a) catequista com uma visão prospectiva, atenta às mudanças em curso e às tendências futuras.

Doze respondentes perceberam que a formação permanente é tão importante que se torna testemunho para os outros, pois ao estudarem e buscarem conhecimento, inspiram os demais. Catequista¹⁹ relatou a seguinte frase bem eclesial: “é na formação que caminhamos juntos com o propósito da Diocese, para nós, o aperfeiçoamento ajuda ainda mais na caminhada (Missão)”.

No geral, as respostas variaram de interesses e reações simples a mais complexas, com uma visão ampla da realidade. Por outro lado, a catequista¹⁰ e catequista¹¹ disseram que não, e fizeram os seguintes relatos: catequista¹⁰: “Poderíamos ter mais formação, pois o suporte nos leva a trabalhar com mais capacidade”. A catequista¹¹ disse: “Eu acho que poderíamos ter um suporte maior, como, por exemplo prepararmos juntos os encontros a serem dados às crianças”. Na verdade, esse tipo de resposta demonstra que estão precisando de ajuda.

Gomes (2020) expressa na palavra comunhão, a reflexão do preparo dos encontros para a catequese, pois a diferença de cada pessoa unida no mesmo conteúdo forma a comunidade. Tendo a comunidade, ela será exemplo também para os(as) catequizandos(as). No processo catecumenal unirão as diferenças para formar a comunhão essencial.

A essência comum não anula as personalidades peculiares. A comunhão acontece na diferença. Em uma visão cristã, Deus é mistério de comunhão que tende a sair de si, de sua autossuficiência, suscitando diferenças. Por isso, é possível reconhecer as manifestações diferenciais do Espírito de Deus na história humana (Gomes, 2020, p. 54).

O autor busca ressaltar a importância da comunhão inter religiosa, porque é na catequese o momento de conhecer a religião cristã, e também de educar os(as) catequizandos(as) para o respeito as outras religiões, se o meu irmão crê de um jeito diferente, podemos dialogar com o que nos une. A essência de Jesus Cristo nos afeiçoa para a unidade.

A formação, às vezes, é relativa e depende do contexto em que as pessoas se encontram, além de ser influenciada por vários fatores, como moradia, acesso aos bens, vivência cultural e outras circunstâncias. Nesse sentido, a pesquisa revelou a sensibilidade dos(as) catequistas, que demonstram uma percepção apurada em relação ao que observam e também ao conteúdo da fé.

Embora o número deles (as) com dificuldades é pequeno, é importante solucionar o problema com possíveis estratégias que ofereçam segurança e apoio, preenchendo as lacunas mencionadas.

Também foram apresentados alguns desafios na sua formação, como a necessidade de se manter atualizado(a) devido às mudanças na sociedade e na Igreja; a falta de tempo e de recursos para a formação contínua; a diversidade do público, que busca a IVC e muitos deles(as) enfrentam dificuldades em transmitir a mensagem de forma relevante e cativante, já que toda apresentação exige preparo e cuidado.

Outro desafio mencionado foi a necessidade de lidar com questões éticas e morais, às vezes complexas, conforme o público. Além disso, a falta de apoio e reconhecimento por parte da comunidade e da própria Igreja, também se estabelece como um desafio para o(as) catequistas.

Diante das novidades do mundo, é necessário ampliar o olhar para a realidade, conforme nos recomenda a CNBB (2017, n. 52). “É tempo de germinação, somos chamados a viver algo novo que nasce, por meio do impulso revitalizador do Espírito Santo, que renova a face da terra”.

Como coadjuvante no processo formador da Catequese Permanente da Diocese de Cornélio Procopio, a Escola Maria Evangelizadora, com mais de vinte anos de existência, atua nas paróquias por meio da assessoria diocesana. Esta escola passou por uma reestruturação no final de 2023-2024, incorporando o uso das mídias sociais e a participação de um(a) ou mais catequistas de cada Paróquia, de acordo com a coordenação e pároco. Estes catequistas escolhidos passam pelo aprofundamento catequético, que ficam responsáveis por receber a formação

diocesana uma vez por mês, por videoconferência, e depois repassá-la aos(as) demais catequistas em sua paróquia. O programa da Escola Maria Evangelizadora (2024) tem como finalidade:

A capacitação e formação de catequistas da Diocese de Cornélio Procopio. A formação quer ajudar a compreender e aprimorar a fé e a vivência pelas Escrituras e a Tradição da Igreja; um mergulho no ministério de Cristo e na Liturgia; caminho feito pela História da Igreja, os dogmas e concluindo com o agir pastoral⁹.

Nas aulas catequéticas, são trabalhados os quatro eixos: bíblico, teológico, metodológico e litúrgico. Durante o processo formativo, são abordadas as dimensões existencial, espiritual, digital, socioambiental e sinodal, ajudando os(as) catequistas a compreenderem e praticarem a educação da fé no itinerário catecumenal, com o objetivo de instruir e evangelizar catecúmenos(as) e catequizandos(as).

Como algumas pessoas decidem ser catequistas no início de cada ano, esta formação funciona em formato de ciranda, permitindo que novos(as) catequistas entrem e completem a formação passando pelos quatro eixos. Após completar a formação paroquial, o(a) catequista avança para a formação diocesana com aprofundamento catequético. A pastoral catequética também trabalha em favor dos mais fracos, que aderiram ao Evangelho, e dos mais fortes, para que continuem sua missão. A pastoral assume um papel ativo na vida sacramental da Igreja. A oração sela o sentido de pertença do Ministério de Catequista, junto à comunidade.

No próximo subtítulo, serão explicitadas as orientações para promover a unidade dos(as) catequistas, que, por sua vez, reconhecerão seu papel na promoção da vida cristã, em unidade com a Igreja. Essa unidade requer flexibilidade para atender às diferentes realidades.

Ser formador de catequistas é uma vocação que requer dedicação, conhecimento e um profundo amor pela fé e pela missão de evangelizar. Ao seguir essas orientações, o(a) educador(a) poderá formar catequistas capacitados(as) e inspirados(as) para transmitir a fé de maneira eficaz e apaixonada. O adjetivo permanente significa algo contínuo e perene, demonstra que a formação é dinâmica no sentido de animar e envolver a todos, principalmente a comunidade em desenvolvimento. A educação na fé para que possa atingir e contagiar os corações

⁹ Escola Maria Evangelizadora, Prospecto, 2024.

cristãos, deve ser atraente. O convite do seguimento a Jesus deve estar sempre presente nas mentes daqueles que estão sendo formados.

O Evangelho deve ser proclamado como a Boa Notícia, tanto para os(as) catequistas quanto para todos os membros da comunidade envolvidos no seu protagonismo. Uma visão formativa íntegra revela os carismas das pessoas em geral, proporcionando bem-estar, sentido de pertença, que ajuda compreender a doutrina cristã, dos sacramentos, da liturgia e da caridade.

Os recursos catequéticos, como palestras, cursos, dinâmicas, livros, revistas, jogos, gincanas, sites e outros, são essenciais para a formação contínua dos catequistas. As avaliações periódicas do processo catequético ajudam a melhorar a qualidade da formação e a adequar o conteúdo às necessidades da comunidade, dos catequizandos(as) e dos(as) próprios(as) catequistas.

A formação permanente da catequese é um compromisso de crescimento na fé. Ela é fundamental para que os(as) catequistas possam desempenhar seu papel de forma eficaz, transmitindo a mensagem de Cristo de maneira testemunhal e significativa aos(às) iniciados(as) do Itinerário Catecumenal. No DC (2020), está estabelecida a dimensão de ser do(a) catequista:

A formação do catequista contém diversas dimensões. A mais profunda se refere a ser catequista, antes mesmo de ter o papel de catequista. A formação realmente o ajuda amadurecer como pessoa, como fiel e como apóstolo. Essa dimensão é hoje também trazida na capacidade de saber ser com o que revela como a identidade pessoal é sempre identidade relacional. Além disso, para que o catequista desempenhe sua atividade adequadamente, a formação deverá se atentar à dimensão do saber, que implica uma dupla fidelidade: à mensagem e à pessoa no contexto em que vive. Por fim, sendo a catequese um ato comunicativo, a formação não negligenciará a dimensão do saber fazer (DC, 2020, n.136).

O(A) catequista é um(a) agente da evangelização com a missão de ensinar a fé cristã. Em sua essência, ele(a) promove a formação religiosa e espiritual de crianças, jovens e adultos, e realiza essa tarefa por meio do aprofundamento no conhecimento e na vivência dos pilares da fé. Assim, o ser e o saber fazer do(a) catequista constituem uma combinação de qualidades pessoais, formação teológica e competências pedagógicas, permitindo-lhe desempenhar sua missão de forma eficaz e transformadora.

4.4 A PROPOSTA PEDAGÓGICA DA DIOCESE ATENDE OS(AS) CATEQUIZANDOS(AS)

A pedagogia catequética serve como um apoio à Iniciação à Vida Cristã, contribuindo para a eficácia de sua metodologia. Ela respeita a integridade do(a) catequizando e considera a complexidade do ser humano em sua totalidade, abrangendo aspectos corporais, psicológicos, espirituais, sociais, entre outros. No questionário, a seguinte questão feita aos entrevistados foi: *No exercício da educação da fé, você considera que a proposta pedagógica (metodologia utiliza para trabalhar com os(as) catequizandos(as)) da Diocese de Cornélio Procópio é satisfatória, atende às expectativas deles (as)?*

Dos(as) vinte catequistas entrevistados(as), dezoito responderam afirmativamente, enquanto dois expressaram desacordo. Seis deles(as) expressaram uma opinião positiva sobre o uso da Coleção *Crescer em Comunhão*, citando suas dinâmicas, a leitura Orante da Bíblia e a explicação detalhada para a realização do encontro catequético.

Algumas respostas se destacaram: catequista1 afirmou: “Quando utilizamos a proposta da Coleção *Crescer em Comunhão* e nossas experiências e testemunhos de vida cristã, atendemos às expectativas dos catequizandos. No entanto, é necessário melhorar a estrutura dos espaços de catequese para que se tornem ambientes que contribuam para a Iniciação à Vida Cristã”. Catequista1 destacou três elementos que ajudam os iniciados: a coleção, o testemunho e o ambiente.

Ledo (2022), em sua tese de doutorado, aborda esta preocupação com os espaços catequéticos inspirados na catequese renovada dizendo:

A renovação dos projetos e espaços formativos só acontece quando se permite ser espontâneo e criativo. Assumir essa identidade abrange a coragem de voltar às fontes da educação da fé. Nota-se um grande avanço, no que tange ao método na catequese, com a interação fé e vida à luz da Catequese Renovada (1983)(Ledo, 2022, p. 115).

Na catequese, deve haver sempre a integração da criatividade e o do ambiente propício para o encontro de tal modo que, com apenas o olhar haja a sintonia com o sagrado, em personagens, organização e uma disposição de leveza e agradabilidade.

O catequista6 expressou a seguinte preocupação: “Na paróquia, usamos o livro *Crescer em Comunhão*, mas alguns catequizandos não têm condições ou meios para

adquiri-lo. Nesse caso, a paróquia deveria ajudar na aquisição, mas isso não acontece espontaneamente. Eu acho que o livro é muito bom”. O catequista⁶ demonstrou preocupação com as limitações dos(as) catequizandos(as) que não têm o livro para acompanhar o conteúdo e sugeriu que a paróquia deveria subsidiar o livro para eles (as).

Dois respondentes afirmaram que o material pedagógico não é satisfatório. A catequista⁵ disse: “Eu acho que é mais para adultos, fora da realidade da Eucaristia, não entendo esse método, para mim é mais difícil”. A catequista⁵ manifestou a necessidade de mais apoio, principalmente na formação e condução do conteúdo e um estudo mais detalhado do próprio material.

A catequista¹⁰ comentou: “O itinerário é pouco para ser utilizado, precisamos de outro material”. A catequista¹⁰ recusa o conteúdo pedagógico adotado e reivindica o uso de outro.

Este momento da pesquisa foi oportuno para compreender a *Coleção Crescer em comunhão*, tanto pelo lado positivo e negativo. Neste itinerário em que acontece a formação, é preciso estar alerta para os apontamentos a fim de viabilizar possibilidades de avaliação e readaptação de conteúdo pedagógico da fé no futuro.

O desencanto e a incompreensão trazem desmotivação para transmitir o conteúdo da fé. Se não houver conexão do(a) catequista no preparo dos encontros, a experiência de fé desmorona. O percurso catequético é um caminho a ser realizado, que pode ser empático para o(a) próprio(a) catequista ser e depois realizar com os iniciados da catequese. Quando o(a) catequizando(a) se orienta para uma fé viva e autêntica, ele(a) experimenta e comunga o convite de Deus.

Neste contexto, se insere a reflexão de Stein (1983) que conduz a um genuíno reconhecimento de Deus em relação ao ser humano. Segundo Stein, a realização suprema que pode ser alcançada por um espírito criado é a visão beatífica que Deus mesmo concede, unindo-o a si mesmo: o ser é assim feito participante do conhecimento de Deus e ao mesmo tempo vive em comunhão com Ele. A maior aproximação a este sublime objetivo, durante a vida terrena, é a visão mística. Mas também “existe um primeiro grau para o qual não é necessário este supremo ato de graça: é a fé viva e autêntica” (Stein, 1983, p.104).

O texto proposto por Edith Stein aborda profundamente a natureza da fé e a busca pela comunhão com Deus. Ele sugere que a “realização suprema” para um espírito criado é a “visão beatífica”, um estado de perfeita felicidade alcançado por

meio da união com Deus. Isso implica uma participação no conhecimento de Deus e uma vida em comunhão com Ele.

A “visão mística” é apresentada como a maior aproximação possível a esse objetivo supremo durante a vida terrena. É geralmente entendida como uma experiência direta e íntima da presença divina, muitas vezes associada a estados de êxtase ou iluminação. O texto também reconhece a importância da “fé viva e autêntica” como um primeiro passo essencial no itinerário espiritual. Isso sugere que uma fé genuína e ativa é a base sobre a qual se pode buscar a união com Deus e a realização espiritual.

A formação contínua é um aspecto essencial na vida dos(as) catequistas, idealmente incorporado as melhores práticas pedagógicas, abordagens educacionais para aprimorar o aprendizado dos(as) catequizandos(as).

4.5 O(A) CATEQUIZANDO(A) COMPREENDE O CONTEÚDO TRANSMITIDO

O desenvolvimento e a formação contínua fazem parte de um programa anual implementado pela Igreja específica, neste caso, a Diocese de Cornélio Procopio, em relação às paróquias. Os encontros de formação proporcionam atualizações sobre documentos catequéticos antigos e novos e dinamizam os momentos celebrativos do Itinerário Catecumenal.

Para avaliar a aplicação prática do programa da Iniciação à Vida Cristã, foi proposta a seguinte questão: *O(A) catequizando(a), durante os encontros catequéticos, compreende o conteúdo transmitido e consegue perceber seu sentido e significado para a sua vida de fé?*

Diante deste questionamento treze deles(as) responderam afirmativamente. Embora um(a) não tenha dito explicitamente “sim”, a argumentação sugeriu uma resposta positiva. Os demais deram respostas positivas em relação ao interesse dos(as) catequizandos(as), indicando que eles(as) conseguem transmitir o conteúdo de forma mais acessível. Dois(duas) catequistas forneceram mais informações sobre a fé, com a seguinte observação da catequista⁸: “eles conseguem entender o significado da fé.”

A compreensão do significado da fé pode variar entre os(as) catequizandos(as), nos fatores pessoais, emocionais, entre outras características. Muitas vezes, para aqueles que não estão familiarizados com uma nova informação, a participação na

catequese pode ser a única opção que podem encontrar para estar naquele espaço cultural, religioso e individual.

A percepção desenvolvida ao longo do tempo acompanhando-os na catequese, fortalece a confiança, a convicção em valores e princípios, tanto por parte do(a) catequista quanto dos(as) catequizandos(as).

Em outra abordagem, foi possível perceber algo mais ousado por meio deste registro: a catequista⁹ respondeu: “procuro passar para eles que a fé é tudo para a nossa vida cristã”. Nesta situação, a catequista⁹ respondeu de forma vinculada mostrando que a fé tem valor. Este valor “é tudo para a vida cristã”, que se destaca mais pela vivência, que pelo sacramento. A reflexão que Mahfoud e Savian Filho (2017) propõe um embasamento no aspecto da formação e conteúdo, mas entende que é um processo, um caminho formativo.

Edith Stein destaca a importância de não confundir o material que possibilita a formação com o processo da própria formação. É esta confusão que gera o erro de considerar formação somente em termos de tomar posse de algo externo, ou adquirir determinados conteúdos, no sentido de que bastaria ter acesso a determinados materiais formativos para que o ser humano fosse formado (Mahfoud; Savian Filho, 2017, p. 398-399).

A formação, muitas vezes, pode ser mal interpretada como se a aprendizagem dependesse apenas de elementos individuais a citar, o conteúdo, o educador, a metodologia e o aprendiz. No entanto, sabemos que é um conjunto de possibilidades e esforços que conduzem ao resultado desejado. Portanto, a formação é um processo contínuo de aprendizagem, tanto para o formador quanto para o formando, que a partir do nível em que se encontra se deve avançar na compreensão.

Em resposta a esta questão, o Diretório para a Catequese (2020) destaca que a evangelização por meio do ensino contribui para o processo de crescimento da fé. “A contribuição específica da catequese para a evangelização é a tentativa de se conectar com as experiências das pessoas, seus estilos de vida e os processos de crescimento pessoal e comunitário” (DC, 2020, n. 396).

Para que a catequese seja completa, pode haver um desafio em se relacionar com as experiências das pessoas. Se a característica experiencial estiver ausente, ela se transforma em sacramental. Por esta inquietação será aprofundada a formação do(a) catequista na educação da fé.

4.6 O MINISTÉRIO DE CATEQUISTA INSTITUÍDO PELO PAPA FRANCISCO

Como foi dito, o título principal destacado anteriormente nesta pesquisa tem o enfoque da formação de catequista. Ele está em consonância ao texto que foi lançado pelo Papa Francisco, *Antiquum Ministerium* (2021). A pergunta feita aos catequistas foi: *Você conhece a proposta do Papa Francisco sobre a instituição do Ministério de Catequista? Fale de alguns requisitos necessários para fazer parte desse ministério.*

Dentre os vinte respondentes, cinco disseram que sim, eles conhecem o *Motu Proprio*. Sete deles(as) disseram que não conhecem, porém, cinco catequistas não responderam nem sim e nem não, mas fizeram ressalvas de que é importante saber mais e que precisam de atualização. A catequista⁷ disse: “Não sei”, pelo foi possível perceber, a catequista⁷ está começando seu caminho nessa seara e sinalizou para a comissão diocesana a necessidade de mais formação.

A catequista⁸ manifestou o seguinte: “Já escutei falar, mas não entendi”. A catequista⁸ ouviu a respeito, mas não teve a oportunidade de conhecer melhor e de compreender a proposta. A catequista¹⁶ expressou-se com determinada conclusão: “Sinceramente preciso me atualizar mais”. Desta forma, é possível perceber que o respondente assume que não conhece e tem consciência de que precisa de atualização.

Eles(as) querem assumir com responsabilidade a formação futura diante das perguntas realizadas e ficaram surpresos(as) que existam pesquisas na catequese. Diante das respostas “sim” e “não” ou do desconhecimento em geral na catequese, os respondentes que participaram mostraram uma atitude positiva e reconheceram que a formação é uma responsabilidade importante e gratificante, em suas vidas.

Por outro lado, a comunidade também se torna apoio e incentivo para que o Evangelho seja anunciado. Eis a criatividade do Espírito Santo, que atua e renova os corações daqueles que se dispõem a recebê-lo.

A formação catequética deve ser um ambiente que inspira alegria, empatia e anseio para encontrar o Jesus Cristo na comunidade. Nela, há pessoas com variadas situações de sentimentos, vivências, experiências, que juntas amenizam os pontos fracos e acentuam os fortes. Os métodos favorecem essas demandas, principalmente a criatividade com dinâmicas. Papa Francisco (2021) expressou o seu reconhecimento a tantos(as) catequistas dedicados(as) do seguinte modo:

Também nos nossos dias, há muitos catequistas competentes e perseverantes que estão à frente de comunidades em diferentes regiões, realizando uma missão insubstituível na transmissão e aprofundamento da fé. A longa série de Beatos, Santos e Mártires catequistas que marcou a missão da Igreja, merece ser conhecida, pois constitui uma fonte fecunda não só para a catequese, mas também para toda a história da espiritualidade cristã (AM, 2021, n. 3).

Na hierarquia da Igreja, o desenvolvimento do processo catequético foi sendo formado e resultou na criação de ambientes catequéticos que promovem efetivamente essa proposta.

4.7 A FORMAÇÃO DE CATEQUISTAS E A EDUCAÇÃO DA FÉ

Durante a entrevista, foi questionado: *“Na sua opinião, você acredita que a formação de catequistas é essencial para ampliar a educação na fé?”* Os (As) vinte catequistas entrevistados(as) responderam afirmativamente. Quatro deles enfatizaram que a formação é essencial. Outros quatro destacaram a palavra “atualização do conhecimento”.

A catequista¹ destacou a mensagem do Papa Francisco em sua resposta: “Fidelidade ao passado e responsabilidade com o presente são as condições para a Igreja desempenhar seu papel na atualidade, com a vida moderna, dos jovens nascidos na era digital”.

Os(as) entrevistados(as) concordaram que a formação para os(as) catequistas é importante para o trabalho da evangelização. A catequista¹⁰ afirmou: “É um testemunho de onde podemos aprender e compartilhar com os catequizandos”. A atualização se torna um testemunho de compartilhamento. A catequista²⁰ também destacou a importância da formação, relacionando-a à Palavra Deus e à IVC: “É preciso estar disposto a contribuir com a missão evangelizadora da Igreja para a Iniciação à Vida Cristã fazendo ressoar a Palavra de Deus no coração das pessoas”.

As respostas evidenciaram a importância das dimensões humanas da formação. A educação, uma vez estabelecida, manifesta-se na amplitude e integralidade pessoal, de coração, mente e sentidos.

Segundo Ales Bello, o coração representa a dimensão emocional e afetiva da vida humana na educação da fé envolvendo amor, compaixão, empatia e uma relação pessoal com Deus. Educado na fé, o ser humano pode cultivar virtudes como gratidão, humildade e perdão, essências para o desenvolvimento espiritual e moral.

Neste contexto, Ales Bello discute a empatia explorada por Stein, que se ajusta ao ser da pessoa, com a dimensão do coração.

A palavra alemã usada por Husserl (Einfühlung) é composta por três partes, o núcleo *fühl* significa “sentir”. Na língua grega, existe uma palavra que poderia corresponder a *fühl* (e *if feeling*, derivada do latim): *pathos*, que significa “sofrer” e “estar perto. A palavra empatia é uma tentativa de traduzir esse sentimento em termos linguísticos espontâneos do ser humano, para sentir o outro. Outra tradução poderia ser entropatia. (Ales Bello, 2006, p. 64-65).

A palavra *pathos*, equivalente a sofrer ou estar perto, remete ao livro do Êxodo (3, 7). Quando Deus disse: “Eu vi a opressão do meu povo no Egito, ouvi o grito de aflição diante dos opressores e tomei conhecimento de seus sofrimentos”. Deus sentiu a opressão do povo e a entropatia significa, “sentir dentro”, “sentir internamente”, como se o grito de aflição chegasse ao “coração” de Deus.

Na dimensão psíquica, a educação da fé pode desenvolver a compreensão, a reflexão crítica e o discernimento espiritual. Isso inclui o estudo das Escrituras Sagradas, Filosofia Religiosa, Teologia, Iniciação à Vida Cristã e outras formas de conhecimento espiritual. Além disso, a educação da fé mantém firme, segura e saudável, no diálogo ecumênico e inter-religioso e na busca pela verdade.

De acordo com Vygotski (1991), a psique é responsável pela cognição, o pensamento e a consciência. Ela integra a percepção, raciocínio, memória, imaginação e tomada de decisões, desempenhando um papel fundamental na formação da identidade e personalidade humana.

Stein (2020) também explorou a relação entre fé e razão, destacando a importância da psique na busca pela verdade e no encontro com Deus. Ela argumentou que a razão humana pode levar à compreensão de verdades religiosas e espirituais, e que a psique desempenha um papel importante nesse processo. Segundo Ales Bello (2006), surgem perguntas e esclarecimentos:

A consciência está no espírito? Está no psíquico? Isso não é possível, pois as três dimensões - corpo, psique e espírito - só são conhecidas por nós porque temos consciência. Portanto, a consciência não é um lugar físico, nem um lugar específico, nem é de caráter espiritual ou psíquico. É como um ponto de convergência das operações humanas, que nos permite expressar o que estamos dizendo ou fazer o que fazemos como seres humanos. Somos conscientes de que temos a realidade corpórea, a atividade psíquica e uma atividade espiritual e temos consciência de que registramos os atos. Ou seja, se um ato é psíquico, corpóreo ou espiritual, de qualquer forma, nós o registramos em nossa consciência (Ales Bello, 2006, p. 45-46).

Além disso, Stein (2020) desenvolveu uma abordagem fenomenológica para entender a identidade pessoal e a autoconsciência. Ela considerava a pessoa como uma unidade integrada de corpo, psique e espírito. Stein argumentava que a consciência desempenha um papel fundamental na formação da identidade pessoal. Além da consciência pessoal, há também uma dimensão social e comunitária. Ela enfatizava a importância das relações interpessoais na formação da consciência e na busca por significado e propósito na vida.

Stein (2020) estabeleceu uma relação entre a consciência e a moralidade, que desempenha um papel essencial na orientação moral e na tomada de decisões éticas. A consciência tem uma história na fenomenologia e na teologia, oferecendo percepções importantes sobre a natureza da pessoa humana e a busca por significado e transcendência.

Quanto aos sentidos, eles referem-se à dimensão existencial da experiência humana e como ela se relaciona com a fé e a espiritualidade. Experiências práticas podem ser desenvolvidas na meditação, contemplação, rituais religiosos, música sacra e arte religiosa. Além da educação na fé, essa dimensão pode incentivar uma abordagem consciente e contemplativa para desenvolver os sentidos, permitindo uma conexão mais profunda com Deus e uma avaliação mais completa da vida espiritual.

Para Stein (2020), o sentido não é apenas algo, mas uma dimensão fundamental da própria existência humana. Ela explorou como as experiências cotidianas, as relações interpessoais, o trabalho e a espiritualidade contribuem para a construção do sentido na vida de cada pessoa.

4.8 O PAPEL DO CATEQUISTA NO ACOMPANHAMENTO DA FÉ

A pesquisa abordou o acompanhamento da educação da fé. A pergunta central foi: *Qual o papel do catequista no processo de acompanhamento na educação da fé?* Embora a questão tenha sido geral, as respostas variaram, todas com verbos no infinitivo. Dezesete catequistas responderam sem se incluir no processo, enquanto outros(as) três mostraram maior envolvimento com os(as) catequizandos(as), como demonstrado nos exemplos a seguir.

O catequista⁶ afirmou: “Creio que o catequista é o principal formador do futuro cristão e, com seu carisma, pode auxiliar na formação cristã dos catequizandos”. A catequista¹⁵ disse: “Considero muito importante, somos evangelizadores e

trabalhamos valores que aprofundam a fé”. A catequista¹⁷ destacou: “Somos referência para as crianças, e através de nossas orientações, elas aprenderão e buscarão ainda mais o caminho da Igreja. Nosso papel é guiá-las por esse caminho cristão”.

As respostas refletiram as compreensões individuais construídas a partir das experiências de vida de cada catequista. A verdade de cada um é um acúmulo de tudo que foi ouvido, sentido, percebido e assimilado como conhecimento para a vida.

Em cinco respostas, surgiu a ideia de que o(a) catequista deve ser um modelo de vida e testemunho para que o(a) catequizando(a) possa observá-lo(a) e segui-lo(a), como um discípulo. O seguimento é uma atitude de aprendizado que se acumula em experiência, e quando traz benefícios, gera alegria e encanto, propiciando encontros oportunos e caminhadas conjuntas.

Portanto, a catequese deve ser dinâmica e evoluir com o tempo, seguindo o exemplo de Jesus, que deixou seguidores há mais de dois mil anos. Na próxima seção, haverá a oportunidade de explorar mais profundamente essa atitude formativa e contínua.

A catequese, sob a ótica missionária, demanda um processo de acompanhamento que envolve internalização do Evangelho, abrangendo a totalidade da pessoa em sua singularidade. “Apenas uma catequese que se dedica a fazer com que cada pessoa amadureça sua resposta de fé original pode alcançar a finalidade proposta” (DC, 2020, n. 3). Nesse contexto, a Igreja, com uma consciência renovada de sua vocação, reconsidera a catequese como uma de suas missões em “saída missionária”.

A Catequese, “em uma chave querigmática e missionária, exige a implementação de uma pedagogia de iniciação inspirada no percurso catecumenal, com sabedoria pastoral diante da diversidade de situações” (DC, 2020, n. 65). “Apenas uma catequese que percorre o caminho que vai da informação religiosa ao acompanhamento e à experiência de Deus será capaz de oferecer significado” (DC, 2020, n. 371).

Nesse contexto, é importante que o mistério cristão seja apresentado de maneira coerente com a mentalidade e a idade da pessoa, levando em consideração as experiências fundamentais de sua vida e prestando atenção aos dinamismos do crescimento característicos de cada idade (DC, 2020, n. 404). Além disso, é essencial

que a família e os(as) catequistas acompanhem pacientemente o crescimento da fé, com um espírito de fé e uma atitude de escuta e diálogo.

De acordo com DC (2020), esse acompanhamento é geralmente caracterizado pela perspectiva do discípulo missionário, que avalia o equilíbrio e a articulação dos caminhos da catequese e busca entender como conteúdo, estilos, métodos e instrumentos são efetivamente desenvolvidos. Afinal, ela tem uma relação íntima com a ação pastoral da Igreja.

As formas de acompanhamento na educação da fé incluem instrução, orientação, introdução, vivências celebrativas e discernimento vocacional. Cada uma dessas formas será detalhada a seguir, conforme o DNC (2006):

A instrução catecumenal pode ocorrer por meio de diversas formas de ensino da IVC, dinâmicas de grupo, momentos de meditação, vivências celebrativas, discernimento vocacional, entre outros. O objetivo é transmitir o conhecimento sobre a jornada do Povo de Deus e Jesus nos Evangelhos, juntamente com as práticas e vivências da fé.

No ensino da IVC, o catequista tem a oportunidade de ensinar e ouvir o(a) catequizando(a), conduzindo-o(a) a práticas espirituais associadas a um diálogo comprometido. Isso inclui uma experiência mais profunda de Deus, por meio da oração, meditação, leitura de textos bíblicos e participação nas celebrações religiosas.

As dinâmicas em grupo são atividades que proporcionam um senso de pertencimento e apoio mútuo. Estar em um ambiente onde outros compartilham as mesmas crenças pode fortalecer a fé e a esperança das pessoas que necessitam de apoio.

Os momentos de meditação são essenciais para o crescimento pessoal e o autoconhecimento. Estes momentos permitem examinar as experiências, emoções, crenças e valores de maneira profunda e significativa.

As vivências celebrativas muitas vezes incluem a experiência do outro, que se soma às próprias, proporcionando aprendizado em momentos de vulnerabilidade nas práticas espirituais, como na oração e compreensão do conteúdo catequético.

O acompanhamento no discernimento vocacional ajuda o(a) catequizando(a) a discernir sua vocação, seja ela matrimonial, ministro ordenado, religioso(a), missionário(a), catequista ou em outras formas de serviço.

Cada comunidade ou paróquia pode ter itinerários de acompanhamento de acordo com seus costumes, mas o objetivo geral é sempre apoiar as pessoas em seu crescimento espiritual e no desenvolvimento de uma relação profunda com Deus.

De acordo com o Diretório Nacional de Catequese (2005), a convivência é uma parte integral da vida humana e requer apoio mútuo. “A experiência dos indivíduos ou da sociedade como um todo deve ser recebida com uma abordagem de amor, aceitação e respeito” (DC, 2020, n. 197). O fruto de uma catequese completa é a unidade de boas práticas e convivências, permitindo que cada pessoa sinta segurança, leveza e um senso de pertencimento ao longo da vida.

Em contraste com o acompanhamento, Stein experimentou o estudo que realizou e compartilhou, dizendo: “Ao perceber tal vivência, desconsiderando qualquer conotação afetiva que também possa acompanhá-la posso sentir a alegria de outra pessoa e, portanto, alegrar-me com ela ou sentir inveja” (Ales Bello, 2020, p. 161).

A vivência pode, muitas vezes gerar insatisfação tanto para quem está sendo acompanhado quanto para quem acompanha. O desejo é que tudo funcione bem, mas nem sempre o que se sonha acontece. As dificuldades surgem e nem sempre as respostas são imediatas.

4.9 A CATEQUESE ESTÁ ORIENTADA PARA AS DIMENSÕES DA FORMAÇÃO CRISTÃ

A última pergunta da pesquisa focou na experiência da educação na fé dos(as) catequizandos(as) da terceira etapa. A questão central foi: *Você é catequista da terceira etapa da Iniciação a Vida Cristã. Na sua experiência de educação na fé, a catequese está orientada para a formação das dimensões da vida cristã e para o discipulado de Cristo?*

Dos vinte respondentes, dezessete afirmaram que sim, a catequese está orientada para a formação. A expressão “vida cristã” foi mencionada repetidamente, assim como “discipulado”, por seis vezes. Isso indica que os catequistas entendem que conhecer a vida cristã é seguir Jesus.

A catequista¹ comentou: “Penso que é o conjunto de ações na educação na fé fará o jovem ser um discípulo confiante em Cristo. Nós, catequistas, leigos precisamos transmitir corretamente as dimensões da vida cristã, as bases da fé cristã, a importância dos sacramentos. A participação dos sacerdotes nesse processo, tanto

no acolhimento quanto na estrutura física das salas de catequese e nas celebrações com as famílias”.

O relato da catequista¹ destacou a necessidade de formação continuada e reconfiguração dos espaços pastorais para proporcionar um ambiente acolhedor, além de maior apoio financeiro para os momentos de sacramentos e celebrações da catequese.

Por outro lado, três catequistas disseram que não há catequese orientada para a formação das dimensões da vida cristã. Catequista⁶ afirmou: “O material é bom, mas falta formação e apoio dos padres apoio e das famílias. Acho que temos muito a evoluir”. Catequista⁷ acrescentou: “Está caminhando de forma individualizada. Precisamos de mais orientação para melhorarmos”. Isso mostra que a catequista⁷ reconhece a necessidade de mais orientação e proatividade para pedir ajuda e dar sugestões.

Catequista¹⁷ disse: “Na terceira etapa, precisamos fazer para que as crianças entendam a Primeira Comunhão, é apenas o começo de uma caminhada contínua. Precisamos melhorar ainda mais essa orientação”. A catequista¹⁷ percebe a necessidade de ajuda e quer adquirir mais conhecimento para apoiar as crianças na Primeira Comunhão, garantindo que não desapareçam após esse sacramento.

Dentro da perspectiva formativa, estas ações serão desenvolvidas para rever o planejamento de formação para todos(as) os(as) catequistas tanto para iniciantes quanto para atuantes da Diocese de Cornélio Procopio.

Esta pesquisa permitiu verificar se há orientação e apoio aos(as) catequistas nas dificuldades que enfrentam. Dentro da perspectiva formativa, essas ações serão desenvolvidas para revisar o planejamento de formação para todos(as) eles(as), tanto iniciantes quanto atuante na Diocese de Cornélio Procopio.

A pesquisa realizada reforçou as orientações do Diretório para a Catequese (2020) especificamente nos parágrafos 136-150, que abordam as dimensões da formação dos(as) catequistas: o ser e saber ser com; o saber e o saber fazer. Na dimensão do ser e do saber ser com, é necessário possuir maturidade humana, cristã e consciência missionária. “O catequista é formado para se tornar testemunha da fé e guardião da memória de Deus. A formação ajuda o catequista a reconsiderar a sua própria ação catequética como uma oportunidade de crescimento humano e cristão” (DC, 2020, n. 139).

Na dimensão do saber, o(a) catequista deve possuir uma formação bíblico-teológica e um entendimento do ser humano e do contexto social. “O Catequista é também um mestre que ensina a fé [...] que dá testemunho do Senhor que já reconheceu” (DC, 2020, n. 143).

No que diz respeito ao saber fazer, “o catequista deve ter uma formação pedagógica e metodológica, isto é, o catequista forma-se para crescer como educador que facilita o amadurecimento da fé que o catecúmeno ou o catequizando realizam com a ajuda do Espírito Santo” (DC, 2020, n. 148).

Todas essas dimensões não devem ser consideradas isoladamente; elas têm uma correlação profunda, pois são aspectos da unidade indivisível da pessoa. Para o crescimento harmonioso do(a) catequista, é importante que o trabalho de formação leve em conta todas as dimensões, a fim de promover um desenvolvimento equilibrado.

Por outro lado, o esforço para adquirir essas competências não deve levar a pensar nos (as) catequistas apenas como agentes qualificados(as) em várias áreas. Antes de tudo, eles(as) são pessoas que tiveram uma experiência do amor de Deus e que, movidas por esse amor, se colocam a serviço do anúncio do Reino. Portanto, a formação dos(as) catequistas é um processo contínuo e integrado que visa ao desenvolvimento harmonioso da pessoa, tanto em termos de conhecimento quanto de prática.

4.10 FORMAÇÃO PERMANENTE DE CATEQUISTAS

A comunidade e o seu protagonismo na formação permanente dos(as) catequistas foram parte central do objetivo dessa seção, que buscou avaliar se essa formação contínua, aberta para o novo, é dinâmica o suficiente para animar e envolver a todos(as), especialmente a comunidade em desenvolvimento. Espera-se que educação permanente seja capaz de tocar e inspirar os corações cristãos, tornando-os atraente e mantendo presente a voz e o convite que cativo, tanto na acolhida quanto na vivência do Evangelho.

O Evangelho deve ser proclamado, como a Boa notícia, tanto para catequistas e a todos os membros da comunidade inseridos no seu protagonismo. A visão formativa integra e faz vislumbrar os carismas das pessoas em geral, proporcionando

bem-estar, sentido de pertença para compreender a intenção da doutrina cristã, como os sacramentos, a liturgia e a caridade.

4.11 COMUNIDADE: SUJEITO E LUGAR DE FORMAÇÃO DE CATEQUISTAS

O tema da comunidade destaca sua importância no desenvolvimento e na formação dos(as) catequistas, responsáveis por ensinar e transmitir a fé cristã. A comunidade desempenha um papel central nesse processo, pois é dentro desse ambiente que se compartilham experiências, conhecimentos e práticas de fé. Ela nutre a formação dos(as) catequistas, permitindo a troca de saberes e a construção conjunta de conhecimento.

Lima (2014) remete a experiência vivida na Diocese de Palmas – Francisco Beltrão, ao mostrar que as etapas são necessárias para o amadurecimento do processo catequético, que deve perpassar pela coordenação e avançar para os(as) demais catequistas:

A primeira constatação feita pela equipe de coordenação é a necessidade de uma boa preparação para os catequistas. Faz-se, então, necessário um período de formação para que os catequistas compreendam, não apenas os passos do projeto, mas que, primeiramente, entendam o processo de mudança que acontece na catequese. Porém, não apenas os catequistas precisam de formação, vê-se a necessidade de que também a comunidade, de maneira especial as lideranças paroquiais, conheçam e estudem o projeto sobre a Iniciação Cristã (Lima 2014, p. 86).

A formação é uma necessidade no mundo em mudança, onde vive, aprende e atualiza, uma constante aspiração de cunho iniciático catecumenal.

A comunidade proporciona um ambiente de apoio e testemunho, onde os(as) catequistas podem compartilhar suas dificuldades e conquistas. Nesse convívio, descobrem-se oportunidades de observar e aprender com os exemplos dos membros mais experientes, cujo testemunho de vida cristã é uma fonte de inspiração e aprendizado. O Diretório mais recente reflete sobre o sujeito que evangeliza:

O sujeito unitário da evangelização é o povo de Deus “peregrino e evangelizador” (EG, n.11). O Concílio Vaticano II fala do *povo messiânico*, assumido por Cristo como instrumento de redenção e enviado a todas as pessoas como luz do mundo e o sal da terra (LG, n. 9). A unção do Espírito (1Jo 2, 20) faz dele partícipe do *múnus* profético de Cristo, fortalecendo-lhe dons, como os *sensos fidei*, que faz capaz de discernir, testemunhar e proclamar a Palavra a Deus. “Todos ficaram cheios do Espírito de Deus e anunciaram corajosamente a Palavra a Deus (*parresia*)” (At 4,31). Assim

como a evangelização, a catequese também é uma ação, pela qual toda a Igreja se sente responsável (DC, 2020, n. 287).

A comunidade na qual o(a) catequista está inserido(a) é um espaço de formação teórica e prática contínua, onde se realizam encontros, cursos e atividades formativas, conforme solicitado pelo Papa Francisco no *Antiquum Ministerium* (2021). A formação de catequistas não se restringe ao conhecimento teórico, mas envolve a vivência da fé no dia a dia. A comunidade é o lugar, onde se pode praticar e experimentar a fé de maneira concreta, por meio de celebrações, orações e ações de caridade. A generosidade vivida pelos(as) catequistas se reflete nos(as) catequizandos(as), gerando uma espécie de afeição fraterna.

[...] que tenham uma participação ativa na vida da comunidade cristã, sejam capazes de acolhimento, generosidade e vida de comunhão fraterna, recebam a devida formação bíblica, teológica, pastoral e pedagógica, para ser solícitos comunicadores da verdade da fé, e tenham já maturado uma prévia experiência de catequese (AM, 2021, n.8).

Por meio da participação ativa, os(as) catequistas desenvolvem habilidades essenciais como comunicação, trabalho em equipe, liderança e empatia. A riqueza de dons facilita a sensibilização de todo o Povo de Deus, especialmente deles(as). É fundamental a formação na comunidade, pois é nela que encontram o suporte necessário para seu crescimento pessoal e espiritual, além de oportunidades práticas, para aplicar e aprofundar seus conhecimentos e habilidades.

Após analisar as oito perguntas/respostas da pesquisa de campo situadas nas seções três e quatro, que dizem respeito à formação de catequistas, foi apresentado um raio-X da situação atual e daquilo que está funcionando. Além da formação, o(a) catequista deve ser alguém que comunga da Palavra de Deus, pois é dessa experiência espiritual que se terá a base para testemunhar entre os(as) catequizandos(as). Para entender e concluir as reflexões da pesquisa trataremos sobre a espiritualidade e mística do(a) catequista, como parte para enriquecer o aprendizado, que obtivemos.

No testemunho da Palavra, o(a) catequista desenvolve a competência comunicativa de acordo com o relato de Barbosa Neto (2023) inspirado em (Meddi 2008b, p. 188):

A ação comunicativa não deve ser considerada um ambiente passivo, mas ativos pois os sujeitos são comprometidos na construção de uma sã relação de conhecimento recíproco, favorecendo assim a qualidade de comunicação (recebida e manifestada) e a estrutura da própria identidade (Barbosa Neto, 2003).

Quando o catequista comunica, o seu conhecimento deve produzir a sensação de alinhamento e reciprocidade para com o interlocutor de modo ativo e atento às informações ditas, pelo corpo, mente e espírito.

Portanto, a inspiração bíblica está aliada com o(a) catequista em sua pedagogia para ensinar a fé. Santos e Pagnussat (2022) fazem uma referência no texto de Atos 8, 26-40, ao percurso catecumenal para com o Etíope de uma forma livre, encantadora de condução ao discipulado. Primeiro: quem ensina a fé, faz o quê? Tem que “ir ao encontro” do outro. “O anjo do Senhor disse a Felipe: ‘Levanta-te e vai’” (At 8,26). A ação pedagógica acontece para quem ensina e para quem aprende.

Depois, começa a “conhecer o interlocutor: O etíope é negro, escravo e eunuco, um homem castrado para servir a rainha, segundo o costume do tempo”. Quem quer conhecer a Jesus e suas ações se faz ser conhecido na comunidade em aprendizagem e participação. A ação de “acompanhar” é uma atitude nobre e demonstra um cuidado para com a pessoa que está em processo de definição, sem saber aonde chegar. “Disse então o Espírito a Felipe: ‘adianta-te e aproxima’” (At 8,28).

Conforme a caminhada, cabe “questionar e explicar: ‘entendes o que lês?’” (At 8,30). O etíope responde de forma livre e também o questiona. Como o poderia, disse ele, se ninguém me explica?

Nesta hora, é o momento propício do querigma: “anunciar Jesus Cristo: Partindo deste trecho da Escritura, Felipe anunciou a Boa Nova de Jesus” (At 8, 35).

Depois de ouvir algumas palavras, eles devem ter a “profundidade da fé: ‘Prosseguindo pelo caminho’” (At 8,36).

O aprofundamento trouxe a novidade para o etíope. Ele sentiu a acolhida e acreditou no anúncio de Felipe, numa atitude de “configurar-se a Cristo pelos sacramentos: ‘Que impede que eu seja batizado?’” (At 8, 37).

Ao receber o sacramento, “testemunha a alegria do Evangelho: Quando subiram da água, o Espírito do Senhor arrebatou Felipe, e o eunuco não mais o viu. Mas prosseguiu na sua jornada com alegria” (At 8, 39). Quem ganha transborda de satisfação, o vazio foi preenchido por um novo sentido da vida que é Jesus.

A satisfação gera novas realidades para quem a possui. O eunuco prossegue, ele não volta. A dinâmica de prosseguir indica para o cristão a comum alegria que fermenta nos outros a “empreender novos processos” para formar comunidade. “Passando adiante, anunciava a Boa-nova, em todas as cidades que atravessava” (At 8, 40).

De forma resumida, Santos e Pagnussat (2022) realizaram a reflexão de formação permanente com muita propriedade e leveza para a inspiração, que ilumina a compreensão bíblica, tanto para si quanto para com os(as) catequizandos(as).

4.12 ESPIRITUALIDADE E MÍSTICA DO CATEQUISTA

Stein relata sua experiência de oração em um contexto vocacional: ‘Entrei na Igreja à noite, dizendo para mim mesma: “Não sairei daqui sem antes saber claramente se devo entrar no Carmelo agora ou não”. Quando foi dada a bênção final, recebi a palavra afirmativa do Bom Pastor’ (Stein, 2018, p. 544).

A oração é o diálogo mais próximo que se pode ter com Jesus, cultivado no coração de cada pessoa. A espiritualidade do(a) catequista refere-se à sua relação íntima e pessoal com Deus, que é a base de sua vida e missão. Essa espiritualidade deve ser alimentada constantemente por meio da oração, meditação, leitura das Escrituras e participação nos sacramentos. Ele (a), ao falar sobre os sacramentos, deve ser o(a) primeiro(a) a dar testemunho.

A oração é essencial para o(a) catequista, pois é por meio dela que ele(a) se conecta com Deus, busca orientação e força para sua missão. A Bíblia, como fonte primária da fé cristã, deve ser bem conhecida por ele (a), tanto em conteúdo quanto em mensagem espiritual. A participação nos sacramentos, como a Eucaristia e a confissão, fortalece a sua fé e o(a) ajuda a viver conforme os ensinamentos de Cristo.

Em relação à espiritualidade, Chiquito (2021) recomenda que o(a) catequista tenha o amparo da espiritualidade:

Por conseguinte, aquele que escolhe responder ao chamado de ser catequista faz a experiência do encontro pessoal com aquele que o escolheu. Essa experiência dá-se por meio da vivência pessoal e da prática da fé. Os catequistas são na Igreja os mistagogos e pedagogos de Deus (Chiquito, 2021, p. 139).

Segundo a Catequese Renovada (1983), a espiritualidade do(a) catequista também se manifesta no serviço à comunidade e na participação ativa na vida da Igreja, incluindo a prática da caridade e o envolvimento em atividades paroquiais. A consciência mística implica que a sua vida seja um reflexo do amor de Deus, agindo com integridade, compaixão e justiça. A mística transforma o seu interior, mudando atitudes, pensamentos e comportamentos para se conformar à vontade de Deus. Sentir-se chamado a compartilhar a fé e transmitir os ensinamentos de Cristo é parte de sua identidade mística.

Durante a caminhada catequética, é possível adotar práticas como participar de retiros espirituais, investir em formação teológica e catequética, buscar orientação de um diretor espiritual e engajar-se em grupos de oração e estudo bíblico para apoio mútuo e crescimento.

Esses elementos ajudam-no(a) a viver uma vida plena em Cristo e a cumprir sua missão com amor e dedicação. Das experiências espirituais nascem projetos e propostas em favor da comunidade e dos irmãos. O cultivo da fé segue dois caminhos paralelos: oração e ação. Como diz São Tiago: “A fé sem obras é morta” (Tg 2, 17). Portanto, a fé se torna credível diante de Deus e dos homens quando unida às obras.

A oração é o suporte de todos os encontros catequéticos, tanto da comissão diocesana quanto paroquial. É costume iniciar e encerrar todas as atividades programadas com a oração.

4.13 REFLEXÕES CONCLUSIVAS

O objetivo desta seção foi verificar a relação entre a pedagogia da fé e a prática catequética na Diocese de Cornélio Procopio. A pesquisa de campo realizada dialogou com a pedagogia da fé, apresentando e analisando seus resultados. Inicialmente, destacou-se que o mistério da encarnação inspira a pedagogia catequética e sua metodologia. O conteúdo da catequese, como objeto de fé, exige um método que reflita a natureza da mensagem evangélica, considerando suas fontes e as circunstâncias específicas da comunidade e de cada batizado. A finalidade educativa da catequese orienta as escolhas metodológicas, valorizando a pluralidade de métodos para o anúncio do Evangelho.

Com base no Diretório para a Catequese (2020), são valorizadas abordagens metodológicas focadas nos fatos da vida ou na mensagem da fé, conforme as

situações específicas dos(as) catequizandos(as). A reflexão apontou a comunidade cristã como uma catequese viva, aprofundando a temática a partir dos resultados da pesquisa de campo aplicada a um grupo de catequistas na Diocese de Cornélio Procopio, no contexto de uma catequese catecumenal e mistagógica. O questionário aplicado de oito perguntas validou oito categorias, conforme aprofundadas no texto.

A Diocese de Cornélio Procopio tem como prioridade a formação de catequistas, reconhecendo a importância de um suporte contínuo e permanente para esses educadores da fé. A proposta pedagógica da diocese é cuidadosamente adaptada às necessidades dos(as) catequizandos(as), garantindo que o conteúdo transmitido seja compreendido de forma clara e eficaz. Além disso, é fundamental que os(as) catequistas estejam familiarizados(as) com a proposta do Ministério instituído pelo Papa Francisco, reforçando a importância da formação contínua na educação da fé.

O papel do(a) catequista vai além da simples transmissão de conhecimento; ele é essencial no acompanhamento da fé dos(as) catequizandos(as), orientando-os(as) nas diversas dimensões da formação cristã. A catequese, portanto, é estruturada para promover um desenvolvimento integral, considerando tanto o crescimento espiritual quanto o humano dos participantes.

A pedagogia da fé preocupa-se com a educação de quem professa uma crença, averiguando princípios e valores na ação catequética. A pesquisa, realizada com vinte catequistas da Diocese de Cornélio Procopio, utilizou o método de Bardin em três fases: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados. O mistério da encarnação inspira a pedagogia catequética, que deve equilibrar método e conteúdo, referenciando a Palavra de Deus e a experiência humana.

A pesquisa mediu a importância da formação permanente para a missão dos(as) catequistas na Iniciação à Vida Cristã. O(As) catequistas avaliaram se a metodologia utilizada atende às expectativas dos(as) catequizandos(as) e se compreendem o conteúdo transmitido. A pesquisa, intitulada “Ministério de catequista: um estudo sobre Diocese de Cornélio Procopio”, também verificou o conhecimento sobre o Ministério de Catequista instituído pelo Papa Francisco.

As dimensões da formação dos(as) catequistas ajudaram a reconsiderar a ação catequética como uma oportunidade de crescimento humano e cristão. A comunidade desempenha um papel central na formação, compartilhando experiências e práticas

de fé. A pesquisa abordou o acompanhamento na educação da fé e a orientação da catequese para a formação cristã e o discipulado de Cristo.

A formação de catequistas é essencial para a educação na fé e há bons conteúdos que podem enriquecer essa formação. A internet pode ser uma fonte útil, desde que usada com critério. Este estudo contribui para o processo formativo dos catequistas da Diocese de Cornélio Procópio, oferecendo pistas para o itinerário formativo. A formação permanente de catequistas visa à continuidade e está aberta ao novo, com dinamismo, especialmente na convivência comunitária. A educação da fé toca e contagia os corações cristãos, atraindo-os ao chamado para acolher o Evangelho.

Os encontros geralmente começam e terminam com uma oração, agradecendo por tudo que foi realizado. Da mesma forma, esta pesquisa contribuiu para a avaliação da caminhada catequética da Diocese de Cornélio Procópio.

Este trabalho tem potencial para continuar aprofundando e comprometendo ainda mais os(as) catequistas no anúncio do Evangelho. Eles(as) reconhecem a necessidade de atualização e aprendizado contínuo e, em sua maioria, estão dispostos a buscar formação. Desta forma, a Escola Maria Evangelizadora está incentivando a formação de preparação para receber o Mistério de catequista. Portanto são três cursos que acontecem na Diocese de forma simultânea para catequistas, conforme os sinais visíveis da pesquisa. Esta formação acontece no modo mensal de fevereiro a novembro, no online e presencial.

Figura 17 - Formação de catequistas online



Fonte: Museu Diocesano, 2024.

Figura 18 - Formação de catequistas presencial



Fonte: Museu Diocesano, 2024.

Figura 19 – Formação para o Ministério de Catequista



Fonte: Museu Diocesano, 2024.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após vivenciar experiências enriquecedoras na formação de catequistas, foi possível perceber que o tema é inesgotável e sempre haverá novas surpresas que enriquecem o aprendizado. Na Diocese de Cornélio Procópio, no Paraná, pertencente ao Regional Sul II da CNBB, essa formação tem sido especialmente significativa.

Desde 1973, sob a liderança do primeiro bispo, Dom José Joaquim Gonçalves, e com o apoio de padres e leigos, diversas ações foram realizadas para a formação da nova Diocese. Atualmente, a Diocese conta com cerca de setecentos catequistas, a maioria mulheres, que continuam com entusiasmo o trabalho de Iniciação à Vida Cristã.

No início da pesquisa, a falta de clareza era evidente, mas à medida que se exploravam livros, diretórios, a Bíblia e as respostas dos questionários, surgia uma riqueza de informações para construir e aprofundar o conhecimento.

O trabalho da Animação Bíblico-Catequética na Diocese de Cornélio Procópio, especialmente por meio dos(as) catequistas, tem sido eficaz na formação de futuros cristãos para a Igreja, promovendo experiências de amor e doação a serviço do Reino de Deus, no entanto, há sempre espaço para aprimoramento. Os (As) catequistas desenvolvem relações interpessoais e intersubjetivas, testemunhando caráter e educação da fé.

O catecumenato, originado nas primeiras comunidades cristãs, ganhou força após o Concílio Vaticano II, especialmente com o dinamismo dos Papas em relação com a catequese. Documentos, diretórios, encontros, congressos, têm impulsionado a formação de catequistas. Em 2021, o Papa Francisco fez o reconhecimento pelo *Motu Proprio, Antiquum Ministerio* (2021) reconheceu e instituiu o Ministério de Catequista, destacando sua missão.

Na construção do texto, a primeira seção situou a missão catequética, destacando que o(a) catequista é um missionário(a) vocacionado(a) por Deus para responder com experiência e testemunho voluntário à vontade divina. A catequese para a Iniciação à Vida Cristã abrange diferentes faixas etárias e contextos, desde crianças até adultos, em centros e periferias, atendendo pessoas em diversas vulnerabilidades. Por isso, é essencial uma formação adequada para os(as) catequistas, que os(as) capacite a conhecer, viver e transmitir a fé cristã conforme as necessidades de cada pessoa e comunidade.

O processo de educação da fé segue um itinerário que contempla o desenvolvimento psicofísico e espiritual do(a) catequizando(a), que está em processo de descoberta do mundo ao seu redor. Assim, é indispensável uma formação que atenda a essa demanda, capacitando os(as) catequistas(as) a transmitirem não apenas ensinamentos, mas uma formação cristã íntegra, desenvolvendo tarefas de iniciação, educação e ensino.

É fundamental destacar que o processo de educação da fé segue um itinerário que contempla o desenvolvimento psicofísico e espiritual do(a) catequizando(a), que está em processo de descoberta do mundo ao seu redor. Por isso, é indispensável uma formação adequada para atender a essa demanda. “Trata-se de formar catequistas para que sejam capazes de transmitir não apenas um ensinamento, mas também uma formação cristã íntegra, desenvolvendo tarefas de iniciação, de educação e de ensino” (DC, 2020, n. 135b).

Na segunda seção, foi realizado um estudo mais profundo sobre a missão catequética. O(A) catequista, por meio de sua ação ministerial, serve como um farol de luz, iluminando o caminho para aqueles que buscam a Deus. A gestão da catequese paroquial é essencial para garantir que essa luz continue a brilhar, proporcionando orientação e apoio aos catequistas em seu trabalho.

O Itinerário Catecumenal é uma parte importante desse processo, fornecendo um caminho estruturado para a formação na fé. Ele guia os(as) catequizandos(as) por meio das várias etapas de sua jornada espiritual, ajudando-os(as) a aprofundar seu entendimento e compromisso com a vida cristã. A vocação para os ministérios é um chamado para servir a Deus e à comunidade de fé, vivendo a vida cristã de maneira plena e autêntica, utilizando os dons e talentos dados por Deus para o bem de todos. Cada catequista, em sua vocação única, contribui para a rica construção da vida da Igreja, tecendo juntos os fios da fé, esperança e amor.

O espírito das primeiras comunidades cristãs foi marcado pelo desejo autêntico de pertença a Jesus Cristo. Esse legado fez com que as lideranças da Igreja reconhecessem a importância dessa pastoral, estabelecendo prioridades para apoiá-la e defendê-la. É um chamado de Deus, e a pessoa se manifesta não por uma agência de trabalhadores, mas por uma adesão livre que arde no coração a ponto de dizer: “Eu quero ser catequista”.

Na terceira seção, consolidou-se o que os(as) catequistas vivenciam na prática de sua formação, para depois atuar na formação dos(as) catequizandos(as). Na

Diocese de Cornélio Procopio, prioriza-se a formação de catequistas para exercer adequadamente o ministério, com encontros e cursos que auxiliam no desenvolvimento da missão de catequizar, tanto na Paróquia quanto na Diocese.

A Pedagogia Catequética apoia a Iniciação à Vida Cristã, contribuindo para a eficácia de sua metodologia. Ela respeita a integridade do(a) catequizando(a), considerando a complexidade do ser humano em sua totalidade, abrangendo aspectos corporais, psicológicos, espirituais e sociais. No exercício da educação da fé, os(as) catequistas expressaram opiniões positivas sobre o uso da Coleção *Crescer em Comunhão*, destacando suas dinâmicas, a Leitura Orante da Bíblia e a explicação detalhada para a realização dos encontros catequéticos.

A aplicação prática e a avaliação do programa de Iniciação à Vida Cristã são pontos fortes e necessários, permitindo que os catequistas compreendam o conteúdo transmitido e seu significado para a vida de fé. As diversas dimensões da formação ajudam os catequistas a reconsiderar sua própria ação catequética como uma oportunidade de crescimento humano e cristão. A formação de catequistas é essencial para ampliar o conhecimento e “avançar para águas mais profundas, e ali lançai vossas redes para a pesca” (Lc 5,4).

O acompanhamento na educação da fé é essencial, pois envolve tanto o feedback sobre o que foi ensinado quanto o apoio àqueles que enfrentam dificuldades, promovendo sua integração pessoal e comunitária.

A quarta seção abordou a formação permanente dos(as) catequistas, destacando a importância de manter a continuidade e a abertura para o novo, dentro do dinamismo e da convivência comunitária. A educação da fé toca e inspira os corações cristãos quando há um profundo envolvimento com o Evangelho, que é comunitário por natureza e gera uma prática dinâmica.

Para compreender o contexto da formação catequética, é necessário olhar para o horizonte do Reino de Deus, onde a messe é grande e precisa de operários (Mt 9,37). O(A) catequista é aquele que ensina e educa, de modo que suas palavras reflitam suas orações e sua fé.

O estudo ampliou a compreensão além do conhecimento prévio, revelando que a formação que vai além do ensino, promovendo a criação de laços comunitários que acompanham o cristão ao longo de toda a vida. O sentido de pertença é um valor adquirido que permeia o cotidiano da vida cristã.

A espiritualidade do(a) catequista refere-se à sua relação íntima e pessoal com Deus, que é a base de sua vida e missão. Essa espiritualidade deve ser alimentada constantemente por meio da oração, meditação, leitura das Escrituras e participação nos sacramentos. Ele (a), ao falar sobre os sacramentos, deve ser o(a) primeiro(a) a dar testemunho.

REFERÊNCIAS

- ALBERICH, Emílio. **Catequese evangelizadora**: manual de catequética fundamental. Adaptação para o Brasil e América Latina: Luiz Alves de Lima. São Paulo: Salesiana, 2004.
- ALBERICH, Emílio e BINZ, Ambroise. **Catequese de adultos**: elementos de metodologia. trad. Luciano Pereira Machado. São Paulo: Salesiana, 2001.
- ALES BELLO, Angela. **Introdução à fenomenologia**. Trad. Ir. Jacinta Turolo Garcia e Miguel Mahfoud. Bauru: Edusc, 2006.
- ALLES BELLO, Angela. **Pessoa e Comunidade**: Psicologia e Ciências do Espírito de Edith Stein. Belo Horizonte: Artesã, 2015.
- ALES BELLO, Angela. **A fenomenologia do ser humano**: traços de uma filosofia do feminino. Tradução de A. Angonese. Bauru: Edusc, 2000.
- ALMEIDA, José Antônio. **Os Ministérios não-ordenados na Igreja Latino-Americana**. São Paulo: Loyola, 1989.
- ALMEIDA, Ronaldo Elesbão de. A empatia em Edith Stein. **Cadernos IHU**, ano 12, n. 48, 2014. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/ihu/048cadernosihu.pdf>. Acesso em: 20 de fev. 2023.
- AURÉLIO. **Dicionário**. Disponível E-book em <https://www.dicio.com.br/servico/> Acesso em: 20 de fev. 2023.
- BARBOSA NETO, João dos Santos. **Catequista educador e formador**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2023. E-book. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br/Leitor/Publicacao/211731/epub/0?code=mRAw1GGW5sz1efsDh5reOpY/KJe76lcmKzp7hKyXOBBw5OZmOdXiYpCJ3TardwO/Yt4K4GslrDcXcDeQBFnYLw==>. Acesso em: 03 de set. 2024.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2020.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. Português. **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulinas, 1990.
- BISPADO.ORG. **Edith Stein**: filósofa e mártir. s.d. *On-line*. Disponível em: <https://site.ucdb.br/santos-do-dia/edith-stein-filosofa-e-martir/233/>. Acesso em: 05 jul. 2024.
- BOROBIO, Dionísio. **Catecumenado e iniciación cristiana**. Barcelona: Centre de Pastoral Litúrgica, 2007.

BRUSTLIN, Leomar Antônio; LELO, Antônio Francisco. **Caminho de fé:** itinerário de preparação para o batismo de adultos e para a confirmação e eucaristia de adultos batizados: livro do catequizando. São Paulo: Paulinas, 2006.

CACHAPUZ, Antônio; PRAIA, João; JORGE, Manuela. Perspectivas de Ensino. In: **Formação de Professores de Ciências**, nº1, A. Cachapuz (Org.), Centro de Estudos de Educação em Ciência. Porto, 2001.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. 3. ed. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Paulinas, Loyola, Ave-Maria, 1993.

CELAM. **Documento de Aparecida.** Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe: 13-31 de maio de 2007. 7. ed. Brasília. São Paulo: Paulus, 2008.

CIBER DÚVIDAS DA LÍNGUA PORTUGUESA. **A etimologia da catequese.** Disponível em: <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/a-etimologia-de-catequese/15534>. Acesso em: 10 jun. 2024.

CHIQUITO, Vanderlei Augusto. **A formação do catequista:** fundamentos antropológico-filosóficos e teológicos a partir de Edith Stein. 2021. 178 f. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Curitiba, 08 de abril de 2021.

COELHO JÚNIOR, Aquiles Gonçalves; MAHFOUD, Miguel. Vontade e experiência comunitária. In: SANTOS, G. L. dos; FARIAS M. R. (org.) **A pessoa na Filosofia e nas ciências humanas.** São Paulo: Fonte Editorial, 2014.

COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. **A sinodalidade na vida e na missão da Igreja.** Brasília: CNBB, 2021.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Decreto Christus Dominus, sobre o Múnus Pastoral dos Bispos. 7 de dezembro de 1965. In: VATICANO II. **Mensagens, discursos e documentos.** Tradução de F. Catão. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Constituição Dogmática Dei Verbum, sobre a Divina Revelação. 7 de dezembro de 1965. In: VATICANO II. **Mensagens, discursos e documentos.** Tradução de F. Catão. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Constituição Dogmática Lumen Gentium. In: VATICANO II. **Mensagens, discursos e documentos.** Tradução de F. Catão. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1965.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. **Constituição Dogmática Gaudium et Spes.** In: VATICANO II. Mensagens, discursos e documentos. Tradução de F. Catão. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1965.

CNBB. **Critérios e Itinerários para a instituição do Ministério de Catequista.** 1. ed. Brasília: CNBB, 2022.

CNBB. **Ministério de Catequista.** 2. ed. Brasília: CNBB, 2021. (Estudos, 95).

CNBB. **Diretrizes gerais da ação evangelizadora da igreja do Brasil 2019-2023**. 2. ed. Brasília: CNBB, 2019. (Documento 109).

CNBB. **Iniciação à vida cristã**: itinerário para formar discípulos missionários. 2. ed. Brasília: CNBB, 2017. (Documento 107).

CNBB. **Iniciação à vida cristã**: um processo de inspiração catecumenal. São Paulo: Paulus, 2014ab. (Estudos 97).

CNBB. **Comunidade de comunidades**: uma nova paróquia – a conversão pastoral da paróquia. 2. ed. Brasília: CNBB, 2014c. (Documento 100).

CNBB. **Diretório nacional de catequese**. 10. ed. São Paulo: Paulinas, 2006. (Documento 84).

CNBB. **Catequese renovada**: Orientação e Conteúdo. Documento 26. 39 ed. São Paulo: Paulinas, 2000.

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. **Diretório geral para a catequese**. 4. ed. São Paulo: Paulinas, 2003.

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. **Diretório catequético geral**. Tradução de E. Royer. São Paulo: Paulinas, 1971.

DEPIZZOLI, Antonio Marcos. **IV Simpósio de Catequese Inclusiva**: Comissão de Animação Episcopal Pastoral para a Animação Bíblico-Catequética do Regional Sul 1. Vídeoaula, 2021. CNBB. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=cRJJe64PC_kl. Acesso em: 01 out. 2024.

DEPIZZOLI, Antônio Marcos. **Catequese no Brasil junto à pessoa com deficiência**. 2013. 164 f. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – São Paulo, 2013.

DIOCESE DE CORNÉLIO PROCÓPIO. **XI Plano Diocesano de Pastoral (2021-2024)**. Cornélio Procópio, 2021.

DOCUMENTO DE APARECIDA, Texto conclusivo da **V Conferência geral do episcopado latino-americano e do Caribe**, 13-31 de maio de 2007, 2. ed. CNBB, São Paulo: Paulinas, Paulus, 2007.

DULLIUS, Vera Fátima. **A consciência no processo de formação docente**: luzes a partir de uma onto-antropologia em Edith Stein. 2019. 468 f. Tese (Doutorado) - Orientadora, Clélia Peretti, Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2019. Disponível em: <https://archivum.grupomarista.org.br/pergamumweb/vinculos/0000ae/0000ae0b.pdf>.

FABRETTI, Vittoria. **Edith Stein**: uma vida por amor. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 1995.

FEDALTO, Pedro Antonio Marchetti. **História da Igreja do Paraná**. Curitiba: CNBB Regional Sul II, 2014.

FLORISTÁN SAMANES, Cassiano; TAMAYO-ACOSTA, Juan-José (Orgs.). **Dicionário de conceitos gerais do cristianismo**. São Paulo: Paulus, 1999.

FRANCISCO, Papa. Motu Proprio **Antiquum Ministerium**. Brasília: CNBB, 2021.

FRANCISCO, Papa. Exortação Apostólica **Evangelii Gaudium**. São Paulo: Paulinas, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GARCIA, Gilberto Gonçalves. **Crescer em Comunhão**: Catequese de inspiração catecumenal vol. 1, 2, 3, 4 3 e 5. Petrópolis: Vozes, 2021.

GOMES, Tiago de Fraga. **O logos se fez dia-logos**: economia do logos encarnado e diálogo inter-religioso em busca da paz em Claude Geffré. 2020. 291 f. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - Porto Alegre, 2020.

GOTO, Tommy Akira; MORAES, Mak Alisson Borges de. A concepção de fenomenologia para Edith Stein. Revista **Curitiba**, Filosófica São Boaventura, 2016. Disponível em: <https://revistafilosofica.saoboaventura.edu.br/filosofia/article/view/26>. Acesso em: 2 mar. 2022.

HUSSERL, Edmund. **A ideia da fenomenologia**: cinco lições. Trad. Marloren Lopes Miranda. Petrópolis: Vozes, 2020.

JOÃO PAULO II, Papa. Carta Encíclica. **Fides et ratio**. São Paulo: Paulinas, 1998.

JOÃO PAULO II, Papa. Carta Encíclica **Redemptoris missio** (Sobre a validade permanente do mandato missionário). São Paulo: Loyola, 1991.

JOÃO PAULO II, Papa. Constituição Apostólica **Fidei Depositum**. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_constitutions/documents/hf_jp-ii_apc_19921011_fidei-depositum.html. Acesso em: 20 fev. 2023.

JOÃO PAULO II, Papa. Exortação Apostólica, **Catechesi Tradendae**. São Paulo: Paulinas, 1982.

JOÃO XXIII. Carta Encíclica. **Mater et Magistra**: sobre a recente evolução da questão social. Roma, 15 de maio de 1961.

KAWA, Elizabeth. **Edith Stein**: a abençoada pela cruz. Trad. de Edson d. Gil. São Paulo: Quadrante, 1999.

LEDO, Jordélio Siles. **A via da Beleza na formação humano-cristã com catequista**: análise da dimensão catequética do Museu Sagrada Família-Catequese e Arte. 2022.

433 f. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica – Rio de Janeiro 08 de fev. 2022.

LEXICON, **Dicionário Teológico Enciclopédico**. Trad. J. Paixão Netto e A. da A. Machado. São Paulo: Loyola, 1993.

LIMA, Luiz Alves de. Medellín. **Aparecida: Um diálogo provocador - Trajetória da Catequese na América Latina**. Medellín, Bogotá, vol. XXXIV / n. 136 - p.593-624, Diciembre de (2008) 593–624. Disponível em: <https://revistas.celam.org/index.php/meldellin/article/view/467/417>. Acesso em: 03 out. 2024.

LIMA, Débora Regina Pupo. **Iniciação cristã e catequese com adultos: um caminho para o discipulado**. 2014. 99 f. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Paraná- Curitiba. 05 de agosto de 2014.

MANGANARO, Patrícia. **Fenomenologia da relação: a pessoa humana em Edith Stein**. Curitiba: Juruá, 2016.

MAHFOUD, Miguel; SAVIAN FILHO, Juvenal (org.). **Diálogos com Edith Stein: Filosofia, Psicologia e Educação**. São Paulo: Paulus, 2017.

MARTINS, J. **Um enfoque fenomenológico do currículo: educação como póiesis**. São Paulo: Cortez, 1992.

NERY, Anna. **Empatia**. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/DB3YNpLX9BmTQzC8RDfknkh/?lang=en#>. Acesso em: 07 jul. 2024.

ORIGEM DA PALAVRA. **Vocação**. Disponível em: <https://origemdapalavra.com.br/pergunta/vocacao/>. Acesso em: 27 set. 2023.

PARÓQUIA CRISTO REI. Disponível em: <https://www.dioceseprocopense.org.br/posts/detalhe/128>. Acesso em: 01 mar. 2023.

PAULO VI, Papa. Exortação Apostólica **Evangelii Nuntiandi**. São Paulo: Paulinas, 1975.

PAULO VI, Papa. **Encíclica Ecclesiam Suam**. São Paulo: Paulinas, 1975.

PAULO VI, Papa. **O concílio Vaticano II**. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/histcouncils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651028_christus-dominus_po.html. Acesso em: 31 out. 2023.

PEDROSA, Vicente Maria Arés e NAVARRO, Maria. **Dicionário de catequética**. Tradução de H. Dalbosco. São Paulo: Paulus, 2004.

PERETTI, Clélia. Nas trilhas de Edith Stein. **Gênero em perspectivas fenomenológica e teológica**. Curitiba: Appris, 2019.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO. **Diretório para a Catequese**. Tradução de João Vitor Gonzaga Moura. São Paulo: Paulus, 2020.

POUPART, Jean. A entrevista do tipo qualitativo: considerações epistemológicas, teóricas e metodológicas. In. POUPART, Jean; DESLAURIERS, Jean-Pierre; GROULX, Lionel-H. LAPIÈRE, Anne; MAYER, Robert; PIRES, Alvaro P. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2014. Parte III, p.215-253.

RITUAL DE INSTITUIÇÃO DE CATEQUISTAS. Brasília: CNBB, 2024.

RITUAL DA INICIAÇÃO CRISTÃ DE ADULTOS. São Paulo: Paulinas, 2003.

RIOS, Demerval Ribeiro. **Novo dicionário Global da Língua Portuguesa**. Ilustrado/ Demerval Ribeiro Rios; São Paulo: DCqL, 2007.

SANTOS, Gilfranco Lucena; FARIAS, Moisés Rocha (Org.). **Edith Stein: a pessoa na filosofia e nas ciências humanas**. São Paulo: Fonte Editorial, 2014.

SANTOS, Jânison de Sá; PAGNUSSAT, Leandro Francisco (Org.). **Reflexões do Diretório para a Catequese**. Petrópolis: Vozes, 2022. E-book. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br/Leitor/Publicacao/203515/epub/0?code=LUW5jUS5RGIvmq8jhXJNUC7Q/hc8peRwVck39ApuU285SlqMsLyQqlSE5l6jGmoRg7EWkcA7lH4KJRpXkdauQ==>. Acesso em: 03 set. 2022.

SBERGA, Adair Aparecida. **A formação da pessoa em Edith Stein**. São Paulo: Paulus, 2014.

STEIN, Edith. **Vie della conoscenza di Dio**. Padova: Basilica del Santo, 1983.

STEIN, Edith. **L'empatia di Edith Stein** (a cura di Michele Nicoletti). Milano, Italia: Franco Angeli, 1992.

STEIN, Edith. **Ser finito e ser eterno**. Tradução de A. P. Monroy. México: Fondo de Cultura Económica, 1994.

STEIN, Edith. **Psicologia e scienze dello spirito**. Contributi per una fondazione filosofica. Roma: Città Nuova, 1996.

STEIN, Edith. **Introduzione alla Filosofia**. Roma: Città Nuova Editrice, 1998.

STEIN, Edith. **LA mulher: sua missão segundo a natureza e a graça**. Tradução de Alfred Keller. Bauru (SP): Edusc, 1999.

STEIN, Edith. STEIN, E. **La estructura de la persona humana**. Madrid: Editora Biblioteca de Autores Cristianos, 2002.

STEIN, Edith. **Obras Completas**. Vol. IV. Escritos antropológicos y pedagógicos: magistério de vida cristiana, 1926-1933. Trad. de Francisco Javier Sancho, OCD. José

Mardomingo, Constantino Ruiz Garrido, Carlos Días, Alberto Pérez, OCD. Gerlinde Follrich de Aginaga. Madri: Monte Carmelo, 2003.

STEIN, Edith. **La estrutura de la persona humana**. Tradução de J. Mardomingo. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2007. (Originais de 1932-33).

STEIN, Edith. **La Struttura Della Persona Umana**. Corso di antropologia filosofica. Traduzione Del Tedesco: M. D' Ambra. Roma: Città Nuova: Editrice, 2013.

STEIN, Edith. **Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos**. Tradução de M. do C. V. Wollny e R. Kirchner. São Paulo: Paulus, 2018.

STEIN, Edith. **Textos sobre Husserl e Tomás de Aquino**. Tradução de U. A. Mathias *et al.*. Revisão Técnica da tradução de J. Savian Filho. São Paulo: Paulus, 2019.

STEIN, Edith. **A mulher, sua missão segundo a natureza e a graça**. Tradução de A. J. Keller. Campinas - SP: Ed. Ecclesiae, 2020.

STEIN, Edith. Estudos integradores da pessoa humana. 2024. Disponível em: <https://edithstein.com.br/publicacoes/>. Acesso em: 03 set. 2022.

VATICANO II. Decreto Christus Dominus. In: VIER, F. (org.). **Compêndio do Vaticano II**. 19.ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

VYGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**. Trad. J. Cipolla Neto, L. S. M. Barreto, S. C. Afeche. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

VON RAD, Gerard. **Teología del Antiguo Testamento**. Salamanca: Sígueme, 1973.

WESTBROOK, Robert Brett. John Dewey: aprender pela ação. In: GAUTHIER, Clermont; TARDIF, Maurice (Orgs). A pedagogia: teorias e práticas da antiguidade aos nossos dias. Petrópolis: Vozes, 2014. p.181-200.

ZILLES, Urbano 2024. **Fenomenologia**. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcgiclfefindmkaj/http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rag/v13n2/v13n2a05.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2024.

ZILLES, Urbano. **Fenomenologia e teoria do conhecimento em Husserl**. Rev. abordagem gestalt., Goiânia, v. 13, n. 2, p. 216-221, dez. 2007. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S180968672007000200005&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 24 out. 2019.

ANEXO A - QUESTIONÁRIO DE PESQUISA

TEMA: A FORMAÇÃO DE CATEQUISTA E SEU MINISTÉRIO ECLESIAL NA DIOCESE DE CORNÉLIO PROCÓPIO/PR

1. Você sente que a Diocese de Cornélio Procópio, em geral dá prioridade a sua formação de catequista para exercer bem o seu ministério? Sim () Não ()
Se sim, o que te ajuda, poderia citar alguns exemplos.

a) prioridade da formação de catequista na diocese

b) Se não, o que você espera a mais....

2. A formação permanente na sua visão, dá suporte ajuda na tua missão como discípulo/a missionário/a e como catequista da Iniciação à Vida Cristã?
o suporte da formação permanente para o(a) catequista

3. No exercício da educação da fé, você considera que a proposta pedagógica (que metodologia utiliza para trabalhar com os(as) catequizandos(as)) da Diocese de Cornélio Procópio é satisfatória, atende as expectativas dos(as) catequizandos(as)?
Sim () Não ()

a) Se sim, qual?

A proposta pedagógica da diocese atende os(as) catequizandos(as)

b) Se não, explique o porquê.

4. O/a catequizando/a, nos encontros catequéticos, compreende o conteúdo transmitido e consegue perceber seu sentido e significado para a sua vida de fé?

O(a) catequizando(a) compreende o conteúdo transmitido

5. Você conhece a proposta do Papa Francisco sobre a instituição do Ministério de Catequista? Fale de alguns requisitos necessários para fazer parte desse ministério.

O(a) catequista conhece a proposta do Ministério instituído por Francisco

6. Na tua opinião você acha que a formação de catequistas é essencial para a ampliar a educação na fé?

A formação de catequistas é essencial na educação da fé

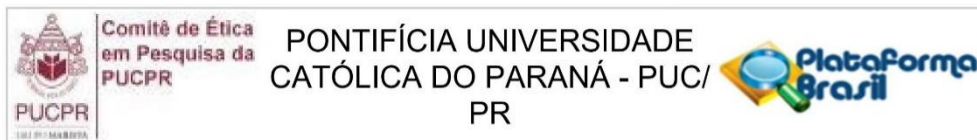
7. Qual o papel do catequista no processo de acompanhamento na educação da fé?

O papel do catequista no acompanhamento da fé

8. Você é catequista da terceira etapa da Iniciação a Vida Cristã. Na sua experiência de educação na fé, a catequese está orientada para a formação das dimensões da vida cristã e para o discipulado de Cristo?

a catequese está orientada para as dimensões da formação cristã

ANEXO B - PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A FORMAÇÃO DE CATEQUISTAS E SEU MINISTÉRIO ECLESIAL NA DIOCESE DE CORNÉLIO PROCÓPIO

Pesquisador: KEDMA APARECIDA ALVES SOARES

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 68126022.0.0000.0020

Instituição Proponente: Pontifícia Universidade Católica do Paraná

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.087.579

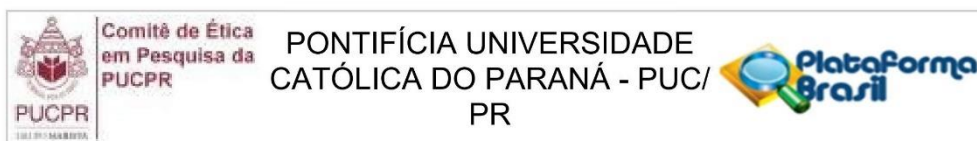
Apresentação do Projeto:

Desenho:

1 INTRODUÇÃO Esta pesquisa está vinculada a Área de Concentração Ético-Social e a Linha de Pesquisa Teologia e Sociedade. A Linha de Pesquisa visa realizar pesquisa teológica, que perscrute a ação humana em contexto sociopolítico-cultural que desenvolve estudo e pesquisa sobre os seguintes temas: atividade educativa-formativa; subjetividade e expressões religiosas; transformações sociais e culturais; questões de gênero; intervenção sobre a vida humana propiciada pela ciência e tecnologia; cuidado em contextos de saúde. O

projeto de Pesquisa "A formação de catequista e seu ministério eclesial na Diocese de Cornélio Procópio", situa-se, no contexto da educação da fé e, está vinculado ao Projeto de Pesquisa de "Formação Inicial e Continuada de professores de Ensino Religioso e lideranças comunitárias", da Prof.^a Dr.^a. Clélia Peretti. A Igreja Católica desde seus primórdios sempre reconheceu a importância do catequista, enquanto pessoa, que dá testemunho do seguimento de Jesus Cristo e coloca-se à disposição para acompanhar a caminhada de educação da fé, dos membros da comunidade, motivando-os para a adesão convicta à proposta do Evangelho. Assim, a formação catequética continuada, que se renova em seus métodos, exige também renovação no perfil do catequista como pedagogo e mistagogo, a exemplo de Jesus. No itinerário a caminho da maturação da fé, o

Endereço: Rua Imaculada Conceição, n° 1155 - prédio administrativo, 6º andar, Diretoria de pesquisa
Bairro: Prado Velho **CEP:** 80.215-901
UF: PR **Município:** CURITIBA
Telefone: (41)3271-2103 **Fax:** (41)3271-2103 **E-mail:** nep@pucpr.br



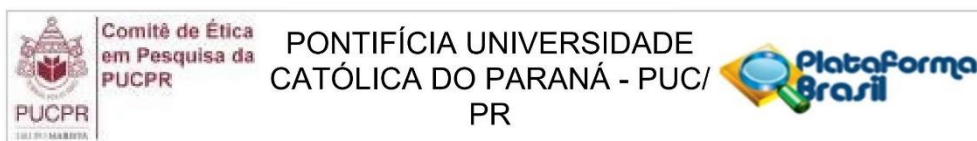
Continuação do Parecer: 6.087.579

catequista tem dupla missão: transmitir o ensinamento e conduzir o catequizando no mistério da fé. Nesse sentido, o despertar para o discipulado se processa numa interação permanente, em que os evangelizadores, catequistas e catequizandos são “crescentes e aprendentes” a vida inteira. Deste modo, o objetivo da formação consiste em levar o catequista a construir um itinerário eficaz de formação no qual, através das diversas etapas, anuncie Jesus Cristo; faça conhecer a sua vida e a história da salvação; explique o mistério do Filho de Deus feito homem por nós; ajude o catecúmeno e ou catequizando a identificar-se com Jesus mediante o processo de Iniciação a fé cristã. O catequista mistagogo compreende que cada pessoa cresce progressivamente na experiência de fé e valoriza os sinais e símbolos litúrgicos da iniciação cristã (EG 166). Ainda, o catequista mistagogo deixa-se configurar pelo Mistério Pascal e faz da própria vida um percurso de experiência e testemunho deste mistério. É importante ressaltar que a vida cotidiana é o lugar de manifestação da fé, onde é possível contemplar o mistério divino e transformar as realidades para que este mesmo mistério seja vivido por seus interlocutores. Logo, a formação do catequista, é um tema muito debatido tanto pela comunidade cristã, quanto nos documentos da Igreja Católica. Os capítulos 3 e 4 do Diretório para a Catequese (2020) enfatizam de modo especial a pessoa e a formação do catequista. Este dado tem chamado muito nossa atenção e tem nos conectado com o documento *Evangelii Gaudium* (2013), do Papa Francisco, sobre o Anúncio do Evangelho no mundo atual. A preocupação do Papa por uma renovação eclesial e pastoral inalienável passa pela educação da fé e por uma pastoral missionária. O anúncio do Evangelho é um dever que incumbe a todo e qualquer batizado, pois o Espírito Santo enriquece a Igreja com diferentes carismas e nesta diversidade coloca-se o ministério do catequista.

Resumo:

A formação de catequista e seu ministério eclesial na Diocese de Cornélio Procopio, situa-se, no contexto da educação da fé. Desde a origem da Igreja o catequista foi reconhecido enquanto pessoa, que dá testemunho do seguimento de Jesus Cristo. No caminho da maturação da fé, o catequista tem dupla missão: transmitir o ensinamento e conduzir o catequizando no mistério da fé. O despertar para o discipulado se processa numa interação permanente, em que evangelizadores, catequistas e catequizandos estão empenhados numa constante renovação pessoal, eclesial e pastoral. Para isso é necessário fomentar uma formação coerente entre os

Endereço: Rua Imaculada Conceição, nº 1155 - prédio administrativo, 6º andar, Diretoria de pesquisa
Bairro: Prado Velho **CEP:** 80.215-901
UF: PR **Município:** CURITIBA
Telefone: (41)3271-2103 **Fax:** (41)3271-2103 **E-mail:** nep@pucpr.br



Continuação do Parecer: 6.087.579

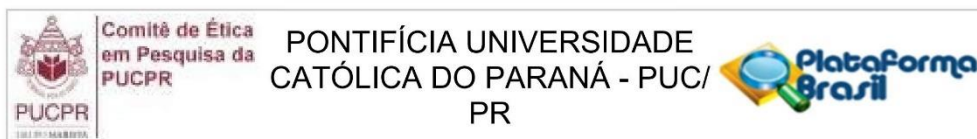
diversos estilos formativos, que habilita o catequista a apropriar-se de um método formativo e a saber aplicá-lo a si e ao seu serviço eclesial. As demandas atuais de formação da identidade e aprofundamento da vocação ao ministério do catequista norteiam esta pesquisa. A catequese como um processo permanente de educação da fé requer um itinerário pedagógico e mistagógico que envolve o ser, o saber ser e o saber fazer do catequista. Com hipótese tem-se que a comunidade cristã é lugar privilegiado de formação, pois é no seio dela que nasce e cresce a vocação específica para o serviço da catequese, nela se desenvolve a variedade dos carismas e ministérios, em que se transmite e se vive a vida de fé. Objetiva-se, deste modo, analisar a formação dos catequistas, sua identidade e vocação, as abordagens que fundamentam a pedagogia catequética e a formação permanente, averiguando a partir do método fenomenológico a contribuição do trabalho dos catequistas na vida e missão na Diocese de Cornélio Procopio. Para esta pesquisa optou-se pela pesquisa bibliográfica do tipo qualitativa e pela pesquisa de campo, tendo como base a abordagem fenomenológica proposta por Edith Stein, seguida da entrevista estruturada, com um roteiro de 8 perguntas, como instrumento privilegiado para apreender as vivências de formação de catequistas e elucidar suas condutas e o sentido que eles mesmos conferem às suas ações. A amostra da pesquisa será realizada com 20 Catequistas da Terceira Fase da Iniciação à Vida Cristã, com idade entre 20 e 60 anos, da Diocese de Cornélio Procopio. A pesquisa será realizada com catequistas que atuam com crianças entre 11 e 12 anos, que se encontram na Terceira Etapa de Formação da Iniciação à Vida Cristã, de diferentes paróquias, sendo a pesquisa autorizada pelo Bispo Dom Marcos José dos Santos e com o consentimento do pároco. Para a análise dos dados, descrição, tratamento e análise do conteúdo será utilizado o Software Atlas.ti. Os resultados da pesquisa, contribuirão para o trabalho de formação permanente dos catequistas de Iniciação à vida Cristão da Diocese de Cornélio Procopio.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

- Analisar a formação dos catequistas, sua identidade e vocação, as abordagens que fundamentam a pedagogia catequética e a formação permanente, averiguando a partir do método fenomenológico a contribuição do trabalho dos catequistas na vida e missão na Diocese Cornélio Procopio.

Endereço: Rua Imaculada Conceição, nº 1155 - prédio administrativo, 6º andar, Diretoria de pesquisa
Bairro: Prado Velho **CEP:** 80.215-901
UF: PR **Município:** CURITIBA
Telefone: (41)3271-2103 **Fax:** (41)3271-2103 **E-mail:** nep@pucpr.br



Continuação do Parecer: 6.087.579

Objetivo Secundário:

- Investigar na Diocese de Cornélio Procópio a proposta de formação da Identidade e vocação do catequista.
- Identificar a partir dos documentos da Igreja os elementos constitutivos da natureza e finalidade da formação de catequistas na Diocese de Procópio.
- Averiguar diante dos desafios atuais as abordagens que fundamentam a pedagogia catequética e a formação permanente do catequista na Diocese de Cornélio Procópio.
- Analisar a contribuição do método fenomenológico e dos escritos pedagógicos de Edith Stein no processo de formação dos catequistas.
- Averiguar com a pesquisa de campo a contribuição do trabalho formativo e da ação dos catequistas na vida e missão da Igreja de Cornélio Procópio.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Existem riscos aos participantes, pois os investigados serão submetidos a perguntas que podem ser uma situação de constrangimento, insegurança para a própria responder, uma vez que a pesquisa se dará por meio de questionário aberto, mesmo que será realizado de forma individual e particular.

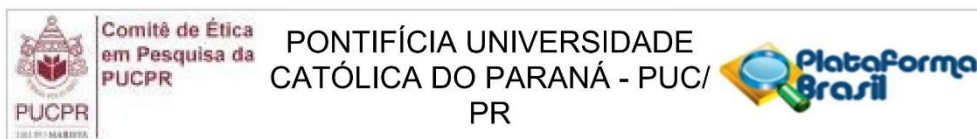
Benefícios:

Através dos resultados do questionário, será possível obter informações pertinentes para enriquecer o estudo da pesquisa do qual trará o retorno positivo direto ou indireto para a Academia e a comunidade dos catequistas na Diocese de Cornélio Procópio. Dependendo dos resultados poderá se propor à Diocese um trabalho da formação para os catequistas de Iniciação à Vida Cristã a fim de melhor atendê-los durante seu ministério.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Introdução:

Endereço: Rua Imaculada Conceição, nº 1155 - prédio administrativo, 6º andar, Diretoria de pesquisa
Bairro: Prado Velho **CEP:** 80.215-901
UF: PR **Município:** CURITIBA
Telefone: (41)3271-2103 **Fax:** (41)3271-2103 **E-mail:** nep@pucpr.br

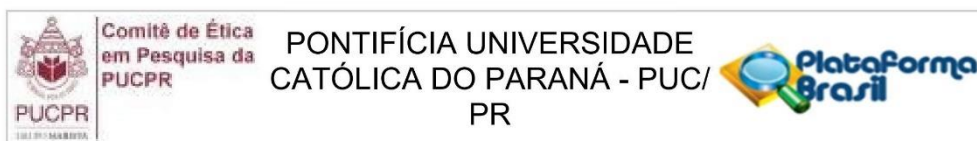


Continuação do Parecer: 6.087.579

Esta pesquisa está vinculada a Área de Concentração Ético-Social e a Linha de Pesquisa Teologia e Sociedade. A Linha de Pesquisa visa realizar pesquisa teológica, que perscrute a ação humana em contexto sociopolítico-cultural que desenvolve estudo e pesquisa sobre os seguintes temas: atividade educativa formativa; subjetividade e expressões religiosas; transformações sociais e culturais; questões de gênero; intervenção sobre a vida humana propiciada pela ciência e tecnologia; cuidado em contextos de saúde. O projeto de Pesquisa “A formação de catequista e seu ministério eclesial na Diocese de Cornélio Procopio”, situa-se, no contexto da educação da fé e, está vinculado ao Projeto de Pesquisa de “Formação Inicial e Continuada de professores de Ensino Religioso e lideranças comunitárias”, da Prof.^a Dr.^a. Clélia Peretti. A Igreja Católica desde seus primórdios

sempre reconheceu a importância do catequista, enquanto pessoa, que dá testemunho do seguimento de Jesus Cristo e coloca-se à disposição para acompanhar a caminhada de educação da fé, dos membros da comunidade, motivando-os para a adesão convicta à proposta do Evangelho. Assim, a formação catequética continuada, que se renova em seus métodos, exige também renovação no perfil do catequista como pedagogo e mistagogo, a exemplo de Jesus. No itinerário a caminho da maturação da fé, o catequista tem dupla missão: transmitir o ensinamento e conduzir o catequizando no mistério da fé. Nesse sentido, o despertar para o discipulado se processa numa interação permanente, em que os evangelizadores, catequistas e catequizandos são “crescentes e aprendentes” a vida inteira. Deste modo, o objetivo da formação consiste em levar o catequista a construir um itinerário eficaz de formação no qual, através das diversas etapas, anuncie Jesus Cristo; faça conhecer a sua vida e a história da salvação; explique o mistério do Filho de Deus feito homem por nós; ajude o catecúmeno e ou catequizando a identificar-se com Jesus mediante o processo de Iniciação a fé cristã. O catequista mistagogo compreende que cada pessoa cresce progressivamente na experiência de fé e valoriza os sinais e símbolos litúrgicos da iniciação cristã (EG 166). Ainda, o catequista mistagogo deixa-se configurar pelo Mistério Pascal e faz da própria vida um percurso de experiência e testemunho deste mistério. É importante ressaltar que a vida cotidiana é o lugar de manifestação da fé, onde é possível contemplar o mistério divino e transformar as realidades para que este mesmo mistério seja vivido por seus interlocutores. Logo, a formação do catequista, é um tema muito debatido tanto pela comunidade cristã, quanto nos documentos da Igreja Católica. Os capítulos 3 e 4 do Diretório para a Catequese (2020) enfatizam de modo especial a pessoa e a

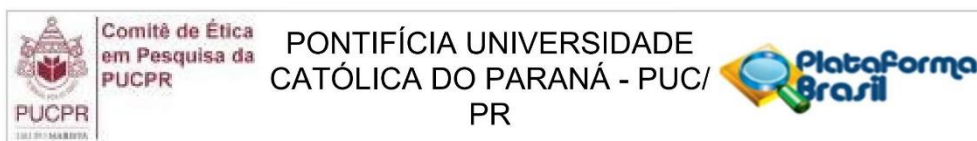
Endereço: Rua Imaculada Conceição, nº 1155 - prédio administrativo, 6º andar, Diretoria de pesquisa
Bairro: Prado Velho **CEP:** 80.215-901
UF: PR **Município:** CURITIBA
Telefone: (41)3271-2103 **Fax:** (41)3271-2103 **E-mail:** nep@pucpr.br



Continuação do Parecer: 6.087.579

formação do catequista. Este dado tem chamado muito nossa atenção e tem nos conectado com o documento *Evangelii Gaudium* (2013), do Papa Francisco, sobre o Anúncio do Evangelho no mundo atual. A preocupação do Papa por uma renovação eclesial e pastoral inalienável passa pela educação da fé e por uma pastoral missionária. O anúncio do Evangelho é um dever que incumbe a todo e qualquer batizado, pois o Espírito Santo enriquece a Igreja com diferentes carismas e nesta diversidade coloca-se o ministério do catequista. Contextualizando do tema. A publicação do Documento 107, pela CNBB, intitulado, *Iniciação à Vida Cristã: para formar discípulos missionários*, em 2017, foi um marco importante para todos os formadores da fé. A V Conferência realizada em Aparecida em 2007, deu um novo impulso para o Povo de Deus, para as lideranças, para a CNBB e para posteriores Assembleias Regionais dos Bispos. Os reflexos das perdas de fiéis católicos são perceptíveis em muitas paróquias, de modo especial, a participação na recepção dos sacramentos. Este fato causa inquietação, preocupação com o crescente número de fiéis, que deixam a Igreja católica e, não obstante a Igreja oferecer conforto espiritual e ser espaço de encontro com Deus, muitos ainda abandonam sua crença. Muitas são as dificuldades internas e externas à Igreja que levam os fiéis ao seu abandono. Os motivos variam, estes vão desde a não satisfação na busca de respostas de Deus, de algo mais profundo, de acalento aos corações inquietos até ao ato de ser acolhido em momentos de necessidades. O abandono a Igreja provém também do modo como as famílias são acolhidas e ajudadas a enfrentar a nova realidade tanto em nível pessoal quanto em nível comunitário. Percebe-se que os métodos do anúncio do Evangelho, não mais correspondem à realidade atual. O mundo marcado pela fluidez, pela liquidez, como define o sociólogo Zygmunt Bauman (2001), reclama um novo modo de agir e transmitir a fé cristã. É a mesma verdade revelada, apresentada de modo a impactar aquele ou aquela que recebe esta mensagem. A Igreja reconhece nestes últimos tempos a necessidade de uma renovação dinâmica nos processos de transmissão da fé cristã, que passa pelo crivo da experiência como o anúncio da pessoa de Jesus. A experiência de uma formação atenta a cada pessoa parece muitas vezes ofuscada diante dos modelos globais que se impõem. A tentação de se adequar a formas mesquinhas no contexto da educação da fé, é um risco que não deve ser subestimado. Pois a fé transmite-se com o encontro interpessoal e alimenta-se na esfera da comunidade. Nas décadas que se seguiram o Vaticano II, a Igreja pôde voltar muitas vezes a refletir sobre sua missão de evangelizar. Muitos são os documentos que marcam particularmente esta exigência de evangelização. Lembremos o documento do Papa São Paulo VI, *Evangelii Nuntiandi* (1975) e o documento do Papa Francisco *Evangelii Gaudium* (2013) ambos traçam um percurso no qual a Igreja não pode encontrar desculpas no compromisso cotidiano dos crentes para a

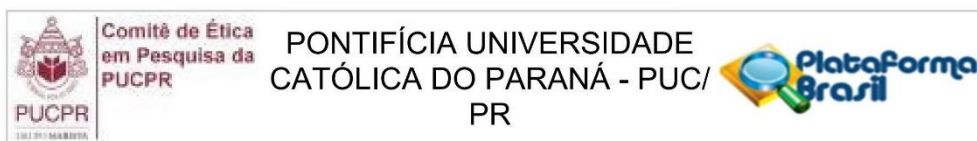
Endereço: Rua Imaculada Conceição, n° 1155 - prédio administrativo, 6º andar, Diretoria de pesquisa
Bairro: Prado Velho **CEP:** 80.215-901
UF: PR **Município:** CURITIBA
Telefone: (41)3271-2103 **Fax:** (41)3271-2103 **E-mail:** nep@pucpr.br



Continuação do Parecer: 6.087.579

evangelização. “A Igreja existe para evangelizar” (EN 14), afirmava com força São Paulo VI; “Eu sou uma missão”, reitera com clareza semelhante o Papa Francisco (EG 273). Sublinha-se, deste modo, a importância que o primeiro anúncio ou querigma deve ocupar na atividade evangelizadora e em toda a tentativa de renovação eclesial. Nesse sentido, é preciso pensar “que toda formação cristã é, primeiramente, o aprofundamento do querigma que se vai, cada vez e melhor, fazendo carne, que nunca deixa de iluminar a tarefa catequética, e permite compreender adequadamente o sentido de qualquer tema, que se desenvolve na catequese” (FISICHELLA; ARENAS, 2020, p. 4). Assim sendo, a catequese participa do desafio eclesial de tornar o reino de Deus conhecido a todos une a ação missionária, que chama à fé e está estritamente unida aos sacramentos da Iniciação Cristã. Deste modo, o anúncio do querigma requer a formação de catequistas conscientes, “verdadeiros discípulos, missionários” que sejam “sujeitos ativos de evangelização e, com base neste fundamento, habilitados pela Igreja ao Evangelho e a acompanhar e educar na fé” (DC, 2020, 132). Para o exercício desse ministério, o catequista deve sentir-se chamado, vocacionado e [...] . “... a formação ajuda-o a amadurecer como pessoa, como crente e como apóstolo” (DC, 2020, 136). O ministério do catequista instituído por Francisco, em forma de Motu Próprio tem a finalidade de orientar a formação. Em consonância com o Diretório para a Catequese expressa comunhão de “conscientizar os catequistas de que são, como batizados, verdadeiros discípulos missionários, ou seja, sujeitos ativos da evangelização e, com base nisso, habilitados pela Igreja a comunicar o Evangelho e acompanhar e educar na fé” (DC, 2020, 132). A raiz da vocação do catequista está no Povo de Deus, chamado para servir ao designo salvífico, em favor da humanidade. Portanto, o catequista possui uma identidade, alimentada pela fé com os primeiros sinais cristãos no seio da família, da comunidade e de sociedade. O Diretório assegura que “em virtude do Batismo e da Confirmação, os cristãos são incorporados a Cristo e participam de seu múnus sacerdotal, profético e régio (LG, 31; AA, 261); são testemunhas do anúncio do Evangelho com a palavra e com o exemplo da vida cristã” (DC, 2020, 110). Considera-se, portanto, indispensável uma formação adequada para atender a esta demanda. “Trata-se de formar catequistas para que sejam capazes de transmitir não apenas um ensinamento, mas também uma formação cristã íntegra, desenvolvendo tarefas de iniciação, de educação e de ensinamento” (DC, 2020, 135). É necessário para este processo uma compreensão da fé profunda, maturidade humana, participação e integração na comunidade. Que sejam acolhedores, generosos, fraternos e recebam a formação bíblica, teológica, pastoral e pedagógica para serem solícitos comunicadores da fé (AM, 2021, 8). Além disso, faz-se necessária uma formação pedagógica e metodológica que tende a desenvolver aptidões, competências, amadurecimento de uma

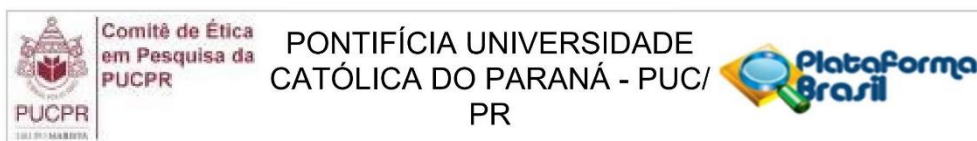
Endereço: Rua Imaculada Conceição, nº 1155 - prédio administrativo, 6º andar, Diretoria de pesquisa
Bairro: Prado Velho **CEP:** 80.215-901
UF: PR **Município:** CURITIBA
Telefone: (41)3271-2103 **Fax:** (41)3271-2103 **E-mail:** nep@pucpr.br



Continuação do Parecer: 6.087.579

mentalidade e gestão das relações educacionais no ser e no fazer (DC 2020, 143- 148). Desta maneira, o educador catequista, tem o papel de mediar a pertença à comunidade e de viver o serviço catequético num estilo de comunhão e de pertencimento a Igreja. JUSTIFICATIVA Essa pesquisa tem sua base na experiência de coordenação na área de Catequese que venho realizando na Diocese de Cornélio Procopio, com a formação de catequistas na Iniciação à Vida Cristã. Há mais de seis anos trabalho diretamente com a formação de catequistas e tenho constatado que há muitos catequistas que se dedicam a este ministério, todavia, falta-lhes uma formação catequética mais "sólida", favorável "para uma integração de todas as dimensões da pessoa" (DC, 2020, 2). Não obstante essa defasagem observa-se na Diocese de Cornélio Procopio (Paraná) e suas paróquias a preocupação pela formação permanente dos catequistas. Há um itinerário de formação continuada, porém, falta-lhes "harmonizar com sabedoria a atenção devida às pessoas e às verdades de fé, o crescimento pessoal e a dimensão comunitária, o cuidado com as dinâmicas espirituais e a dedicação ao compromisso a favor do bem comum" (DC, 2020, 135). Mais especificamente, no itinerário formativo encarece alguns elementos tais como: espiritualidade missionária evangelizadora; formação cristã integral; acompanhamento; uma pedagogia própria de um processo catequético; uma formação para a interioridade; uma formação que leve a autoformação. Encarece, na proposta de formação do catequista elementos pedagógicos que articulem as dimensões do ser, do saber, do fazer e do aprender (DC, 2020, 136). A formação é um processo que, por acontecer no íntimo do catequista, toca profundamente a sua liberdade e não pode ser reduzido apenas à instrução, à exortação moral ou à atualização de técnicas pastorais. Mas, como escreve Edith Stein (1891-1942) deve tornar o catequista consciente no desenvolvimento de competências necessárias para a comunicação da fé e para o acompanhamento do crescimento dos irmãos. Assim, além dos documentos da Igreja tomamos como base os pressupostos antropológicos e pedagógicos de Edith Stein para fundamentar a formação do catequista. No itinerário pedagógico de Edith Stein destaca-se a predisposição do sujeito, ou seja, sua abertura para o transcendente. "A fé está mais próxima da sabedoria divina do que toda ciência filosófica e até mesmo teológica" (STEIN, 1988, p. 16). Nesse sentido, a formação do catequista também passa pelo aprofundamento das dimensões psicofísica e espiritual, um processo a ser percorrido por etapas, experiências, aprofundamento da fé e acompanhamento. A empatia proposta por Edith Stein também contribuirá para fundamentar teoricamente o itinerário formativo do catequista. A empatia, como ato sui generis, é para Stein indispensável para fortificar as relações e o autoconhecimento na caminhada de fé. Dessa maneira, a ação pastoral catequética requer pessoas

Endereço: Rua Imaculada Conceição, nº 1155 - prédio administrativo, 6º andar, Diretoria de pesquisa
Bairro: Prado Velho **CEP:** 80.215-901
UF: PR **Município:** CURITIBA
Telefone: (41)3271-2103 **Fax:** (41)3271-2103 **E-mail:** nep@pucpr.br



Continuação do Parecer: 6.087.579

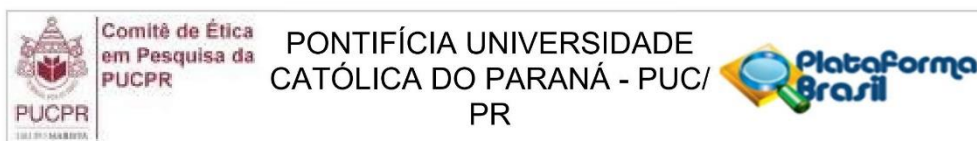
capazes de abrir-se para a realidade do outro, fazer-se próximo, colher suas vivências e a partir disso autoconhecer-se e abrir-se para o transcendente. Justifica-se, desse modo, também a escolha da abordagem

antropológico-teológica de Edith Stein, do tema da empatia, do conceito de formação e do método fenomenológico para o desenvolvimento da pesquisa de campo e para uma leitura mais adequada da vivência de formação do catequista in loco. A catequese para a Iniciação à Vida Cristã envolve diferentes faixas etárias: crianças, adolescente e adultos; diferentes lugares; pessoas com deficiência, famílias, comunidades, pastorais e movimentos. Nesta realidade comunitária, em que se faz experiência concreta da misericórdia de Deus, é possível desenhar um itinerário para novos contributos formativos.

Hipótese:

A formação do catequista compreende várias dimensões e estas não devem ser consideradas independentes uma das outras, mas, sim, correlacionadas, uma vez que tratam dos aspectos da unidade indivisível da pessoa. “A mais profunda refere-se ao ser catequista, ainda antes do fazer de catequista. A formação ajuda-o a amadurecer como pessoa, como crente e como apóstolo. Esta dimensão relaciona-se também com a concepção de saber ser com que torna evidente até que ponto a identidade pessoal é sempre uma identidade relacional. Para que o catequista desempenhe a sua função de maneira adequada, a formação estará atenta também à dimensão do saber, que implica uma dupla fidelidade à mensagem e à pessoa no contexto em que vive. Por isso, sendo a catequese um ato comunicativo e educativo, a formação não esquecerá a dimensão do saber fazer (DC, 2020, 136). Além disso, para se ter um bom programa de formação de catequistas é necessário que paróquia/comunidade cristã seja um lugar privilegiado de formação, pois é no seio dela que nasce e cresce a vocação específica para o serviço da catequese. A comunidade cristã é o lugar por excelência da formação do catequista, pois é na comunidade cristã, na variedade dos seus carismas e ministérios, em que se transmite e se vive a vida de fé. No âmbito da comunidade, amadurece-se a identidade de catequista; e toma-se cada vez mais consciência do projeto de evangelização. “A escuta das exigências das pessoas, o discernimento pastoral, a preparação, realização e avaliação concretas dos itinerários de fé constituem os momentos de um laboratório formativo permanente para cada um dos catequistas”. (DC, 2020, 134).

Endereço: Rua Imaculada Conceição, n° 1155 - prédio administrativo, 6º andar, 2 Diretoria de pesquisa
Bairro: Prado Velho **CEP:** 80.215-901
UF: PR **Município:** CURITIBA
Telefone: (41)3271-2103 **Fax:** (41)3271-2103 **E-mail:** nep@pucpr.br



Continuação do Parecer: 6.087.579

Critério de Inclusão:

Ser catequista com idade entre 20 e 60 anos que atuam com catequizandos da Terceira Etapa da Iniciação à Vida Cristã.

Critério de Exclusão:

Por algum motivo físico, emocional e/ou social se opor ao preenchimento do instrumento de pesquisa.

Metodologia de Análise de Dados:

Para a análise dos dados, descrição, tratamento e análise do conteúdo será utilizado o Software Atlas.ti. O Material das entrevistas será conservado com o pesquisador.

Desfecho Primário: Será realizado num primeiro momento a seleção dos sujeitos da pesquisa e em seguida serão informados sobre o tipo de entrevista.

Desfecho Secundário:

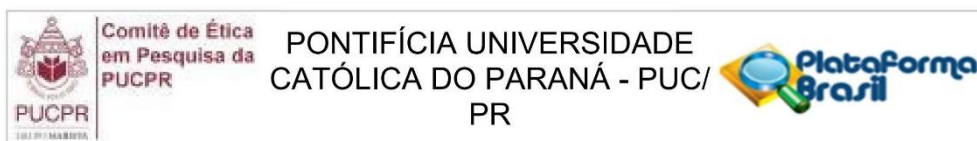
Os sujeitos participantes da entrevista assinam TCLE e será agendada a entrevista com cada participante.

Tamanho da Amostra no Brasil: 20

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Ver item " Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações "

Endereço: Rua Imaculada Conceição, nº 1155 - prédio administrativo, 6º andar, Diretoria de pesquisa
Bairro: Prado Velho **CEP:** 80.215-901
UF: PR **Município:** CURITIBA
Telefone: (41)3271-2103 **Fax:** (41)3271-2103 **E-mail:** nep@pucpr.br



Continuação do Parecer: 6.087.579

Recomendações:

Não há recomendações

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O projeto está aprovado

Considerações Finais a critério do CEP:

Lembramos aos senhores pesquisadores que, no cumprimento da Resolução 466/12, o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) deverá receber relatórios anuais sobre o andamento do estudo, bem como a qualquer tempo e a critério do pesquisador nos casos de relevância, além do envio dos relatos de eventos adversos, para conhecimento deste Comitê.

Salientamos ainda, a necessidade de relatório completo ao final do estudo. Eventuais modificações ou emendas ao protocolo devem ser apresentadas ao CEP-PUCPR de forma clara e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificado e as suas justificativas.

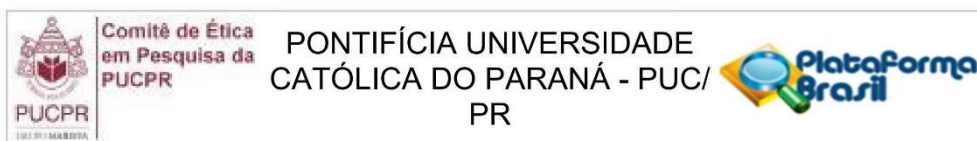
Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2034872.pdf	04/05/2023 21:43:24		Aceito
Outros	Carta_resposta2.pdf	04/05/2023 21:41:59	KEDMA APARECIDA ALVES SOARES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	17/04/2023 18:32:51	KEDMA APARECIDA ALVES SOARES	Aceito
Parecer Anterior	PB_PARECER_CONSUBSTANCIADO_CEP_5995464.pdf	17/04/2023 18:31:01	KEDMA APARECIDA ALVES SOARES	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.pdf	17/04/2023 18:23:44	KEDMA APARECIDA ALVES SOARES	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_detalhado_Brochura_Investigador.pdf	17/04/2023 18:23:21	KEDMA APARECIDA ALVES SOARES	Aceito
Folha de Rosto	01.pdf	17/03/2023 11:28:54	KEDMA APARECIDA ALVES SOARES	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Endereço: Rua Imaculada Conceição, nº 1155 - prédio administrativo, 6º andar, Diretoria de pesquisa
Bairro: Prado Velho **CEP:** 80.215-901
UF: PR **Município:** CURITIBA
Telefone: (41)3271-2103 **Fax:** (41)3271-2103 **E-mail:** nep@pucpr.br

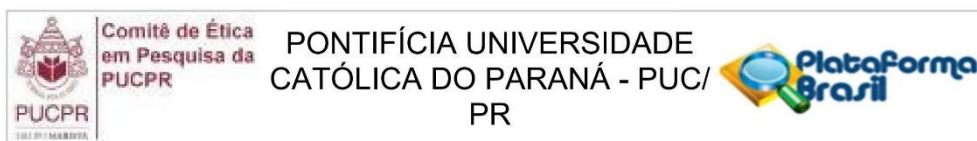


Continuação do Parecer: 6.087.579

Metodologia Proposta:

Optou-se para esta pesquisa pela abordagem fenomenológica proposta por Edith Stein, seguida da entrevista estruturada, de tipo qualitativo, com um roteiro de 8 perguntas, como instrumento privilegiado para apreender as vivências de formação dos catequistas e elucidar suas condutas e o sentido que eles mesmos conferem às suas ações. Trata-se de uma modalidade de pesquisa que se efetiva na aproximação presencial ou virtual de um determinado contexto para ver, ouvir, sentir o que ali se manifesta pelo ser e pelas suas vivências. A análise das vivências implica uma atitude de recepção e ativação dos sentidos para colher o que fenômeno doa ao sujeito que o recebe. Esse processo dá-se no preenchimento da intuição, na relação intersubjetiva e na empatia. Cabe ressaltar que esse conhecimento é parcial, pois não abarca de forma plena o todo o sentido do objeto. É um processo, um movimento de busca contínua de aproximação da essência que preenche o sentido. Portanto, sabe-se que a riqueza colhida, por meio Roteiro de perguntas/entrevista, é parcial porque se refere a um olhar sobre este conteúdo. Para efetivar a análise das vivências relatadas e descritas, é preciso que sejam utilizadas estratégias adequadas para captar o fenômeno: escuta ativa, observação dos movimentos corporais, registro gráfico ou fotográfico, entre outros. No processo de análise, é preciso buscar, nas falas, nas imagens ou em qualquer outro recurso dado pelo objeto de pesquisa, a essência do conteúdo das entrevistas e nestas encontrar as reincidências, as convergências e divergências que permitem extrair temas reveladores. O campo da pesquisa, é área de formação dos catequistas. PARTICIPANTES A amostra da pesquisa será realizada com 20 Catequistas da Terceira Fase da Iniciação à Vida, com idade entre 20 e 60 anos, da Diocese de Cornélio Procopio. A pesquisa será realizada com catequistas que atuam com crianças entre 11 e 12 anos, que se encontram na Terceira Etapa de Formação da Iniciação Cristã, de diferentes paróquias, sendo a pesquisa autorizada pelo Bispo Dom Marcos José dos Santos e com o consentimento do pároco. A realização pesquisa seguirá um roteiro com 8 perguntas abertas, respondidas individualmente, em lugar reservado, com duração de 3h acompanhada pelo responsável da pesquisa.

Endereço: Rua Imaculada Conceição, nº 1155 - prédio administrativo, 6º andar, Diretoria de pesquisa
Bairro: Prado Velho **CEP:** 80.215-901
UF: PR **Município:** CURITIBA
Telefone: (41)3271-2103 **Fax:** (41)3271-2103 **E-mail:** nep@pucpr.br



Continuação do Parecer: 6.087.579

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

CURITIBA, 29 de Maio de 2023

Assinado por:
Ana Carla Efig
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Imaculada Conceição, n° 1155 - prédio administrativo, 6º andar, Diretoria de pesquisa
Bairro: Prado Velho **CEP:** 80.215-901
UF: PR **Município:** CURITIBA
Telefone: (41)3271-2103 **Fax:** (41)3271-2103 **E-mail:** nep@pucpr.br